DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

SOMA

SECRET

900

Come take a

Volcom São Paulo
SP BRASIL

Al. Lorena, 1835 São Paulo SP

short walk off a long beach...

www.volcomartloft.com

ELEMENT ADVOCATES
FORCES OF NATURE

ELEMENT ADVOCATE BITÃO

Fabio Amad - Nuances urbanas, curvas acentuadas e asfalto são apenas parte da vasta obra captada nas últimas décadas por este fotógrafo e skatista. **Bitão**, como é mais conhecido, acompanhou e participou da evolução do Skate desde a infância, mas teve suas águas divisoras entre o esporte e a fotografia nos anos 90. Sempre em busca de uma visão diferenciada para manobras únicas e ímpares, seus registros fotográficos acabaram sendo também valorizados pelo contexto histórico da imagem, pois acompanhou alguns ícones mundiais em seus tempos primórdios. Considerado **não somente um atleta do segmento**, mas também **um dos grandes profissionais da fotografia atual**, tem seu trabalho exposto em diversos editoriais nacionais e internacionais. Seu processo de criação, tem forte influência da música e da arte urbana. Onde esses elementos são usados como fonte de inspiração e também se tornaram um estilo de vida. Atualmente divide seu tempo andando de skate, fotografando, trabalhando na customização de shapes e diversos projetos, além da publicação de seu primeiro livro de fotos, chamado **365Graus**.

elementskateboards.com/advocates

Bitão

FOTÓGRAFO | SKATEBOARDER | ARTISTA

Alguém tinha que fazer o “trabalho sujo”...

Parece até que foi ontem que estávamos reunidos em nossa híbrida mesa
de reunião/ping-pong para discutir o que seria da primeira edição da revista +Soma.
O sentimento geral dos envolvidos era um misto de empolgação, euforia e, é claro,
aquele friozinho na barriga tradicional de quem vai começar um novo projeto.

Não existia outra saída. Não fazia o menor sentido pra gente que em uma cena cultural
tão rica, criativa e efervescente ainda não existisse um projeto como a +Soma.
Ficou muito claro que essa era uma missão da qual não poderíamos mais fugir.

Porque se ninguém ainda tinha feito, alguém tinha que fazer.

Um ano se passou e seis edições, incluindo essa que você está lendo nesse momento,
foram lançadas. São milhares de exemplares impressos e distribuídos gratuitamente
que simplesmente “evaporam” dos pontos de distribuição em poucos dias.
E para nós não existe reconhecimento melhor que esse.

E se você está segurando essa edição na mão, considere-se com sorte,
já que, além de distribuirmos mais uma edição com essa qualidade de conteúdo,
papel e impressão, resolvemos celebrar nosso primeiro aniversário encartando um CD,
também de graça, com catorze das melhores bandas/artistas independentes brasileiros,
só para ver se conseguíamos fazer as revistas desaparecerem ainda mais rápido.

Brincadeiras à parte, em meio ao atual marasmo que se encontra o mercado fonográfico
tupiniquim achamos que era hora de aumentar nossos esforços, já que um dos principais papéis
do projeto é o de amplificar e fortalecer a cena. E é uma enorme satisfação conseguir
viabilizar em uma parceria inédita entre a +Soma, Nike e RedBull,
o primeiro volume da coletânea +Soma Amplifica.

Coloque o disco para girar, aumente o volume, devore as páginas dessa edição mais do que especial
que conta com KL Jay e sua “fita mixada”, a arte do mineiro Eduardo Recife, a voz da experiência
do polêmico Nelson Leirner, as grandes viagens de Above, a música futurista de Mike Ladd,
a relação de Renata Lucas com a cidade e muito mais!

Até a próxima,

+SOMA

+CONTEÚDO

Shuffle 14

Na Kombosa 16

Kl Jay, Rapaz Comum 26

Eduardo Recife . Sampleando Imagens 32

SX-70 40

Nelson Leirner . Ser ou Não Ser Artista? 48

Low_res nyc trucks and vans mobile cam shots 56

+ Soma Amplifica Volume 01 58

Look Above . Um olhar para cima 62

Por trás das tramas 70

A música futurista de Mike Ladd 76

Camadas da Cidade 80

O mar do Mike Watt 86

Holofortes Reversos 90

Pequenos Prazeres 94

Reviews 96

Versões e Subversões 99

Quem Soma 100

Oi, velocidade 102

Dias de um fantasma suicida 104

KAT VON D | DHARMA

VONZIPPER

O projeto **+Soma** é uma iniciativa da **Kultur**,
estúdio criativo com sede em São Paulo.
Para informações acesse: **www.maissoma.com**

Iniciativa .

Kultur Studio
Rua Sampaio Gois . 70 . Vila Nova Conceição
04511 070 . São Paulo . SP
www.kulturstudio.com

REVISTA SOMA #6
Julho 2008

Fundadores . **Kultur**
Alexandre Charro, Fernanda Masini, Rodrigo Brasil e Tiago Moraes

Conselho Editorial .
Alexandre Vianna, Flavio Samelo, Helena Sasseron,
Marcelo Fusco e Rafael Jacinto

Editor . **Tiago Moraes**

Redação . **Arthur Dantas**

Revisão . **Mateus Potumati**

Projeto gráfico . **Fernanda Masini**

Arte . **Fernanda Masini e Tiago Moraes**

Fotografia . **Cia de Foto**

Conteúdo áudio-visual .
Alexandre Charro e Luciano Valério

Colunistas .
Gustavo Mini, Keke Toledo, Lu Krás, Tiago Nicolas e Breno Tamura

Gostaríamos de agradecer os artistas Above, Binho Barreto, Chivitz, Cristiano Trindade "Gota", Danielone, Eduardo Recife, Estúdio Colletivo, Fernando Ribeiro, Nelson Leirner, Rui Amaral, à Cláudio Martini & Zarabatana Books, Barracuda Editora, Companhia das Letras, Rocco Editora, Cassius Medauar & Pixel Media, Conrad Editora, Desmonta Discos, Fred & Submarine Records, Rodrigo Brandão, Espião, Estúdio El Rocha, SESC SP, Galeria A Gentil Carioca, Galeria Luisa Strina, Galeria Fortes Villaça, Galeria Brito Cimino, Graziela Kunsch, Howard Wuelfing, Hisham Bharoocha, Jesper Eklow e Matador Records, Simone Nunes, Neon, V.Rom, Maria Garcia, Alexandre Herchcovitch, todos artistas da Amplifica, as bandas selecionadas para coletânea +Soma Amplifica Volume 1 e à todos que enviaram material para resenha, aos anunciantes e aos pontos de distribuição da revista.
Nosso mais sincero muito obrigado!

Agradecimento especial a todos que direta ou indiretamente colaboraram para que essa revista se tornasse realidade. Ao conselho editorial, a todos os colaboradores de texto, foto, arte, e a todos da **Cia de Foto**.

Todos os artigos assinados e fotografias são de responsabilidade única de seus autores e não refletem necessariamente a opinião da revista.

Publicidade . **Cristiana Namur Moraes**
T. 55 11 3849.2045 . cris@kulturstudio.com

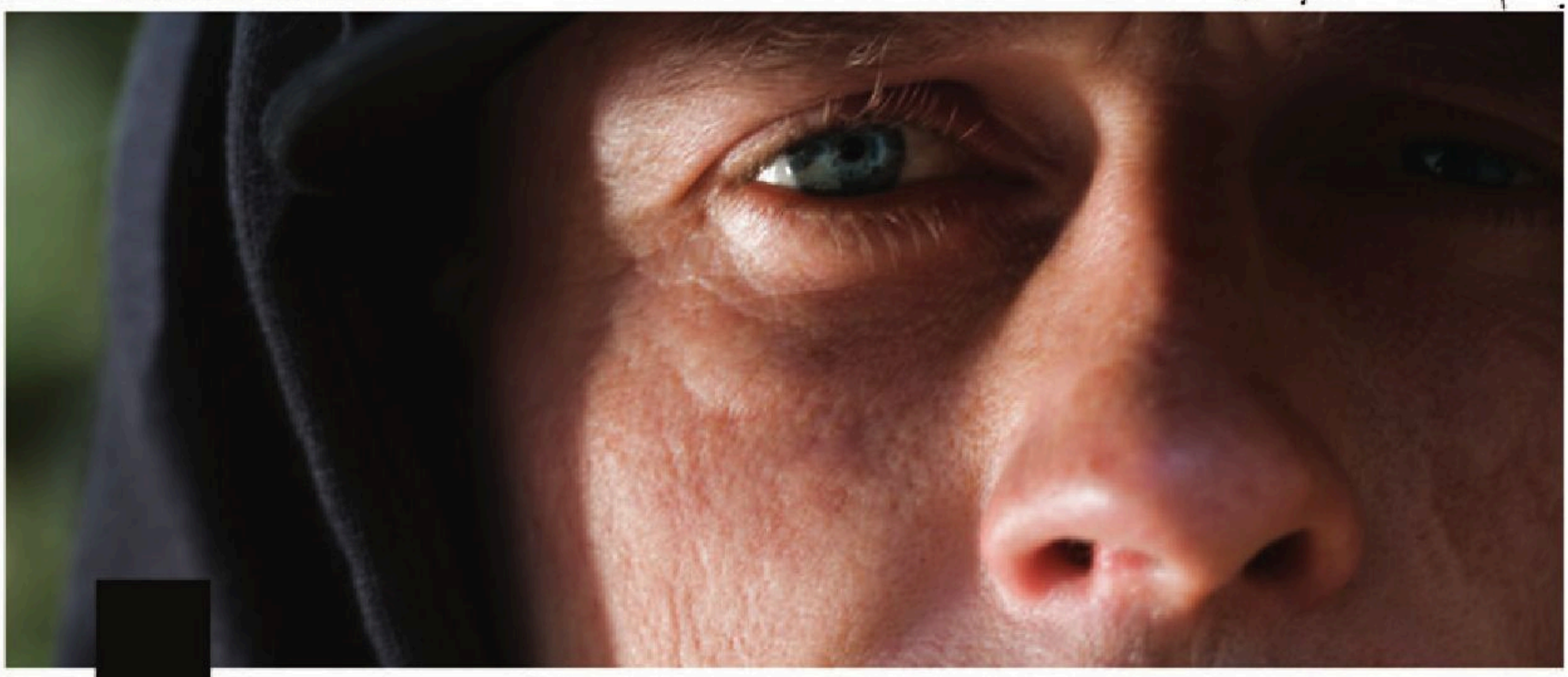
Para anunciar ou enviar material para review, entre em contato através do telefone **11 3842.6717** ou escreva para **info@kulturstudio.com.**

Capa
Eduardo Recife

Periodicidade . **Bimestral**
Distribuição . Gratuita em lojas, restaurantes, galerias de arte, museus, centros culturais, shows, eventos e casas noturnas.
Veja os endereços em . **www.maissoma.com/info**
Impressão . Prol Gráfica
Tiragem . 10.000 exemplares

IT'S WHAT'S INSIDE

LOOK CLOSER.



nixon

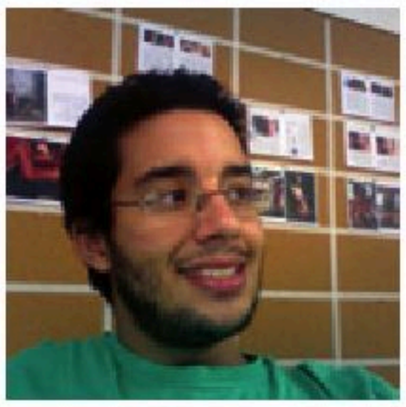
PREMIUM ACCESSORIES

DANNY WAY PRESENTS **DELTA PU**

MECANISMO DIGITAL CUSTOMIZADO, COM AS FUNÇÕES DE BÚSSOLA E ALTÍMETRO, POSICIONAMENTO DE DISTÂNCIA E ALTURA COM A UTILIZAÇÃO DE UM SENSOR BAROMÉTRICO, ALÉM DE SENSORES DE DESNÍVEL E VELOCIDADE. FUNÇÕES DE FÁCIL MANUSEIO E TECNOLOGIA "DIRECT DIAL". CAIXA EM AÇO INOXIDÁVEL, VISOR EM CRISTAL E PULSEIRA EM PU REFORÇADO COM FECHO CUSTOMIZADO. O MELHOR ACESSÓRIO NAS ALTURAS.

NIXONNOW.COM

+COLABORADORES



Lauro Mesquita

Jornalista, Lauro edita
a revista ELEELA.
Nas horas vagas do extenuante
trabalho no mundo pornô,
ele escuta um som e aproveita
a vida em São Paulo, Pouso Alegre
e na idílica Heliodora.
Apesar de negar com veemência,
é roqueiro brasileiro nato.

André Maleronka

André é repórter da revista
ELEELA e colaborador
da Rolling Stone Brasil.

Tiago Mesquita

Tiago nasceu em Pouso Alegre (MG).
Trabalha como crítico de arte desde 1999.
Escreveu ensaios para livros sobre artistas
como Cassio Michalany, Jorge Guinle,
Fábio Miguez, Sérgio Sister, entre outros.
Atualmente faz mestrado no
departamento de Filosofia USP.
Seu retrato é de Ana Prata.
.

Helena Sasseron

Produtora e stylist
nascida em SP, acredita no
“cada um com seu cada qual”.
Filmes e arte sempre que
sobra um tempo.
Música o tempo todo.

Breno Tamura

É quadrinhistra, ilustrador,
dj nas noites vagas, viciado
em videogame e ainda tem duas
bandas, a Brendon Toshiro e Húngaro.
Quando não está com preguiça
faz trabalhos com vídeos, mas na maior
parte do tempo está desenhando
ou jogando vídeogame.

Renato Silva

Editor do Fanzine Colateral
e estudante de Letras na
Universidade de São Paulo.
Sua vida se resume a arte,
música, literatura e
nada de televisão.

Fernando Martins

É skatista e fotógrafo
autodidata.
Nasceu no Rio de Janeiro
mas escolheu a cidade de
São Paulo para viver."

Daniel Cacciatore Angelucci

Formado em desenho industrial pela
FAAP, é envolvido com graffiti e tatuagem
desde 1995. Conhecido como Danielone,
desenha desde criança influenciado por
filmes de gangues, fliperamas e capas de
discos de punk, hardcore e metal, mistura
conhecida como crossover.
Faz estampas para marcas de surf e skate
e algumas de suas telas podem ser vistas
na galeria Choque Cultural. E também
é vocalista das bandas Presto? e R.H.D.

desmonta.

Selo/produtora
vem trabalhando com os artistas
M.Takara, Kiko Dinucci, Josh Abrams,
Joe Lally, Jeff Parker, Duo Moviola
e Trio Esmeril.

novos lançamentos:

M.TAKARA
"ocupado como
gado com nada
pra fazer
lp 12"

KIKO DINUCCI
& BANDO AFROMACARRÔNICO
"pastiche nagô"
cd

desenho: kiko dinucci

desmonta.com
myspace.com/desmonta

11 84202577

5HUFFL&

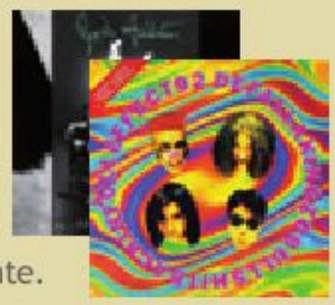
POR TIAGO NICOLAS

Rafael Lopes é menino do Rio, ou melhor: poniboy do Rio. Tenho preguiça de citar aqui todas as bandas das quais ele participou e todos os instrumentos que toca, mas a maioria das pessoas devem conhecê-lo melhor como o guitarrista de dreadlock do Planet Hemp e/ou como o "tio" emo do Polara. Atualmente está com uma nova banda, chamada Aspen, além de seu projeto poniboy. O Rafael colecionador, assim como o músico, passa por várias fases, de um extremo ao outro, e isso fez e faz com que ele tenha uma discoteca bem variada e interessante. Fiz com que ele colocasse na roda os discos mais importantes de cada uma dessas fases.

Disco da sua fase headbanger?
Minha fase banger começou com **Metallica**. Todo mundo fala muito do *Master of Puppets* ou do *Kill'em All*, mas o disco de thrash que eu mais pirei foi o *Ride the Lightning*. Aprendi a tocar guitarra tirando os sons desse disco e até hoje sei tocar algumas músicas.

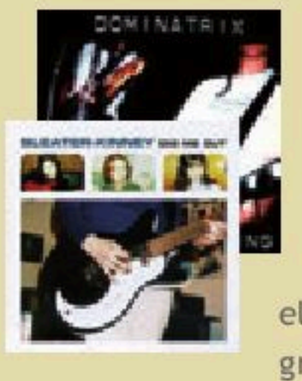
Disco da fase emo?
Analphabetapolothology, do **Cap'n Jazz**, sem mais o que dizer.

Disco da fase funk-o-banger?
Bom, eu nunca pirei muito em funk-o-metal, nem de Red Hot Chili Peppers eu gostava. O disco mais foda que se aproxima disso é o *Nothing's Shocking* do **Jane's Addiction**, e no Brasil o *Kingzofbullshit* do **De Falla**, que também foi bem marcante.



Disco da fase lurch?
Essa fase veio junto com a fase grunge e a shoegaze. Teve uma coletânea que saiu no Brasil, chamada *Another Kind of Noise* que era bem legal, mas a banda que eu mais curtia desse estilo era o **Swervedriver** - o disco *Raise* era demais.

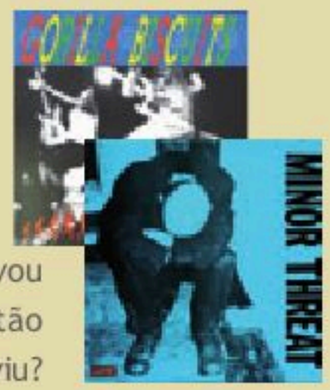
Disco da fase grunge?
Difícil escolher um disco dessa época porque foi uma das mais marcantes para mim, tem tanta coisa boa... Acho que o *Superfuzzbigmuff* do **Mudhoney** foi o primeiro que eu escutei e foi muito foda. Depois de escutar esse disco, barulho virou uma coisa fundamental para mim.



Disco da fase riot grrrl?
Vou citar dois. Um brasileiro que era bem legal, o *Girls Gathering* - primeiro do **Dominatrix**. Gastei a demo delas de tanto ouvir. Quando eu tinha a Spicy (antigo selo do Rafael), depois de lançar o disco do Again, queria lançar o disco delas, mas elas preferiram lançar por outro selo. Um disco gringo que também ouvi até gastar foi o *Dig Me Out* do **Sleater-Kinney**. *"three things you should learn, riot girls never die, every girl is a riot girl, stop boys violeeeennce..."*

Disco da fase shoegaze?
(risos) Bom, *Loveless* do **My Bloody Valentine** é um clássico, mas o que eu mais escutei de todos foi o *Lazer Guided Melodies* do **Spiritualized**.

Disco da fase straight edge hardline?
Vixe, essa fase pegou todo mundo na época, né? Eu escutei muita coisa boa, mas muito lixo também. Só com o tempo consegui distinguir o que era autêntico do que era embalo, por isso fico com o *Start Today* do **Gorilla Biscuits**. Não vou citar o **Minor Threat** porque para mim eles estão acima de tudo isso. Mas eu nunca fui sxe, viu?



Disco da fase atual, folk?
De tudo que eu ando escutando, destaco uma banda da Filadélfia chamada **Espers**. O último disco deles, *Espers II*, é excelente. Tem também Bonnie Prince Billy, Vetiver, Devendra, etc.

A minha fase preferida dele?
Tempestade Bipolar, do **Polara**.

Na Kombosa

Por Tiago Moraes

Nesta edição, dando início ao clima festivo de comemorações de um ano da +Soma, resolvemos aproveitar a oportunidade e prestar uma homenagem mais do que justa à Kombi, esse veículo charmoso que acaba de completar 50 anos no Brasil.

O simpático nome foi criado pelos criadores germânicos logo após a Segunda Guerra Mundial e é uma abreviação da palavra alemã Kombinationsfahrzeug, que no bom e velho português significa "veículo combinado ou multiuso", em uma tradução livre.
E a boa e velha "Kombosa", como foi carinhosamente apelidada por aqui, faz jus ao nome, sendo desde o início de sua longa e democrática história a mais querida entre hippies, punks, surfistas, estudantes, feirantes, e a preferida no transporte de trabalhadores e cargas pesadas. Uma trabalhadora, guerreira e incansável.

Ao invés de mandar ela para uma cirurgia plástica ou aplicar um botox para dar aquela rejuvenescida, convidamos Binho Barreto, Chivitz, Cristiano Trindade "Gota", Danielone, Estúdio Colletivo, Fernando Ribeiro, Kultur Studio e Rui Amaral para darem uma "tunada" em uma réplica em miniatura da perua. **Confira o resultado!**

NA KOMBOSA CONTA COM O APOIO DA NIKE QUE, ASSIM COMO A +SOMA, NASCEU DA TÍPICA ENERGIA E PAIXÃO QUE MOTIVA JOVENS NO MUNDO TODO À CORRER ATRÁS DE SEUS SONHOS E FAZER ACONTECER. UM ESPAÇO DEMOCRÁTICO, QUE CELEBRA A ARTE TRAZENDO A CADA EDIÇÃO NOVOS ARTISTAS E IDÉIAS QUE INSPIRAM.

BUZZCOCKS
AGNOSTIC FRONT
BAD RELIGION
DESCENDENTS
YOUTH OF TODAY
CIRCLE JERKS
SOCIAL DISTORTION
THE MEAT PUPPETS
DAG NASTY
CRO-MAGS
EXPLOITED
STIFF LITTLE FINGERS
MISFITS
THE MISFITS
FRIDAY DEC. 10
PIAST CLUB
BAD BRAINS
SONIC YOUTH
BLACK FLAG
CLASH
DEAD KENNEDYS
SUNDAY NOV. 24
AGE OF ALIENATION
HALF LIFE
FRIDAY PIAST

Por Chivitz

Por Danielone

Por Fernando Ribeiro

Por Cristiano Trindade “Gota”

Por Binho Barreto

Por Rui Amaral

Por Estúdio Colletivo

KLJAY, Rapaz Comum

Por Arthur Dantas. Colaborou Tiago Moraes

“Se o rap fosse um partido, pra mim, ele seria o presidente!”

A frase foi dita pelo DJ Pampa, do grupo Relatos da Invasão, e o presidente em questão seria Kléber Geraldo Lelis Simões, mais conhecido como KL Jay, DJ do grupo Racionais MCs.

Chamá-lo somente de DJ do Racionais - o que não é pouco, dado que o grupo é desde sempre o mais importante da história do rap nacional - é reduzi-lo ao seu lado “celebridade”: KL Jay é pai de cinco filhos, administra em parceria com Xis a 4P - selo, loja de roupas e salão de cabeleireiros -, cuida de parte dos negócios do Racionais MCs e ainda tem seu próprio selo, a Equilíbrio Discos. Sobretudo, é um dos personagens mais queridos do rap nacional. Conversando com ele, fica fácil entender por quê: bastante articulado, KL Jay sorri, brinca, mas sabe defender seus pontos de vista de forma enfática. E, apesar de ser reconhecido nacionalmente desde o estrondoso sucesso do álbum *Sobrevivendo no Inferno* (1997) e de sua passagem como VJ pelo programa Yo!, da MTV Brasil, mantém a simplicidade de quem um dia foi office-boy (“Mesmo com ginásio completo, fazendo contas bem etc., não conseguia emprego melhor. Foi o rap que me fez ver o preconceito, o racismo, o que o sistema faz.”).

Em determinado ponto de nosso papo, falamos sobre Chuck D, lendário líder do Public Enemy. “Ele é muito humilde, trata todo mundo bem. Esse é o comportamento dos reis né? A humildade.” A descrição serve perfeitamente para definir o próprio KL Jay, que continua sendo o bom e velho “rapaz comum” da Zona Norte de São Paulo. “Eu estava preparado para um possível sucesso. A gente [os membros do Racionais] tava vacinado sobre isso, porque via pessoas que ficaram pretensiosas por causa da fama. O sistema faz isso: tem que andar com segurança, com carro do ano, engordar, mudar o cabelo, andar com jóias... Eu viajei com o lance de dinheiro, caí um pouco no jogo também. Mas sempre tive pra mim que eu queria continuar indo beber meu suco na rua, andar de Metrô, de ônibus, quero continuar andando no bairro. O sucesso vem e você tem que saber lidar com esse veneno. Vejo um monte de gente se perder,” reflete o DJ.

A entrevista teve como mote o lançamento de sua mixtape *Fita Mixada Rotação 33*, seu segundo trabalho-solo (o primeiro foi o álbum duplo *KL Jay na Batida, Vol. III*, de 2004), contando com participação de nove MCs e redesenhando faixas previamente lançadas de artistas como Xis, MV Bill, RZO, Sabotage, SP Funk, SNJ, GOG e 509-E, por exemplo. O trabalho começa com um improviso ao vivo de Mano Brown e Ice Blue, em um show em Porto Alegre, abrindo alas pra faixa Bem Pior, do primeiro álbum do Xis, devidamente retrabalhada por KL Jay. No meio, ainda sobra um toque do DJ para o grupo RZO: misturando trechos de faixas diversas, ele manda um recado para o lendário grupo da Zona Oeste – está na hora de voltar. O disco é curto - na medida para animar qualquer festa por aí. Nada para se espantar, já que KL Jay é um dos melhores DJs da noite paulistana desde sempre. ⏩

Você usou só discos de rap nacional pra fazer esse álbum?
Quis fazer um lance autêntico. Fiz uma seleção de rap nacional e chamei alguns MCs para cantar em cima das partes instrumentais. Fiquei fascinado com a mixtape do FunkMaster Flex. Ele colocava a Erykah Badu cantando em cima de base do Mobb Deep, a Lauryn Hill cantando em cima de base do Busta Rhymes... Por isso eles são os melhores. Qual é a mentalidade deles? Tamo junto no *bang*, meu! A música é nossa! Os/as MCs cantavam em cima das bases, e aquilo combinava muito com cada um. Aí usei só rap nacional, porque tem muita base legal pra usar.

Qual foi o vinil mais antigo e o mais recente que você usou?
O mais antigo foi o som *Bem Pior* do Xis, e o mais novo foi um do ParteUm.

E você fez tudo ao vivo?
Sim. Porque a maioria das mixtapes são editadas, e eu queria ser autêntico. Normalmente o pessoal faz algumas passagens ao vivo e depois vai montando.

Você foi estudando, selecionando os discos...
É, e pensando nos MCs pra cantar em cada base. E foi o Márcio, ex-Código 13, que agora tem uma loja na galeria, que me chamou um dia quando andava por lá e falou: "Faz uma mixtape, a molecada tá precisando, tem que movimentar a cena!" Eu falei, "Você acha mesmo?", e ele "vai lá e faz, você é o KL Jay, pô! (risos)". Depois disso, comecei a selecionar uns discos em casa, escutar um monte de coisa, treinar pra cacete fazendo a passagem de um som para o outro. Daí pensei em fazer ao vivo, sem usar computador. Como DJ, não concordo com isso; computador é para outras coisas. Eu acho que DJ tem que fazer mixtape sem corte, na hora. Aí chamei o pessoal da 13 Produções [produtora que fez o DVD que acompanha o CD] para filmar. Selecionei os MCs e dei as bases para eles pensarem no que iam cantar. Eu pratiquei muito, marquei o estúdio e fui.

Vai fazer o show com todos esses caras?
Já fiz três shows desse disco. Os caras vão lá e fazem na hora. No disco, eu gravei a minha parte primeiro, depois o pessoal foi encaixando vocal. Eu gravei em dois dias – em um deles saí [do estúdio] umas cinco da madrugada. Porque você erra, tem que gravar vários takes. Eu errava e começava do zero. Teve *take* que faltavam cinco minutos pra acabar e eu errava. Depois do primeiro dia, eu mostrava para os amigos e eles falavam que tava bom, mas eu sou muito autocrítico e voltei mais um dia, porque não tava do jeito que eu queria.

E a seleção dos MCs? Você escolheu como?
Pelo flow e, sobretudo, pela admiração. E muita gente ficou de fora, porque senão ia ter duas horas. Mas eu gostei de fazer essa parada e já tô armando a próxima (risos). No mesmo formato, mas mais dinâmico e agressivo.

Vai sair em vinil?
Como? Fecharam a fábrica! Conforme for as vendas, lanço uma edição em vinil. Mando pra uma Tuff Gong da vida fazer, com os Marley (risos). Porque teve gravação e filmagem, gastei uma grana.

Quanto vai custar o CD?
R$ 35, CD e DVD em duas mídias diferentes. A capa ficou cara, porque tive cuidado em fazer um lance bonito.

Projetos estão sempre no horizonte do DJ de 39 anos. Em 2009, ele pretende lançar um Rotação 33 na Batida Vol. 2, misturando a mixtape com seu trabalho de produtor, o álbum da cantora Flora Mattos, pela Equilíbrio Discos, sem contar que, pelo que se divulga por aí, 2008 ainda conhecerá um novo trabalho dos Racionais MCs, ainda sem nome e data definida de lançamento. Na internet, duas pré-produções deste novo álbum já estão disponíveis: Tá na Chuva e Mulher Elétrica, um sagaz elogio às mulheres escrito por Mano Brown. Comento com KL Jay como algumas amigas gostaram dessa música: "A mulherada chapa com esse som! Minhas amigas mandam mensagem pro meu celular 'Tamo indo na [festa semanal comandada por KL Jay] Sintonia, uma hora e meia na frente do espelho'", citando trecho da nova canção dos Racionais, que caiu na internet e na boca dos fãs. Falo sobre essa qualidade única de Mano Brown, de criar frases que ganham as ruas e viram bordão. "O Brown usa palavras populares, fáceis, mas que ninguém usa. A poesia dele é simples. Pra mim, ele é o maior MC do mundo", diz.

Tentamos arrancar algo sobre o novo álbum do grupo. KL Jay responde enfático, com um largo sorriso: "Não posso falar nada! Só vou te falar que tem só música monstro, e tá muito pra frente. Muita gente vai estranhar". Falamos se esse longo intervalo entre um disco e outro foi necessário. "Sim, melhorou as batidas, estamos com outras idéias... Não dá pra ficar fazendo a mesma coisa." Falo que, pelas produções de Mano Brown para outros projetos, imagino que o disco esteja atrelado a um estilo próximo da canção 1 Por Amor 2 Por Dinheiro. "Eu ia falar disso. Você tá esperto, hein", diz KL Jay, caindo na risada. Dessa forma, parece que os Racionais vão continuar na "redenção pelo funk", como disse Mano Brown na canção "Eu Sou Função", do rapper Dexter. ⏩

Eu queria que você contasse um pouco da tua trajetória até virar DJ.
Quando tinha uns 11 anos, comecei a escutar rádio AM, junto com minha mãe. Aqueles sons... Roberto Carlos etc. Não me identificava muito, não. Meu pai tinha um rádio da Sony que ele tinha o maior cuidado. Mexia escondido no rádio e vi um botão escrito FM. Quando comecei a ouvir aquilo, Funk anos 80, me identifiquei de cara. Ouvia as rádios Antena 1, Alfa, Manchete, Excelsior, tocavam Kool and The Gang, One Way, Gap Band.

Ainda rolava disco music?
Já tinha passado. Isso era 82, 83. A disco acabou no final dos anos 70. Eu me identifiquei com aquilo e comecei a sair na rua, a ter contato com os caras mais velhos, de 18 a 20 anos, que iam pras festas de madrugada. Eles falavam dos bailes, das músicas, das danças, das mulheres... Aquilo me fascinou. Um lance importante foi o programa do Juninho Mazzei, Big Apple Show, da Jovem Pan. Ele lançava altos sons, que estavam no auge em Nova York. Lembro quando ele lançou "Pull Fancy Dancer/Pull, Pt. 1", do One Way (do álbum *Fancy Dancer*, de 1981). Aliás, usamos um trecho desse som na abertura de "Vida Loka II" (do álbum *Nada Como um Dia Após o Outro Dia*). A referência pra mim, pro Brown, pro Blue e pro Edi Rock foi o funk.

Você escutava samba naquela época?
Outros estilos, como o samba, soul, jazz etc., eu fui conhecer pelo rap, que me levou pra história da coisa, por causa dos samplers. Comecei a me

"A gente tinha uns amigos com caixa acústica e começamos a fazer sucesso ali na área nossa, fazendo festa em escola, nas casas. As pessoas dançavam na sala e a gente colocava os aparelhos no quarto, nem participávamos da festa. A gente olhava pela fechadura pra ver se o povo tava dançando (risos). Era louco. E o DJ no quarto tinha regalias - o povo te trazia bolo, refrigerante. E assim a coisa foi evoluindo e o hip-hop começou a chegar."

envolver, ir nos bailes e dançar. Tinha também os clipes no Fantástico, no programa do Tio Sam. Quando você se envolve, as coisas começam a vir até você, a informação etc. Tudo isso ainda ali na Zona Norte. Era uma época que tinha muito baile na casa dos amigos - o pessoal reunia os aparelhos de som pra tocar, normalmente na sala da casa das pessoas - o pessoal no bairro fazia e eu ainda não podia ir (risos). O tempo passou e fui ganhando mais liberdade. Entrei no ginásio em 84 e conheci o Edi Rock - era época do break. Tinha um vídeo do Chic, da música "Hangin'" (do álbum *Tongue in Chic*, de 1982) que tinha um moleque dançando break e eu pirei com aquilo. Comecei a trocar idéia com o Edi Rock sobre fazer umas festinhas e comprei um aparelho de som 3 em 1 da Sony para mim. Aí fizemos uma equipe chamada Bill Black - que era o nome do DJ do Kurtis Blow. A gente tinha uns amigos com caixa acústica e começamos a fazer sucesso ali na nossa área, fazendo festa em escola, nas casas. As pessoas dançavam na sala e a gente colocava os aparelhos no quarto, nem participávamos da festa. A gente olhava pela fechadura pra ver se o povo tava dançando (risos). Era louco. E o DJ no quarto tinha regalias - o povo te trazia bolo, refrigerante. E assim a coisa foi evoluindo e o hip-hop começou a chegar. Já ia nas festas da Chic Show, no Clube da Cidade e era aquela febre das equipes de baile.

O Edi Rock era DJ também?

Era. Ele que me ensinou as coisas mais básicas, a mixar, a fazer scratch. Ele sacou essas coisas antes do que eu. Avançando um pouco na história, teve o [rapper old school americano] Kool Moe Dee, que a Chic Show trouxe. Eu queria ter ido no [show do rapper no ginásio do] Palmeiras, mas fui cortar o cabelo sozinho pra economizar dinheiro e ir na estica, só que meu cabelo ficou todo torto e fiquei com vergonha de ir (risos). Tinha o lance da vaidade, de ir com a melhor roupa que você tinha etc. Daí eu dei um jeito de cortar o cabelo direito e eu fui no domingo no clube House - eu já tava com esse lance de ser DJ nessa época. Lá, eu vi o DJ do Kool Moe Dee tocando um som do Tim Maia, "Você Mentiu". Quando chegou no refrão, ele repetiu aquilo até virar outro som. Na hora, eu pensei: "Hã? É isso! É isso que eu quero fazer! (risos)".

Quais eram as referências que vocês tinham nessa época?

Eu achava o som do Kurtis Blow louco. O primeiro cara que eu vi e ouvi mixar foi um DJ que tocava na festa da [equipe de som paulistana] Sideral. O Grandmaster Flash - ele tinha lançado uma mixtape chamada *As Aventuras de Grandmaster Flash* (KL Jay se refere ao álbum *The Adventures of Grandmaster Flash*, de 1982), misturando Chic com Blondie etc. Eu nunca tinha visto ninguém fazer ao vivo, porque nas festinhas nas casas era quase tudo com fita cassete. E em alguns lugares o DJ tocava de costas para o público - no Rio, por exemplo. Eu também ia nas lojas da 24 de maio e os caras gravavam as fitas pra mim, porque não tinha dinheiro para comprar os vinis. A gente tocava de fita mesmo. Numa domingueira no Sideral eu vi o DJ mixando [a música] "Martin Luther King" do Hurt-M-Badd com outra, e achei fantástico. Aquilo pra mim era mágica. Sei lá, eu vejo o Romário jogar, o Robinho, aquilo é mágica também (risos).

O Chuck D olhou uma hora pra gente, chamou a gente pra entrar no palco e os seguranças ficaram barrando. Daí o Brown, com aquele jeitão dele, olhou bem pros caras e falou firme "O Chuck D falou pra gente entrar!" (risos). Daí a gente tocou. Foi na hora! E o público conhecia a gente. Cantamos "Pânico na Zona Sul" e "Racistas Otários" e foi muito bom. Pra gente foi histórico, participar do show do grupo que a gente era fã, foi marcante.

E quando saiu o disco *Hip Hop - Cultura de Rua* (coletânea histórica com Thaíde & DJ Hum, Código 13, MC Jack e outros)?
Eu já tava envolvido. Ainda não tinha gravado nada, tava ali me aperfeiçoando. Os caras que apareceram nessa coletânea eram todos famosos, ídolos pra gente. Foi o DJ da Sideral que me mostrou a possibilidade de fazer aquilo com qualquer música. O Edi Rock me ensinou a mixar naquela época, porque o mixer naquela época era o botão de volume do aparelho. Me ensinou a fazer scratch, no aparelho normal.

E seus pais? Te apoiaram?
Meu pai apoiou, me ajudou a comprar meu primeiro mixer. Minha mãe sempre foi muito conservadora, veio do interior, e tinha a mentalidade da maioria das pessoas, que você tem que ter uma profissão com carteira assinada.

Quando o rap americano chegou, imagino que mais de 90% das pessoas não sabiam sobre o que eles estavam cantando. Mas parece que essa afirmação de negritude chegou junto.
São duas coisas distintas. A linguagem da música propriamente dita, que te hipnotiza, não importa o que está sendo falado na letra, que é foda; e outra coisa, que foram as idéias. Eu consigo separar a música que tem um puta instrumental, uma puta levada, com um cara falando só besteira, e aquele som que nem tem uma levada tão louca, mas tem um cara falando coisas boas. E tem a música que tem as duas coisas junto - é o que o Racionais tenta fazer. Mas foi o Public Enemy que despertou uma consciência na gente, porque eu ficava pensando "Quem é Malcolm X? Quem é Martin Luther King? O que é a Ku Klux Klan?" Aquilo te faz buscar informação. Eu me identifiquei na hora com o barato do Black Power, de Black Panther, de auto-estima. Tudo isso foi passado pra gente.

No [disco de 1993] *Raio X do Brasil*, o Racionais MCs já era muito grande. Mas creio que a primeira grande exposição de mídia pra vocês foi a participação no show do Public Enemy né?
A gente entrou no meio do show deles. Eles tavam no hotel, a gente foi até lá, o Chuck D veio falar com a gente, pintou uma identificação e tal. Ele deu uns ingressos pra gente e ficamos na entrada do palco, mas não dava pra entrar. Foi louco porque a gente foi com os discos. E ele não falou pra ninguém da produção ficar de olho em nós. O Chuck D olhou uma hora pra gente, chamou a gente pra entrar no palco e os seguranças ficaram barrando. Daí o Brown, com aquele jeitão dele, olhou bem pros caras e falou firme "O Chuck D falou pra gente entrar!" (risos). Daí a gente tocou. Foi na hora! E o público conhecia a gente. Cantamos "Pânico na Zona Sul" e "Racistas Otários" (ambas do álbum *Holocausto Urbano*, de 1990) e foi muito bom. Pra gente foi histórico, participar do show do grupo que a gente era fã, foi marcante.

E você teve muita exposição depois com o Yo! MTV [extinto programa de rap da MTV, do qual KL Jay foi apresentador].
É, tem gente que até hoje pergunta do programa, pede pra voltar, acho muito legal. Hoje, com o volume de trabalho que eu tenho, não dá mais. Mas seria bom pro rap ter um programa.

E ninguém te podava na MTV né?
Algumas pessoas tentavam me corromper nas entrelinhas, mas eu sacava rápido. Mas eles davam muita liberdade pra você ser o que é. Alguns chegavam sutilmente, pra pedir pra colocar um dente, pra usar certas roupas, participar de certos programas, mas eu sempre falei não. O programa era uma das maiores audiências e por isso tiraram do ar: representava perigo pra eles, pra programação.

A audiência começar a pedir coisas parecidas.
É, música negra, rap. O Yo! fortaleceu muito o rap no Brasil e foi uma época de glória pro rap: SNJ, Sistema Negro, RZO, Xis, Sabotage, Racionais, Thaíde, Facção Central, os caras do interior, o pessoal de Brasília; todo mundo fazendo sucesso. Todo mundo tocando muito, no Brasil inteiro. E aí o pessoal da MTV resolveu tesourar. Foi muito gratificante pra mim, porque não fiz o Yo! pra aparecer, foi pelo rap, pela cultura hip hop. Tinha os quadros na rua que eu adorava fazer, ver tanta gente talentosa, tanto apresentador em potencial... Teve uma garota numa festa da Zona Leste que pegou o microfone para apresentar um bloco e apavorou! Fez melhor que muita gente. E não tem espaço. Um diamante ali, cheio de pó, de terra.

Você acha que o programa do Rappin Hood [Manos e Minas, todas as quartas, às 19h30, TV Cultura] pode catalisar toda essa atenção?
Depende dele, do formato, da linguagem, de cada programa ser de um jeito, ter um dinamismo. Mas é bom. O do Xis (PlayTV, Combo: Fala + Joga, todas as sextas, às 21:30, canal 21 UHF) é bom pra cacete também. E gente do meio artístico fala que o programa dele é melhor que os da MTV. Eu não quero jamais cuspir no prato em que comi, porque pra mim foi muito bom, deu muitas possibilidades pro rap, mas hoje é outra época.

As rádios comunitárias foram fundamentais né?
Foram. Eram elas que mantinham a coisa quente, o rap no ar.

O que você anda escutando, além de rap?
Vanessa da Mata e (pensa e cantarola), aquele som "Mulher Sem Razão" da Adriana Calcanhoto (composição de Bebel Gilberto, Cazuza e Dé Palmeira, presente no novo trabalho da cantora, *Maré*). Gosto muito de ver as mulheres brasileiras cantando. Tem o Stephan e o Damien Marley. Eu gosto desses reggaes/ragga. Os discos novos da Erykah Badu, a Rihanna, John Legend.

Como é ver teu filho na tua profissão?
Muito gratificante. Mas subiu muito rápido, tenho medo, porque tem que se manter lá. O bicho é zica, é bom mesmo. É muito novo e já tem a vida dele. Ele apareceu em um dos primeiros Hip Hop DJ que a gente fez, lá no Soweto. Lembro que o Brown tava do meu lado e falou "Meu, os caras velhos igual à gente não fazem isso, não mixam assim", e eu falei (sorrindo e visivelmente orgulhoso) "É negão, é isso aí, meu! (risos)". Eu ensinei o básico pra ele, que é a noção de ritmo e tempo. Falo muito isso quando dou curso. Não dá para começar um prédio pelo quinto andar, tem que fazer a base do lance primeiro. Com DJ é assim também.

Para ler a continuação da entrevista e ouvir as músicas citadas, acesse: www.maissoma.com

Técnica mista “Misprinted Type”

EDUARDO RECIFE

SAMPLEANDO IMAGENS

Entrevista por Tiago Moraes
Imagens cedidas pelo artista . Fonte do título por Misprinted Type

Se fosse um DJ ou produtor musical, ele muito provavelmente passaria boa parte do seu tempo sujando os dedos de pó em algum sebo de Belo Horizonte – cidade onde nasceu e vive até hoje – garimpando pérolas em vinis da década de 1960 e 70, para então chegar em casa, escutar, recortar trechos, samplear e produzir uma música recheada de timbres, sons e texturas nostálgicas.

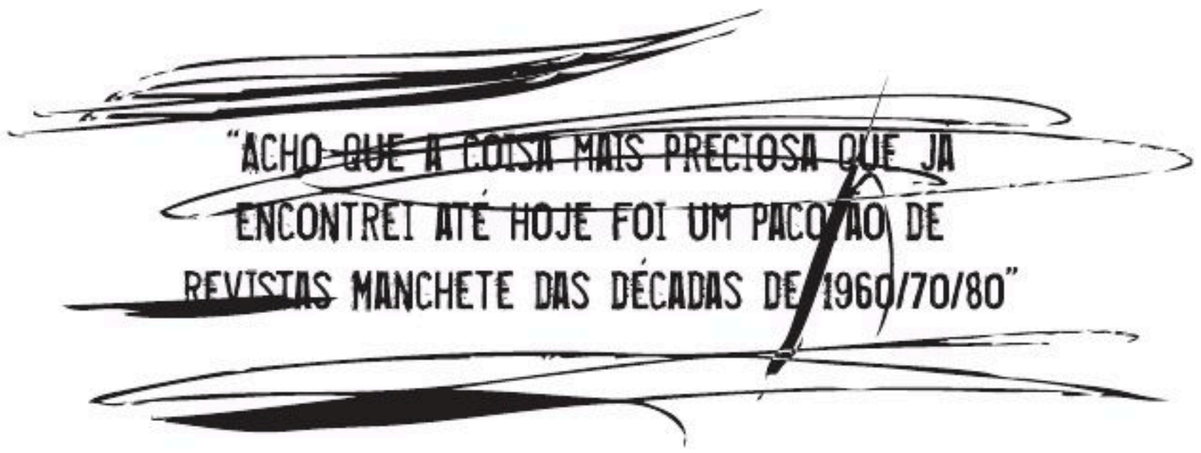
Conhecido também como Misprinted Type, Eduardo Recife não produz músicas, mas visita com freqüência diversos sebos em sua cidade e em viagens, sujando as mãos de pó e entupindo a garganta de poeira à procura de matéria-prima para seus trabalhos. E em vez de samplear músicas, Recife sampleia imagens.

Designer gráfico de formação, artista plástico e font designer autodidata, Recife vem construindo uma carreira sólida e cheia de personalidade, com destaque para suas inconfundíveis colagens de clima nostálgico e certo ar decadente adornadas por interferências a lápis, como rabiscos, tipografias, manuscritas e desenhos, fortemente influenciado pelo movimento dadá e pelo surrealismo.

Em um mundo onde a pasteurização da ilustração vetorial digital parece ter comprometido a identidade autoral de inúmeros artistas, é sempre bom ver alguém colocando literalmente a mão na massa e deixando o "ratinho" um pouco de lado. É como diz o slogan da campanha daquela famosa marca de sabão em pó, "Se sujar faz bem!". ⏩

Para começar, conte-nos sobre a sua formação artística.
Me formei em Design Gráfico em 2005. Mas me considero mais um autodidata, já que meu trabalho vem se desenvolvendo desde 1997, quando comecei a criar minhas primeiras fontes e experimentar com colagens. Na verdade, minha primeira e frustrante opção foi a faculdade de Publicidade e Propaganda, que acabei largando no sexto período porque literalmente não conseguia mais suportar as aulas e toda a hipocrisia. Minha segunda opção então foi a faculdade de Design Gráfico, mas, se pudesse voltar atrás, teria feito Belas Artes ou optado por estudar ilustração fora.

Fale um pouco sobre o seu trabalho autoral e comercial.
Meu trabalho autoral começou em 1997, quando lancei a primeira versão do [site] Misprinted Type. Foi na mesma época em que a internet chegou até a minha casa e em que pude conhecer um pouco da estética grunge que estava rolando nos anos 1990.
Me identifiquei muito com as colagens, com as sujeiras, desconstruções e tudo o que fugia do perfeccionismo que até então eu vinha tentando alcançar com meus desenhos de retratos. Já meu trabalho comercial veio



como uma conseqüência dos meus trabalhos autorais. Normalmente os clientes já me contratam para ter um trabalho na linha dos meus trabalhos pessoais.

Porque você assina seus trabalhos autorais como Misprinted Type e os comerciais como Eduardo Recife? A lógica não seria o inverso?
Sim, seria (risos)... Mas não foi intencionalmente que isto aconteceu. A idéia que sempre tive do Misprinted Type era que o nome fosse um playground, um espaço onde eu poderia expor minhas idéias, criações, etc. Não queria misturar meus trabalhos comerciais nele e nem criar outro projeto com um nome completamente diferente para expor esses trabalhos, então a única idéia que me surgiu foi a de criar o [site] eduardorecife.com.

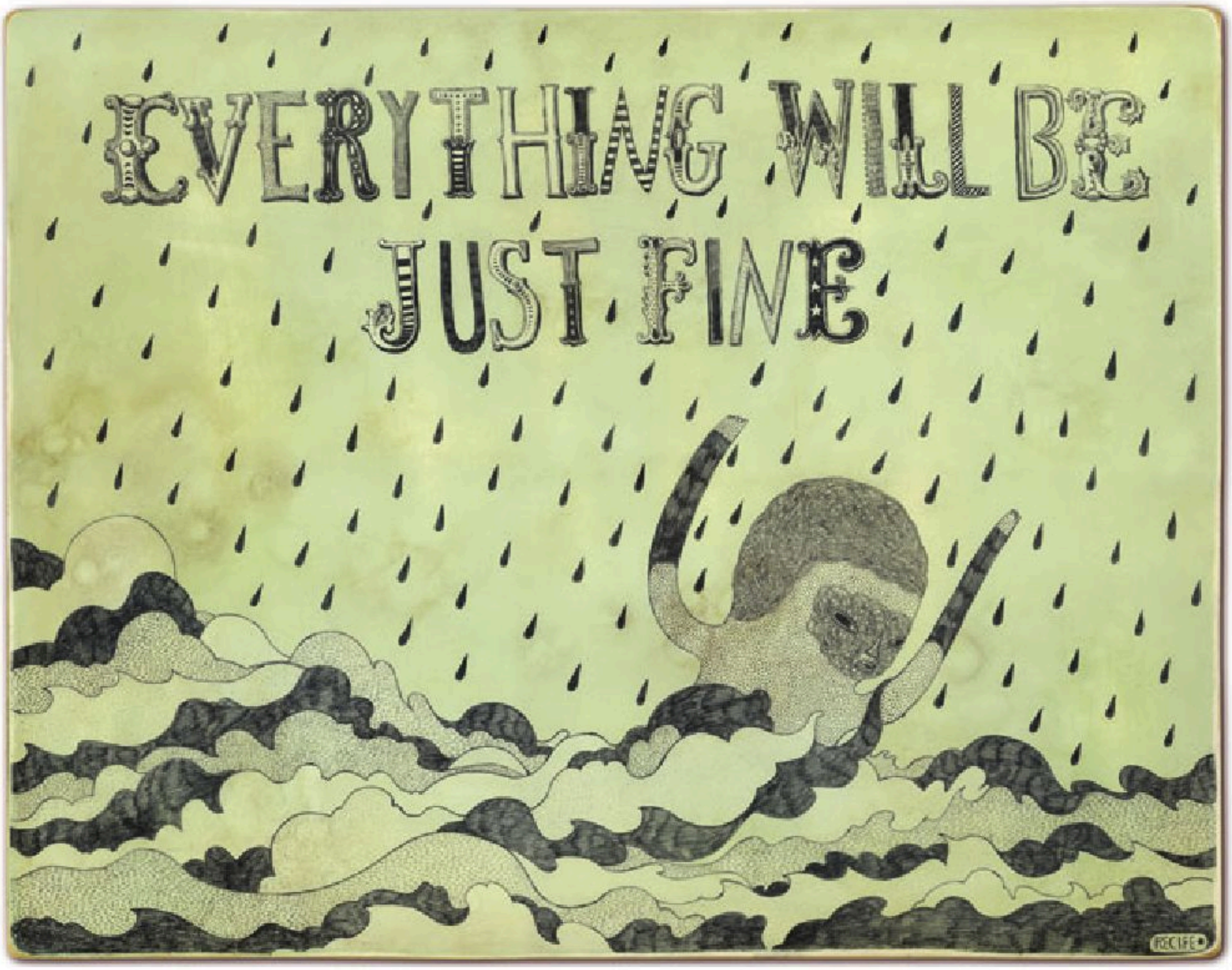
No seu website você afirma que desenha desde pequeno, mas hoje vejo nos seus trabalhos muito mais colagens do que desenhos. Como foi essa transição? Se cansou de desenhar?
Não cansei de desenhar. Na verdade eu desenho o tempo todo! Mas gosto muito de colagens e das várias formas de experimentações possíveis que ela permite. Acabei integrando nas colagens traços de desenhos, alfabetos, rabiscos. Tudo influencia tudo.

Hoje é cada vez mais comum o uso de samplers na composição de uma música, mas isso é diferente de como foi duas décadas atrás,

▸ Técnica mista "Love"

quando o Beastie Boys lançou o clássico *Paul's Boutique*, com dezenas de colagens e trechos de músicas de artistas renomados como James Brown, Led Zeppelin, Pink Floyd e The Beatles entre muitos outros. Hoje é praticamente impossível samplear coisas desse tipo sem ter que pagar milhares de dólares em direitos autorais ou encarar um processo legal. Você também "sampleia" bastante coisa para criar sua arte, não é? Como funciona esse processo de pesquisa, e onde você costuma garimpar essas imagens? Já teve problemas com direitos autorais?
A pesquisa é fundamental. Há alguns anos eu ia semanalmente a alguns sebos no centro da cidade. Voltava com os dedos pretos de pó e com a garganta fechada de poeira, mas valia a pena. Para trabalhar com colagens, você tem que ter um arsenal de imagens por perto. Hoje em dia ainda vou ocasionalmente a alguns dos poucos sebos que sobraram na cidade e compro algumas coisas pelo Ebay também.
Nunca tive problemas com direitos autorais. Acho que o bom senso deve ser empregado nas imagens

Técnica mista “New Heights”



▸ Lápis e tinta acrílica em madeira "Everything Will Be Just Fine"

selecionadas e acredito também que no dia em que tudo tiver que ser pago, será definitivamente o fim da colagem.

Qual foi a coisa mais preciosa que já encontrou em um sebo até hoje?
Acho que a coisa mais preciosa que já encontrei até hoje foi um pacotão de revistas *Manchete* das décadas de 1960/70/80. Eram muitas edições encadernadas em blocos de dez revistas. Elas seguraram a minha demanda de imagens por um bom tempo.

Grande parte dos seus trabalhos carrega uma estética *vintage*. De onde vem essa paixão pelo antigo? Você se considera um saudosista?
Sempre gostei de coisas antigas. Na minha infância, ganhava roupas usadas dos meus primos e era sempre uma alegria usar todas aquelas roupas desgastadas. Me lembro também que meu pai me deu uma caixa com alguns brinquedos que ele guardava desde seus tempos de infância. Era um carrinho de metal, um revólver de bangue-bangue e um jogo de botão. Acho que tudo isso acaba influenciando o jeito que a gente enxerga as coisas, o valor das coisas usadas e a história que elas carregam. Quanto à estética, acho que tudo era mais bonito em algumas épocas atrás. As cores, as fotos, as roupas, os papéis... O romantismo.

Como você acha que seu trabalho conseguiu projeção, saindo de Belo Horizonte, onde acredito que as oportunidades de trabalho para um designer que carrega um estilo como o seu não devam ser muitas? Como acha que seu trabalho ficou tão conhecido mundialmente, ao ponto de lhe render trabalhos para vários clientes internacionais, como HBO, Burton Snowboards, Upper Playground e *The New York Times*, entre outros?
Acho que sempre acreditei no meu trabalho e nunca coloquei o sucesso na frente do aperfeiçoamento. Por volta de 1999, eu muitas vezes não saía de casa nos fins de semana para criar, experimentar... Para mim, era algo insuportável não conseguir fazer as coisas que eu queria fazer [graficamente falando], e eu tinha um impulso criativo quase incontrolável. As coisas aconteceram naturalmente, mas querendo ou não já estou com meu portfólio online há 10 anos, já participei de muita coisa, muitos livros, revistas, sites, projetos, exposições. Mas sempre agradeço a Deus por tudo que ele colocou no meu caminho e por ter guiado minhas intuições desde o começo.

Você nasceu e cresceu em BH, certo? O que mais gosta e o que menos gosta daí? Já pensou

▸ Colagem digital para a Upper Playground

▸ Técnica mista para a GNU Snowboards

em se mudar para outra cidade ou país?
Sim. Não sou obcecado pela cidade. Culturalmente não rolam muitas coisas por aqui, exposições, eventos etc. A opção de diversão de 90% da população é ir beber em bares; o que para mim muitas vezes beira o patético. Mas gosto muito do clima daqui e acho que o que mais me conecta por aqui são minha família e meus amigos. Se não fosse por isso, estaria morando na beira de alguma praia sossegada.

Vendo seu trabalho hoje, é difícil acreditar que você começou pintando nas ruas. Fale um pouco dessa época.
Na verdade, não comecei pintando nas ruas. Foi por volta de 1993 que eu me interessei muito por pichação. Eu era novo e gostava da adrenalina no sangue e de ir contra as regras. O alfabeto dos pichadores me chamou muito a atenção, foi meu primeiro contato com a tipografia de rua e acho que daí nasceu meu interesse por tipos. Mas minhas

"EU ASSOCIO MUITO A COLAGEM AOS SONHOS, ONDE PEQUENOS FRAGMENTOS E METÁFORAS CONSTROEM UMA HISTÓRIA."

tentativas de pichar muros foram muito frustradas. Me lembro até hoje de um caso engraçado que aconteceu: eu e um grande amigo compramos uma lata de spray e saímos por volta das oito da noite para pichar o muro nas redondezas do colégio. Andamos dois quarteirões e fomos assaltados em menos de 5 minutos. Éramos duas crianças esqueléticas de 13 anos andando sozinhos à noite em uma região perigosa da cidade. O engraçado é que roubaram nossos tênis, e o meu era um tênis muito velho e furado que havia ganhado do meu primo. A cena foi muito engraçada (risos), éramos literalmente dois fracassados na tentativa de colocar nossos nomes nos muros.

E sua relação com a tipografia, como começou? Lembro que conheci o seu trabalho há uns cinco ou seis anos mais ou menos, pesquisando por fontes na internet, e você disponibilizava um monte delas para download gratuito. O que te motivou a começar a desenhar alfabetos?
A relação veio da pichação e depois migrou pro graffiti, artistas como Daim e toda uma gama de grafiteiros que eu acompanhava diariamente pelo site ArtCrimes. Eram muitos alfabetos e estilos diferentes, e tudo aquilo me chamava a atenção. Mais adiante descobri a tipografia grunge, caras como Rob Dobi, Faizal Reza, Christoph Mueller, Brode Vosloo, etc. E, daí em diante, foi paixão à primeira vista. Concentrei todas as minhas forças naquilo e em pouco tempo já tinha minhas primeiras fontes online.

Percebo que muitos de seus trabalhos de colagem começam de forma manual e depois são finalizados no computador, certo? Fale um pouco disso, da sua dinâmica de trabalho e quais as vantagens e desvantagens que você vê no uso do computador como ferramenta na sua criação.

▸ Tela

Faço muita coisa manualmente e vou escaneando e montando tudo no Photoshop. Algumas peças são completamente manuais, mas a grande maioria é feita digitalmente, com intervenções manuais. Gosto de poder saber que existe a mão de alguém por trás da imagem, as imagens digitais muitas vezes são um pouco frias... O espontâneo, o erro, o acaso podem trazer muitas surpresas agradáveis. O computador é feito para ajudar, e não escravizar - ele pode te limitar um bocado também. Mas a vantagem, principalmente no caso das colagens, é que você pode reduzir, ampliar e espelhar as imagens livremente. E isso ajuda bastante em se tratando de colagens.

O que acha de arte digital? Acha que um trabalho 100% digital pode chegar a ter o mesmo valor que uma pintura, por exemplo? Não falo de valor financeiro, e sim de valor como criação.
Acho que a arte digital está mais próxima da fotografia, porque você pode reproduzir em série as imagens. Mas o valor que um trabalho tem é muito pessoal. Cabe a cada um definir, e cada caso é um caso também.

Porque a paixão pela colagem? Você acha que é a melhor forma que encontrou para se expressar até agora?
A colagem tem uma força incrível pra mim. Ela tem um lado contestador, crítico, traz ainda uma bagagem forte do que foi o movimento dadá. Gosto da forma como se consegue contar uma história ou transmitir uma mensagem tirando imagens antigas de seu contexto e criando novas leituras. Eu associo muito a colagem aos sonhos, onde pequenos fragmentos e metáforas constroem uma história.

Você cria uma narrativa, pensa em um conceito antes de começar a trabalhar, ou isso vai aparecendo durante o processo?
Isso varia muito. Mas na maioria das vezes tenho um conceito e uma idéia pré-concebida na cabeça antes de efetivamente começar a trabalhar na imagem.

Você já trabalhou em alguns projetos de design ligados à música, tendo desenhado capas de disco e/ou merchandising para artistas como DJ Hell, Panic at the Disco e Digitaria. Qual sua relação com a música, o que gosta de ouvir? A música te ajuda ou te atrapalha no seu processo criativo?
Tenho uma relação forte com a música. Desde pequeno gosto de escutar música. Acho que elas marcam momentos em nossas vidas. Consigo associar várias fases da minha vida com certas músicas. Sou frustrado por não ter o mínimo talento para tocar nada. Sempre escutei muito rock (grunge, nu metal, hardcore, etc), mas hoje em dia escuto muito indie, eletrônico e coisas estranhas que jamais pensei em escutar.
Gosto muito de Royksopp, Feist, Vampire Weekend, El Perro Del Mar, Husky Rescue e a trilha-sonora de Darjeeling Limited. Trabalho sempre escutando música.

Se tivesse que explicar ou descrever o seu trabalho tocando uma só música, qual seria?
Difícil escolha... Mas uma música que eu me identifico muito é "Everlong" do Foo Fighters.

Como divide seu tempo entre trabalhos comerciais e autorais? O que tem feito mais ultimamente? Como designer freelancer, como divide seu tempo entre prospectar clientes e trabalhar?
Todas as vezes que eu fiquei esperando o momento ideal para começar a fazer meus trabalhos pessoais, esse momento nunca chegou, nunca chega... Você tem que simplesmente achar tempo e fazer. Ultimamente, tenho feito mais trabalhos comerciais, mas tenho feito também muitos trabalhos pessoais. É algo para mim que não pode ficar de lado.

Você trabalha em casa ou tem um estúdio? Descreva seu ambiente de trabalho.
Estou agora trabalhando em uma sala com amigos. Trabalhei em casa por muito tempo e tenho que admitir que não é uma boa experiência, é bem difícil de separar as coisas, saber a hora de descansar, a hora de trabalhar e você acaba se isolando muito, sem trocar experiências e idéias com outras pessoas.

Lápis e tinta acrílica em madeira "Are You Together"

Onde você ainda quer chegar como designer? E como artista? O que podemos esperar de vocês dois (Eduardo Recife e Misprinted Type) num futuro próximo?

Espero sempre poder aperfeiçoar o meu trabalho e aprender sempre. Não tenho grandes ambições, quero estar feliz e satisfeito com o que estiver fazendo. Em breve um site novo vai ao ar (Misprinted Type 4) com muitos trabalhos, pôsteres e fontes novas! ◂

▸▸ Saiba Mais

www.misprintedtype.com

www.eduardorecife.com

Time-Zero

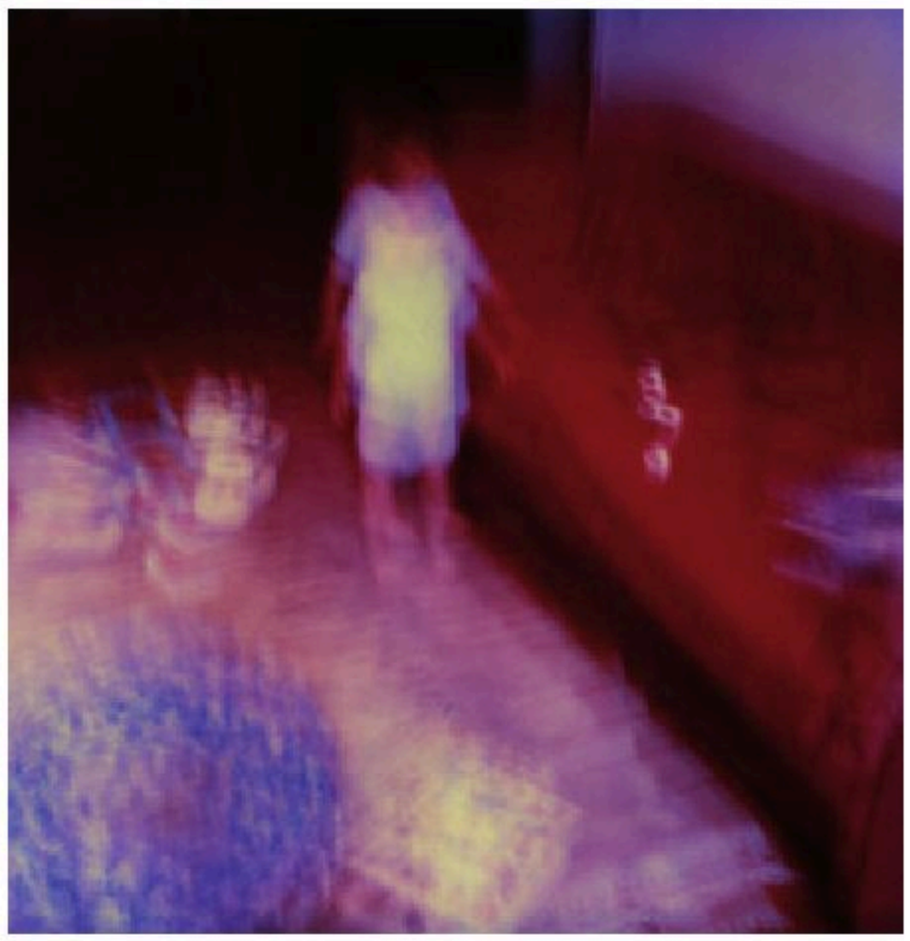
SX70

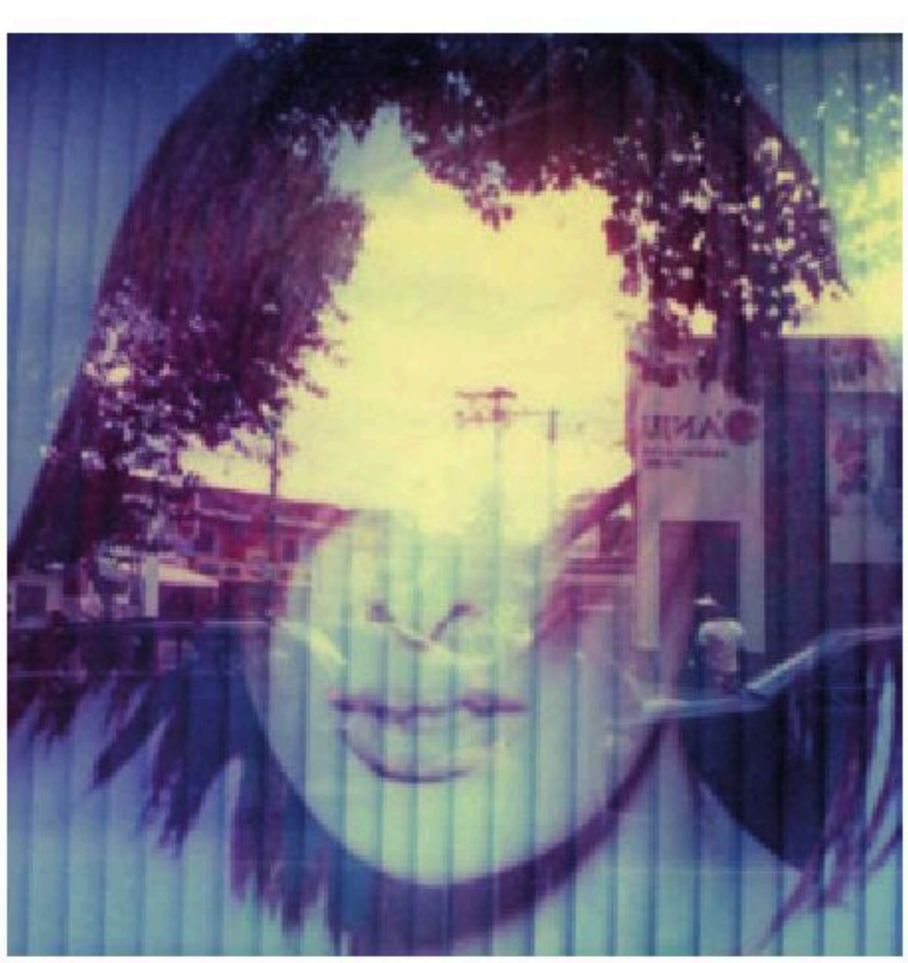
Um exercício de Armando, Claudio, Ricardo,
Fernando, Roberto, Paulo e Marcelo
de interpretar o instântaneo.

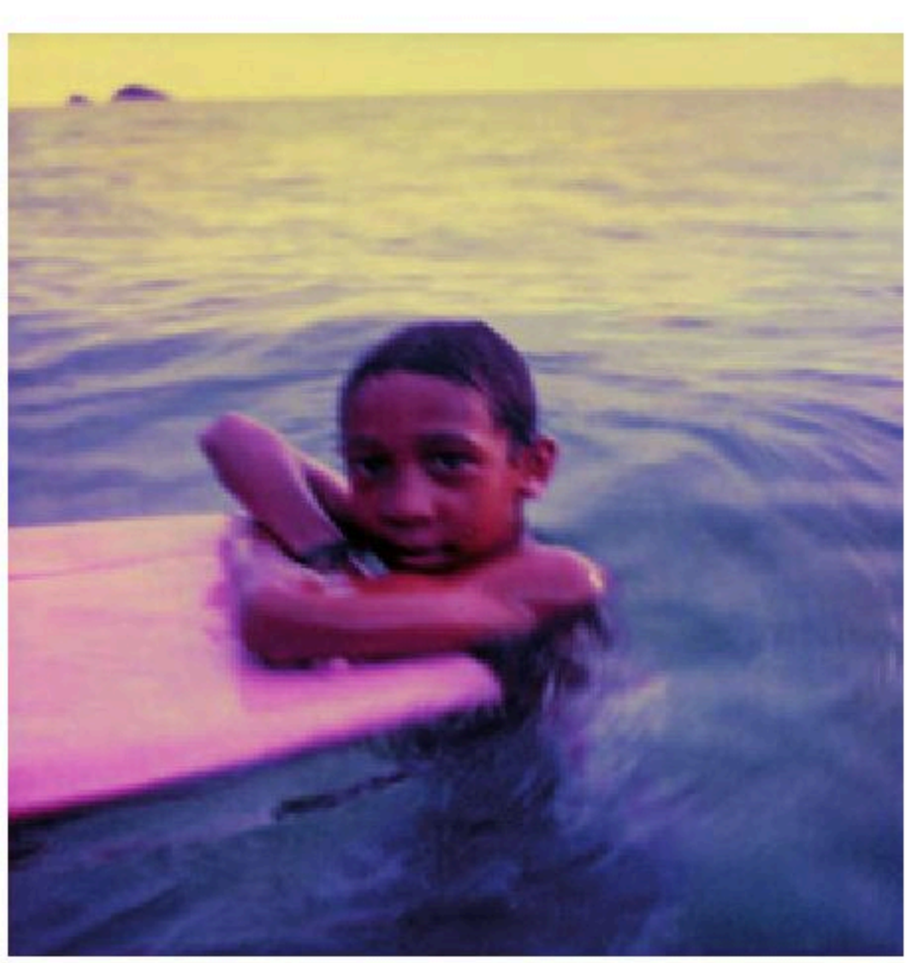
Eles são reais sem tempo.

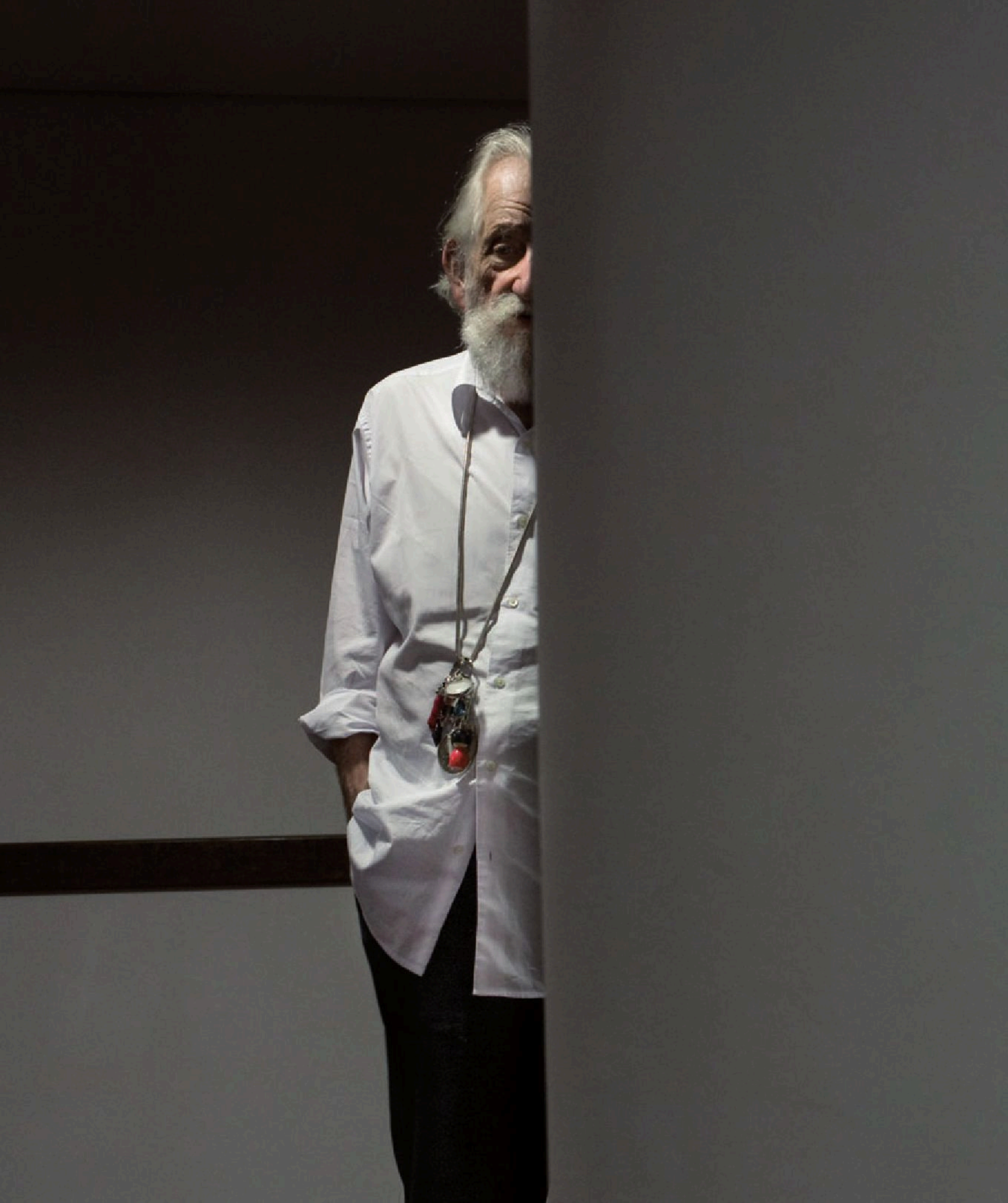
⏩ Nas próximas páginas
www.sx70.com.br
em uma edição da Cia de Foto

Time-Zero *é o filme criado para a SX70, em 1980, com camadas que permitem uma revelação mais rápida e cores mais brilhantes.*









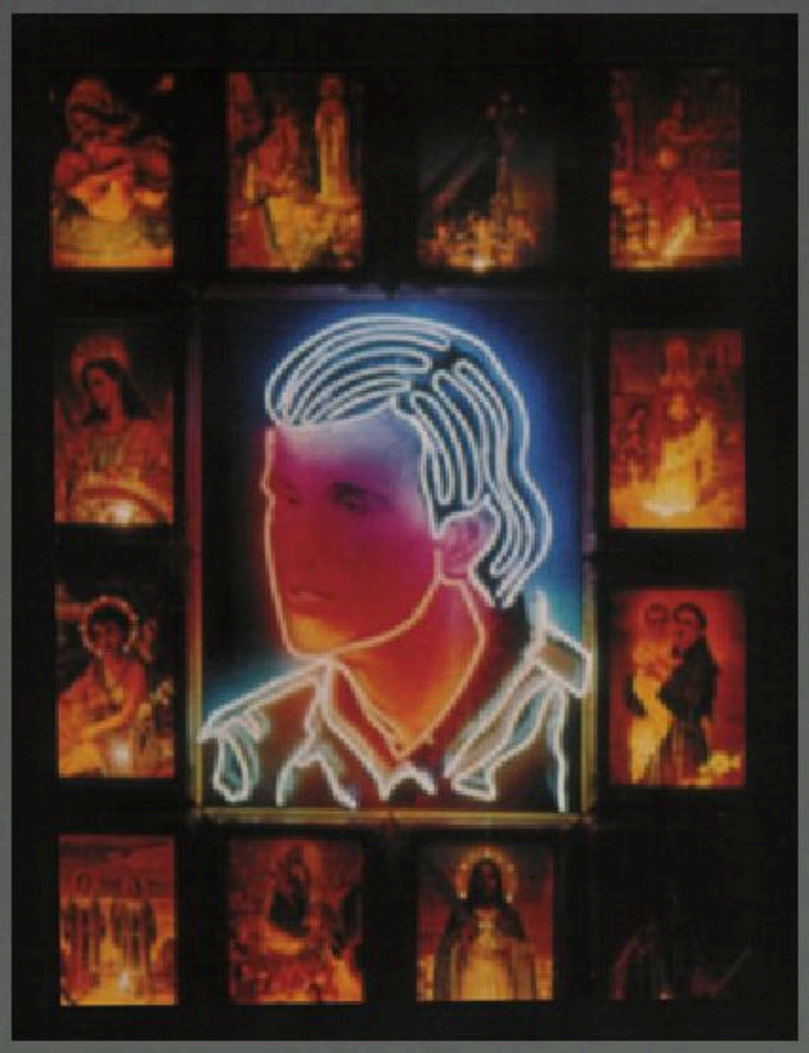
Nelson Leirner: Ser ou Não Ser Artista?

Por Arthur Dantas . Colaborou Tiago Moraes
Imagens Cia de Foto e Divulgação

Nelson Leirner é, sem sombra de dúvida, um dos mais importantes e influentes artistas brasileiros dos últimos cinqüenta anos. Sua obra está exposta ou passou por todos os grandes museus e galerias em nosso país. Ela se baseia em dois pilares: o primeiro, um caráter intrinsecamente público e participativo, que rompe com certa aura contemplatória do objeto artístico, contestando de um lado a sociedade estabelecida (baseada no autoritarismo da ditadura ou da alienação do consumo, por exemplo), e, do outro, faz uma crítica acirrada e perene ao mercado/sistema das artes; o segundo, seu caráter mobilizador, fazendo com que público, artistas e críticos tomem partido e posição diante de suas obras. Aos 76 anos, Leirner é um eterno *enfant terrible* das artes plásticas brasileiras.

Sua história particular é curiosa. Seu pai, o industrial Isai Leirner, foi um dos grandes mecenas das artes no país e teve papel ativo em instituições artísticas durante a década de 1950. Sua mãe, Felicia Leirner, foi uma escultora de carreira longa e produtiva. Dessa forma, o que poderia ser um problema - se tornar artista -, em sua família era o caminho mais do que natural.

Meu pai morreu muito cedo, em 1962. Ele me apoiava muito. Minha família era muito gozada. No geral, para a sociedade, todo mundo queria ver o filho numa profissão liberal - querer um filho artista era um absurdo. Tanto que a FAAP (faculdade onde lecionou de 1975 até 1996) era chamada de faculdade 'espera marido', porque tinha muitas mulheres e todas lindas (risos). Elas iam estudar artes para esperar um marido. Entre nós, professores, [a FAAP] também era conhecida assim. No meu caso, foi diferente: meus pais me empurraram para as artes. Aconteceram coisas comigo que não aconteceram para ninguém. Quando o [crítico polonês Ryzard] Stanilavski veio aqui - ele era presidente da AICA (Associação Internacional dos Críticos de Arte) -, meu pai havia marcado uma exposição para mim na galeria São Luís, que era a melhor de São Paulo, e quem escreveu o catálogo foi o próprio Stanilavski.



Adoração . 1966

Pergunto se um possível privilégio em razão de sua família o incomodava de alguma forma: *Eu não percebia essas coisas. Por exemplo, acho que fui um dos primeiros caras desconhecidos a mandarem trabalho para o Salão Paulista e entrar de cara. Quando entrei na fase das apropriações (usando materiais cotidianos em suas obras), coloquei um Antes do Meu Pai e Depois de Meu Pai. E ali comecei a fazer algo que era o inverso do que esperavam. Eu tinha uma consciência política em fazer arte, e não uma inconsciência psicanalítica.*

Fato é que, dado seu temperamento inquieto, Leirner – que havia sido jubilado em uma faculdade de engenharia têxtil nos Estados Unidos, voltara ao Brasil, se casara pela primeira vez (o artista se casaria outras duas vezes), e começava a se interessar por arte –, esse ambiente familiar operava de maneira paradoxal em sua vida. Se de um lado havia vantagens inegáveis, como o acesso a várias obras importantes em sua própria casa (a família possuía obras de Picasso, Chagall e Alfredo Volpi, por exemplo) e uma bela biblioteca, por outro lado havia o peso da influência paterna, que não era tida pelo artista como algo benéfico em si:

Eu pintei inicialmente com o Juan Ponç e o Samson Flexor (entre 1955 e 1957, ainda no período Antes do Meu Pai, que se estende até 1962, quando falece Isai Leirner), até não agüentar mais pintar. Daí, comecei a me apropriar de coisas que eu encontrava nas ruas que já tinham pintura (portões etc). Para que pintar, então? Tinha que pintar a óleo, fazer cinco quadros de uma vez, até porque tinta óleo demora a secar. E, na minha casa, tinha-se muita informação sobre escultura, por causa da minha mãe, e pintura moderna até Klee, Picasso, Van Gogh. Eu era influenciado mais pela biblioteca de meus pais e, na verdade, não gostava de pintar. Achava muito cansativo. Tenho dois trabalhos nos anos 60 que são portões. Nesse trabalho [aponta para foto de um trabalho] do portão eu só coloquei uma interferência – uma faixa vermelha (Pôr do Sol, de 1962). Tinha que botar a mão do artista nele, porque não tinha coragem de colocar o portão tal qual havia encontrado. Foi um dos trabalhos que estavam na Exposição Não-exposição da Rex Gallery & Sons Galeria. Assim eu fiz dezenas de trabalhos. E era rápido. Na minha cabeça tudo isso era muito mais instigante do que ficar horas numa tela. E eu me sentia preguiçoso por não ficar horas numa tela.

O trabalho de Leirner que o colocou definitivamente entre os grandes nomes da arte contemporânea brasileira iniciou-se em 1962. E, é bom que se diga, trata-se de um trabalho marcado pela polêmica e por seu enorme poder de influência nas gerações posteriores. O crítico Tadeu Chiarelli, em seu livro *Nelson Leirner – arte e não Arte*, define precisamente o mote da obra de Nelson: "Toda a crítica ao sistema de arte surge como o próprio cerne da obra de Nelson Leirner a partir de uma vivência muito intensa e, portanto, de um conhecimento extremado de alguém que testemunhou, quase que desde sempre, os meandros do poder no âmbito da arte. (...) Revelar, colocar a nu os meandros do sistema de arte – que o artista aprendeu a conhecer tão bem – será a estratégia que o artista sempre usará para salvar a arte".

Pergunto a Leirner que papel ele atribui à crítica de arte hoje:

Não existe mais. O próprio curador absorveu o papel do crítico. Eu normalmente peço para amigos fazerem o catálogo das minhas exposições. A crítica está sumindo, assim como a historiografia da arte. Tudo isso está dentro desse novo sistema de arte. Se você pegar os livros dos anos 90, eles passaram a não ter texto. Têm uma introdução e só. Porque não há mais ideais, atitude. Hoje você vê um grupo fazendo graffiti, achando que está fazendo algo crítico, mas se você olhar historicamente...

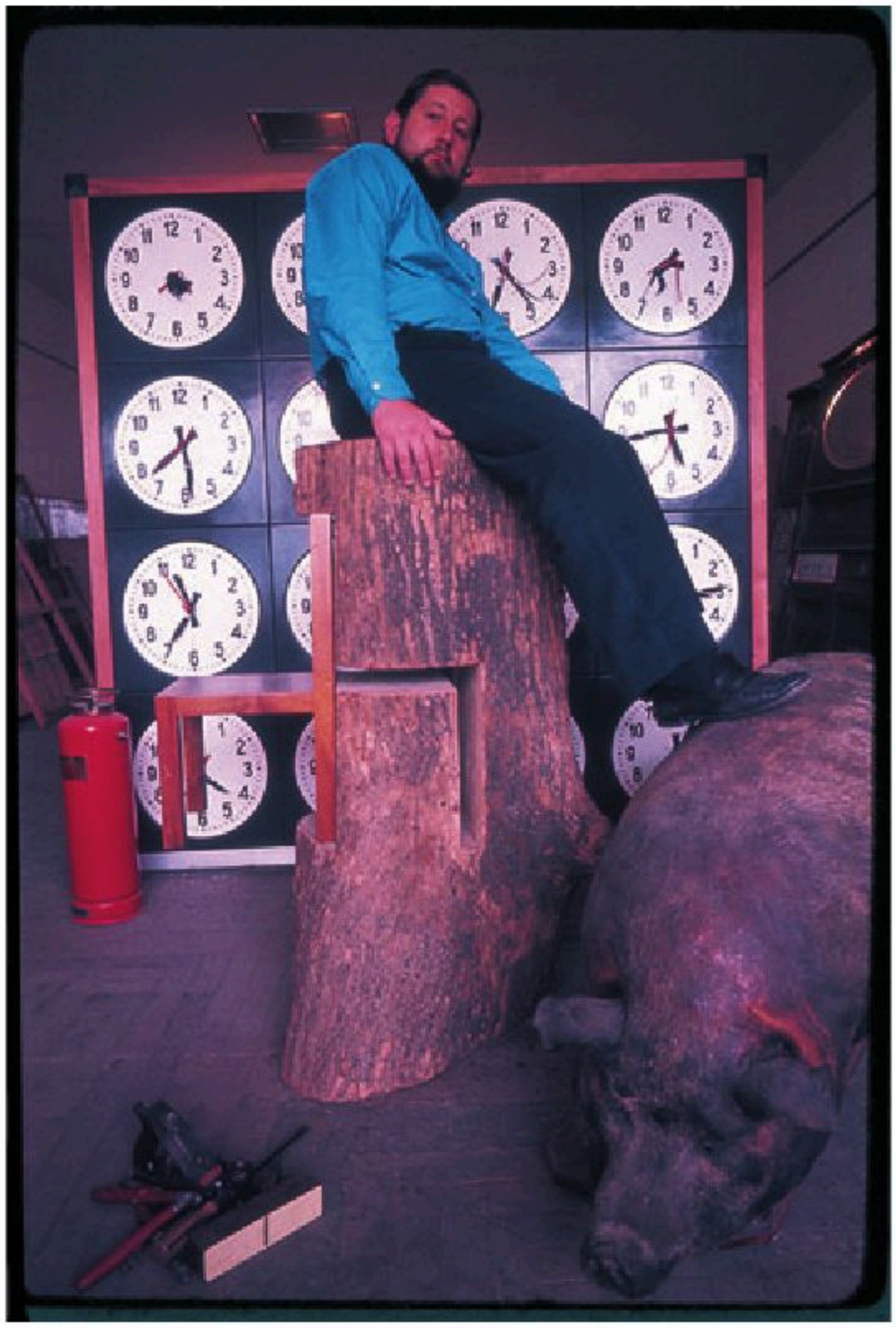
O artista paulistano parece acreditar em um eterno descompasso entre teoria e prática, manifesto no embate entre o objeto artístico propriamente dito e no que os críticos vêem. *A fantasia do artista em relação ao seu trabalho não tem nada a ver com o conceito dos outros. Muitas vezes você está pensando em coisas do seu cotidiano, e o crítico está pensando em motivações mais filosóficas – coisas sobre as quais você nem pensou a respeito. Depois muitas vezes você acaba chupando da crítica aquele discurso (risos).*

"O Porco do Leirner"

Através de happenings, durante toda a década de 1960 e início de 70, Nelson Leirner conseguiu criar polêmicas imensas. O Happening da Crítica, decorrente de sua aceitação no IV Salão de Arte Moderna de Brasília em 1967, foi o que teve maior ressonância e provocou mais discussão. Tudo começou com a aceitação de dois trabalhos de Leirner por parte dos jurados: *O Porco* – o animal empalhado e devidamente engradado, com uma corrente que o ligava a um pernil do lado de fora do caixote –, e *O Tronco*, em que era possível ver o espaço exato de uma cadeira cortado no interior de um tronco de árvore imenso, e uma cadeira já devidamente lixada colada ao mesmo tronco, em outra posição. Leirner resume a história:

O Porco morou comigo desde 1961. Ele estava em frente ao Cemitério da Consolação (região central de São Paulo), um taxidermista colocou aquele porco na vitrine de entrada. Todas as vezes que passava de carro por ali eu o via. Um dia entrei na loja e comprei aquele porco e ainda ganhei de brinde um ratinho empalhado - um agrado para quem levou um porco daquele tamanho (risos). E convivi com o porco e o ratinho (usado na obra Acontecimento, de 1965) em meu espaço de trabalho. Às vezes um objeto te fascina, você o adquire e acaba não usando. Aí aparece o Salão de Brasília, em 1967. Naquele momento achei que era possível fazer algo com o porco, ao mesmo tempo em que meu artesão trabalhava com a cadeira. Era um trabalho ligado à idéia do produto que a sociedade consumia. Ainda mais se lembrarmos que o pernil (que estava ligado ao porco empalhado por uma corrente) foi comido pelo pessoal que transportava o trabalho de caminhão (risos). Aí o trabalho já ganhou outro teor.

Com relação ao engradado, eu fiz ele sem folga nenhuma para acomodar o porco, de modo que as pessoas poderiam achar que ele estava vivo em um primeiro momento. Porque, imobilizado, só sobra a respiração para saber se ele está vivo. Isso me interessou no sentido do confinamento. Eu fazia apropriações tendo em vista a ditadura, sobretudo. E a corrente com o pernil era em função da idéia de Matéria e Forma (nome dado para ambos os trabalhos). Um dia recebo a notícia que o Salão aceitou o trabalho. E, naquele momento, tínhamos uma ligação com o Jornal da Tarde, em função do Murilo Felisberto e do Ivan Ângelo, que tinham uma tendência de esquerda e apoiavam nossos movimentos. De repente, me veio a idéia sobre os artistas recusados nas Bienais, sempre reclamando da recusa, mas ninguém contestava a aceitação. Daí pedi para o Ivan Ângelo publicar uma foto do porco, com a pergunta 'Qual o critério dos críticos para aceitarem esse trabalho no Salão de Brasília?' E, com isso, todos os críticos responderam. O Mário Pedrosa (um dos cinco críticos do Salão) escreveu um belíssimo artigo, os outros também escreveram sobre. E isso começou a suscitar o debate com outros críticos, chegaram até a falar em 'o porco do Leirner', porque achavam que eu estava gozando todo mundo. E aí transformei o trabalho no Happening da Crítica, porque o que estava acontecendo já não mais me pertencia.



Auto-retrato e O Porco . 1967

Esse ready-made duchampiano ("Quando comprei o Porco, não conhecia Duchamp. Só vim a conhecer Duchamp bem no fim dos anos 1960. Nunca trabalhei tendo uma relação forte com a História da Arte"), se não o primeiro trabalho no Brasil a tirar a crítica de sua posição estável, é um trabalho norteador que alcança ressonância até os dias atuais. Graziela Kunsch, uma artista jovem de São Paulo e uma das peças fundamentais no reaquecimento de coletivos artísticos na virada do milênio, me relata fato ocorrido em 2002, durante o nono salão da Bahia, do qual participara com seu coletivo de então, Rejeitados: "Um dos projetos, do grupo Valmet (Goiás), era a criação de um porco. O autor não conhecia o porco de Nelson Leirner, mas eu conhecia e comparei os dois. Afinal, a proposta dele tinha tudo a ver com a nossa proposta. Isso gerou a resposta de um integrante do Valmet: 'o porco não é uma metáfora' ", resume Graziela.

O Porco, que pertence ao acervo da Pinacoteca, é a obra de Leirner que mais viaja para o Brasil e exterior.

Teve duas coisas interessantes. Primeiro, a Aracy Amaral comprou a obra para o acervo da Pinacoteca; depois, o Porco passou por uma operação plástica. Como ele era empalhado, ia deteriorar. E hoje existem técnicas mais modernas de embalsamento, então ele precisou passar por uma operação plástica (risos).

Acima o Grupo Rex e ao lado duas capa do Jornal Rex Time

Leirner e o Público

Surge mais uma evidência da polaridade na qual se assenta a contribuição de Nelson Leirner para a arte: ele é, ao mesmo tempo, aquele que destrói verdades preestabelecidas desse sistema e aquele que forma novas gerações de artistas. (...) É o atributo mais forte também de sua produção, desde o início de sua carreira, manifestando-se das mais distintas formas. - Tadeu Chiarelli em *Nelson Leirner - arte e não Arte*

Em 1966, a afirmação da identidade do artista viveu outro momento importante: o surgimento do grupo Rex, que além de Nelson Leirner contava com Geraldo de Barros, Wesley Duke Lee, Carlos Fajardo, Frederico Nasser e, posteriormente, Olivier Peroy e Roland Cabot. O grupo foi idealizado por artistas não alinhados ao abstracionismo reinante no país à época, e teve um papel definitivo no panorama das artes brasileiras – mesmo tendo existido por pouco mais de um ano. Criaram a Rex Gallery & Sons além de publicarem cinco edições do jornal *Rex Time*, uma espécie de órgão de difusão das idéias dos artistas do grupo.

Um dos antecedentes apontados pela crítica especializada para a formação do grupo é a exposição Propostas 65, ocorrida na FAAP em São Paulo. Ali, mais uma vez, Leirner cria polêmica:

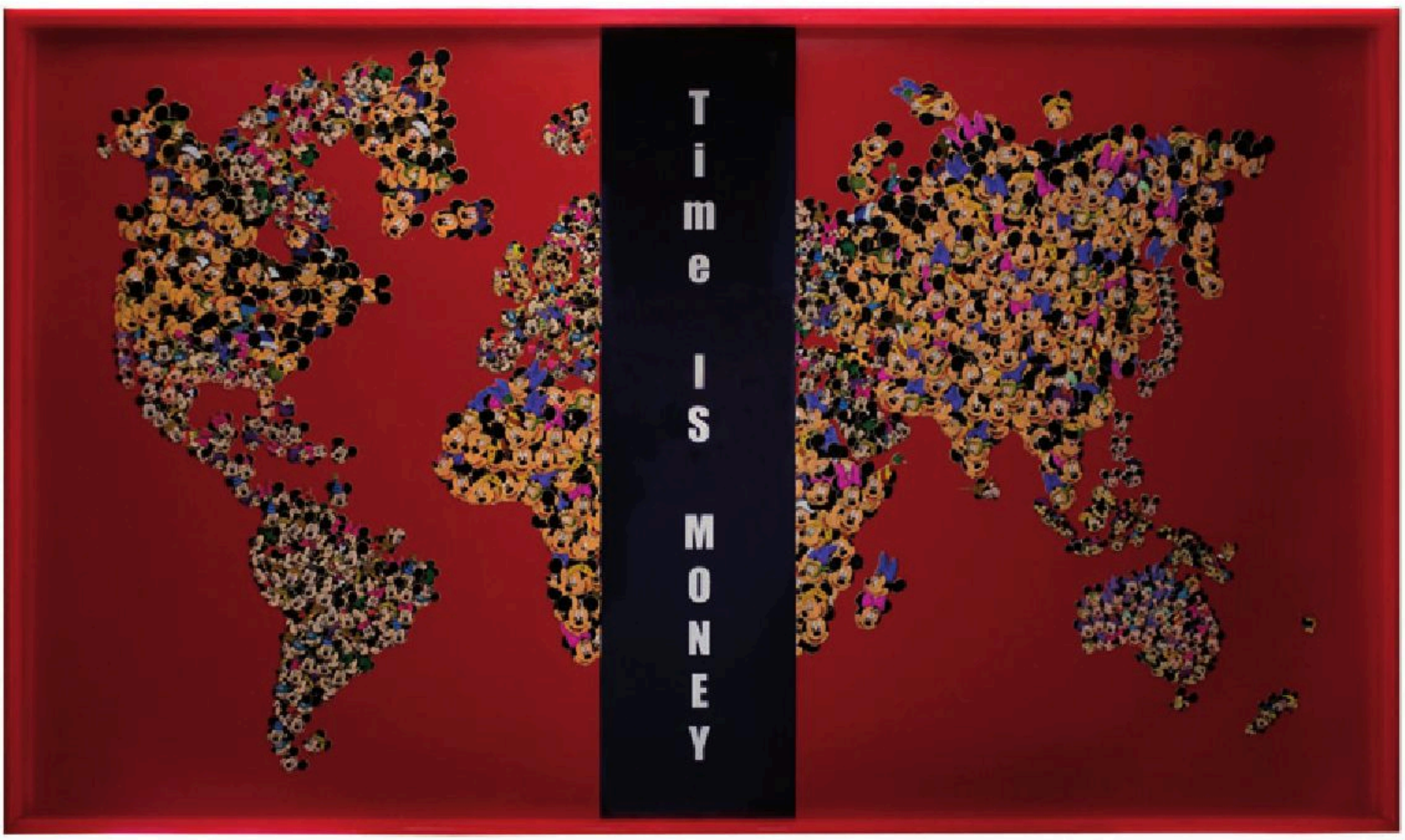
O Rex não tem nada a ver com a expo Propostas 65. Ela veio da relação da exposição do Waldemar Cordeiro, do Wesley e a do Geraldo na Atrium, junto comigo. Nessas exposições não se vendeu nada, a crítica meteu o pau, as pessoas se revoltavam com o que viam. Porque todos estavam colecionando arte abstrata e diziam que aquilo não podia ir adiante. Muitos artistas abstratos não aceitaram convite para participar da Rex porque ficaram com medo de perder o vínculo comercial com outras galerias. Tinham medo de não vender mais.

Eu pergunto sobre a retirada de seu trabalho dessa exposição em protesto à censura de um trabalho de Décio Bar, muito crítico à ditadura, vetado pela direção do museu:

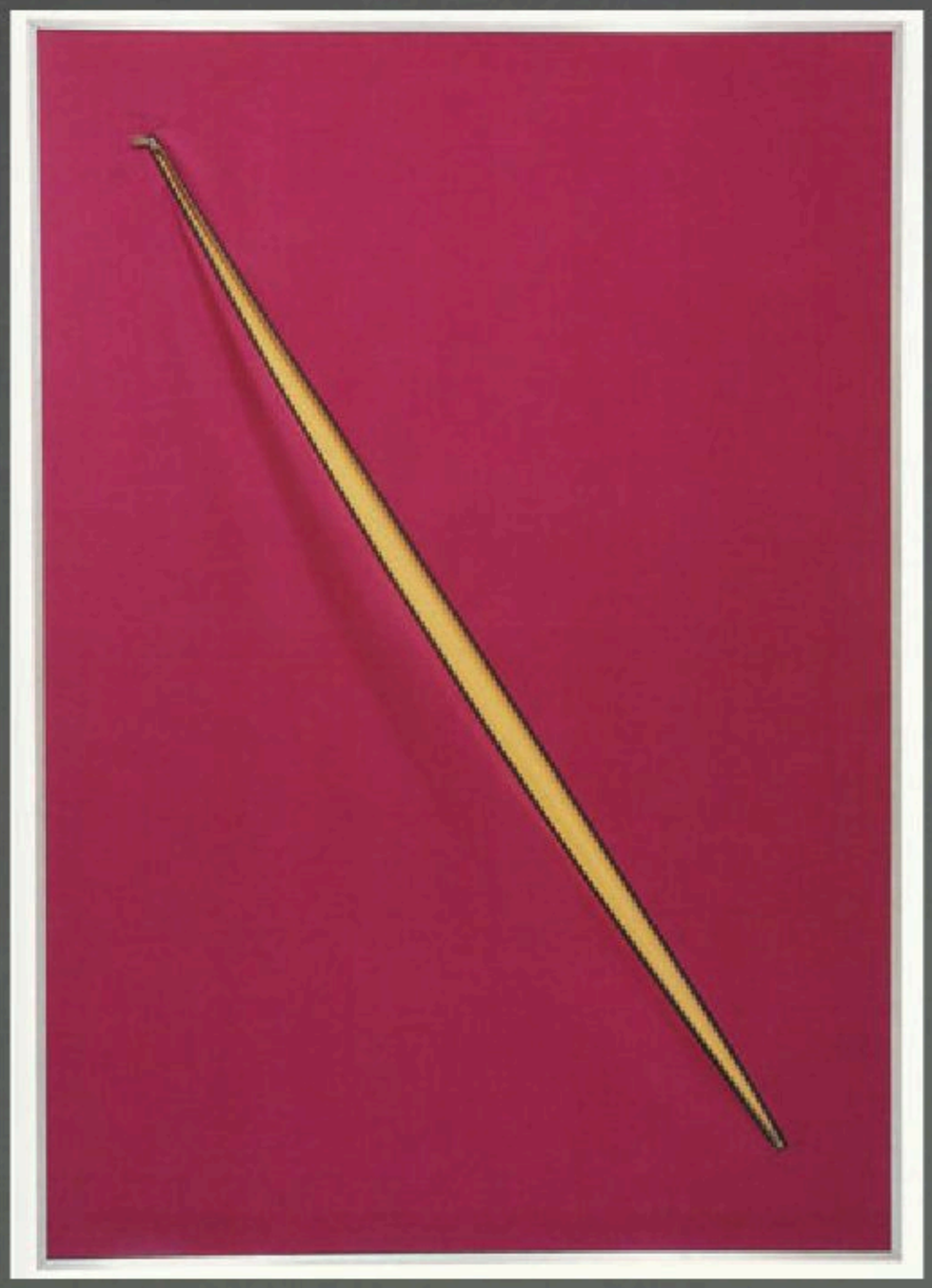
Sim, e depois todo mundo retirou. Assim como na II Bienal Nacional de Artes Plásticas da Bahia: retirei meus trabalhos, que estavam numa sala especial (Leirner fechou sua sala em protesto contra censuras às obras de alguns artistas). Mas eram decisões políticas. E na Rex a idéia era formar um movimento.

O fechamento da Rex Gallery se deu com a Exposição não-Exposição de Nelson Leirner. Cerca de quarenta trabalhos de Nelson foram colocados na galeria, assim como as ferramentas necessárias para arrancá-los, e a população foi convidada publicamente a levar trabalhos do artista para casa. O que se passou foi um dos mais marcantes happenings da história das artes no Brasil:

No happening você nunca tem a dimensão do que vai acontecer. Eu achei ótimo aquilo. Nada melhor do que esvaziar uma galeria em 5



Time is Money . 2007



Homenagem a Fontana I . 1967

minutos para fechá-la (risos). Até a piscina com os peixes foi levada. O pessoal vendia os trabalhos (na porta da galeria, aconteceu uma verdadeira feira, onde algumas pessoas vendiam os trabalhos retirados), porque às vezes precisavam de três pessoas para levar um trabalho, então elas tinham que vender o trabalho para dividir o dinheiro. Dos quase quarenta trabalhos que estavam lá, eu vi apenas um deles recentemente.

Houve um momento de inflexão por parte do artista, após um frustrado happening em 1970, a ser realizado na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP (FAU-USP), chamado *Plásticos*:

Era um happening contra a ditadura. Esse foi o happening que mais me chocou, pelo resultado. Porque, como estudantes de uma FAU, eles deviam sim ter entendido minha intenção. Eu atrasei quinze minutos para chegar e eles arrancaram todo o plástico para usar (eram quilômetros de plástico preto, dispostos por Leirner no dia anterior, de forma que inflados, obstruiriam a passagem das pessoas). Não queria fazer como o artista plástico Christo, que fechou o prédio por fora; queria fechá-lo por dentro, de forma que alunos, professores e empregados não pudessem entrar. Os alunos da FAU deviam ter entendido aquilo. Parece que até eles tinham passado por uma lavagem cerebral. Depois daquilo eu parei um pouco.

Apesar do fracasso daquele happening, a vocação plural e coletiva dos trabalhos de Nelson Leirner não se perdeu desde então. Pelo contrário, boa parte da inquietação na escolha de meios e materiais para se expressar deriva dessa idéia de trazer o espectador para dentro do trabalho. Na recente exposição *Futuro do Presente*, no Itaú Cultural, em São Paulo, Leirner publicou o *jornal do não artista*, cuja manchete era ***Todo artista não é artista quando é artista***. Ao artigo dele, seguia-se um eloqüente texto de Agnaldo Farias que tratava sobre a ambigüidade latente do artista, que já se viu como um não-artista ou Ortista, onde, como definiu Tadeu Chiarelli, Nelson buscava "romper com o conceito de artista, entendido como herói e, por outro lado, recuperar o sentimento anônimo e coletivo de fazer artístico. E isso para salvar a arte dela mesma (...)"

Trabalho exemplar no sentido de participação ativa do espectador é a série Homenagem a Fontana, na qual panos coloridos se ligam uns aos outros, por meio de zíperes manipulados pelo público.

[Homenagem a Fontana] Surgiu para mim de uma relação erótica - não havia pensado sobre o trabalho do Fontana -, era todo um pensamento em torno do erotismo. Porque aquele ziper tinha a ver com a vagina de uma mulher, com a virgindade. Quando o Frederico de Morais escolheu esse trabalho para ir à Bienal de Tóquio, eu não podia chamar aquele trabalho de Homenagem a uma Virgem, ou Abre-te Sésamo (risos). Você tem na cabeça a relação de intelectualização, e lá vi uma relação com os recortes do Fontana. E toda a idéia de erotismo ficou secundária. Daí o trabalho começa a se relacionar com coisas em que você não havia pensado.

Comento que, a despeito da opinião dele e de seus pares do grupo Rex, a historiografia brasileira os coloca como precursores da Pop Arte no Brasil, ao lado de Waldemar Cordeiro e Antônio Dias.

É um Pop que não era Pop. Era uma relação política. Porque a ditadura não deixou que a arte Pop chegasse aqui direito. Pegue o trabalho do Rubens Gerchman, toda a arrumação do trabalho dele era politica, da Lygia Pape também. O Pop com essa idéia americana ou inglesa de consumo não existia aqui, reflete Leirner.

Lembro que um de seus trabalhos, *Adoração* – uma espécie de estandarte com a imagem de Roberto Carlos –, é sempre uma referência de obra Pop no Brasil:

Futuro do Presente . 2007

Era uma relação com o mito. Era uma época muito rica - os Beatles, a minissaia -, em que o mito se tornou algo importante. E foi onde, pós-Guevara, para mim, a sociedade aprendeu a desmistificar o elemento mito por meio do consumo. Nos Estados Unidos, tudo que era mais crítico era mais consumido. A sociedade não queria mais apanhar. Então, se ela consome a crítica, ela pára de ser criticada." De certa forma, essa afirmação de Leirner cria um paradoxo com um depoimento seu presente no DVD sobre seu trabalho, realizado pela Documenta Vídeo Brasil em 2004, em que diz "a glória para o artista é se tornar um produto".

Nosso papo vai se encaminhando para o fim. Mais de uma hora e meia de conversa e fico com a nítida sensação de que, por mais que seja possível eleger temas e preocupações marcantes no trabalho de Leirner (o que acaba sendo o intuito desta matéria), os seus cinqüenta anos de carreira são tão fascinantes, variando muito de forma e conteúdo, que só a visita a suas exposições e a leitura de obras sobre seu trabalho não conseguirão dar a dimensão exata do quão influente é sua produção para as gerações posteriores. Quando a aflição resultante dessa reflexão me abatia, Nelson Leirner, barba e cabelo a serem aparados, portando seu vistoso e indefectível colar formado de elementos diversos (figa, estrela de Israel, playmobil etc), sempre tranqüilo, nos conta sobre seu grande projeto, o que acaba por dar a mim a noção que o próprio artista tem de sua longa e multifacetada carreira:

Eu tenho uma idéia de fazer um trabalho ou um livro, todo ele baseado em mentira. Criar toda uma mentira, mas que não pode ter nem ao menos uma testemunha, porque senão alguém pode refutá-la. Eu tenho que bolar uma idéia de vida artística que ninguém possa rebater, não pode haver testemunhas. É um trabalho em que estou encucado faz tempo: recriar minha vida artística. Não seria um trabalho prático, é uma coisa de ir escrevendo, colocar teorias que eu nunca tive na verdade, mas que ninguém poderia rebater. Seria o crime perfeito, a arte perfeita (risos).

Saiba Mais

www.britocimino.com.br

Confira mais artes do Leirner na galeria do portal www.maissoma.com

THE OMEN
QUEEN! BOO
KUMA

KUMA

Low_res nyc trucks and vans mobile cam shots por Keke Toledo e Lu Krás

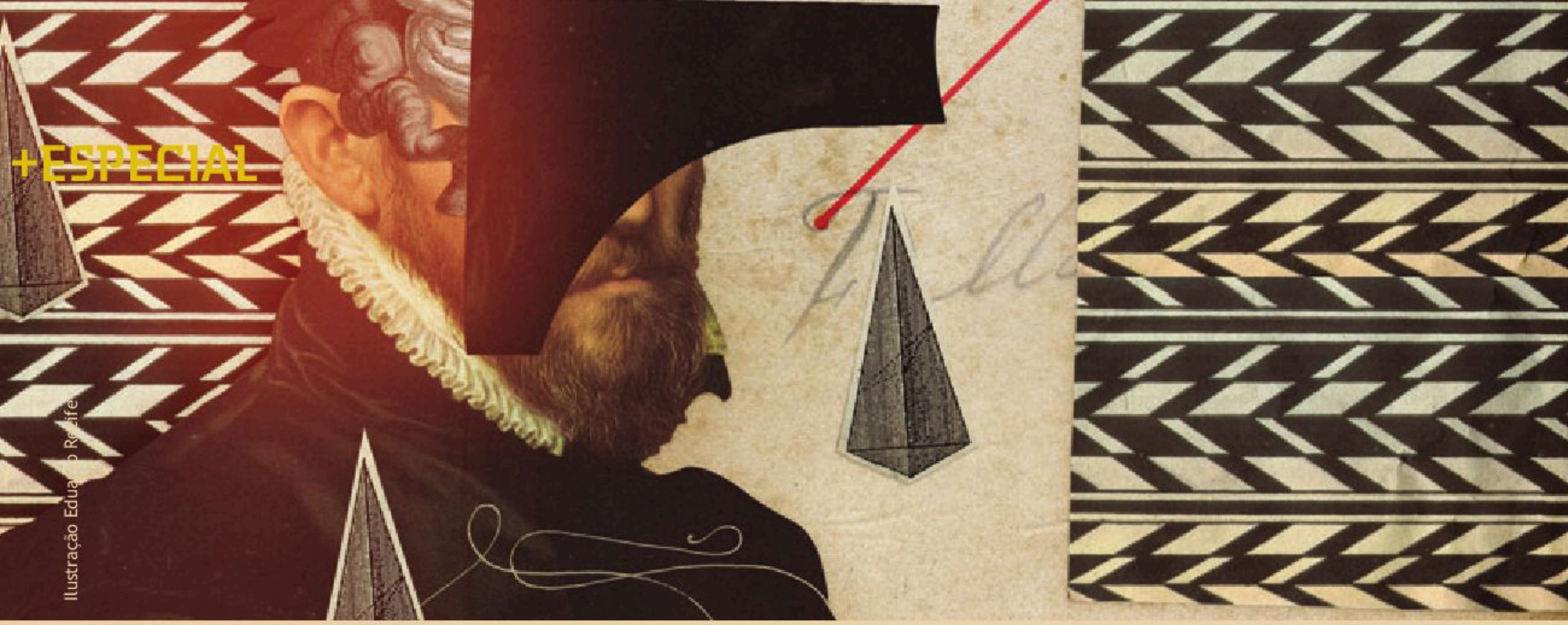


Ilustração Eduardo Recife

+SOMA AMPLIFICA VOL.#1

+Soma Amplifica Volume 01 é a primeira de uma série de coletâneas produzidas pela **Revista +Soma** com o intuito de apresentar o melhor da música brasileira de vanguarda, independente de gênero ou rótulo.

Para essa primeira edição foram selecionadas 14 músicas inéditas de bandas ou artistas-solo que, ou já passaram pelas páginas da revista nesse nosso primeiro ano de vida, ou que em breve aparecerão em nossas páginas.

Em comum, são projetos independentes de pessoas extremamente criativas e talentosas que conseguiram romper barreiras e criar, cada um no seu estilo, um som de personalidade forte e marcante.

Um disco eclético e contemporâneo para ouvir até gastar, copiar para os amigos e compartilhar na internet. Você também pode fazer o download da coletânea para o seu computador ou mp3 player – é só acessar o nosso site. ▸▸

Agradecimento especial a todas as bandas e artistas que participaram da coletânea e a Nike e a Red Bull por nos ajudar a viabilizar esse projeto. Masterizado por Vander Carneiro no Atelier Studios (SP).

1 . Sobe Ladeira

Constantina . 2008

Autoria . Constantina
Participação . Coral das Lavadeiras de Almenara sob regência de Carlos Farias
Banda . André Veloso, Bruno Nunes, Daniel Nunes, Glauco Ferreira e Leonardo Nunes

O grupo mineiro surgiu em 2003, criando uma linguagem baseada em temas instrumentais recheados de referências eletrônicas sutis e numa disciplina de composição baseada na improvisação. Seus discos, lançados pelo selo próprio da banda, representam bem o pós-rock das alterosas.

Sobre a Música: *A escolha da música Sobe Ladeira é algo especial, porque foi o último registro feito pela banda como um quinteto. Sua importância para a banda se dá pela descoberta de um novo tipo de linguagem, onde exploramos a "brasilidade" de nosso som. Éramos cindo pessoas com mentes, vidas e concepções de mundo diferentes.*

Produzido por Constantina . **Gravado** no Estúdio La Petite Chambre (BH) **Mixado** por André Veloso e Daniel Nunes . **Gentimelmente cedido** por La Petite Chambre ▸▸ *Conheça mais em www.constantina.art.br*

2 . Rainha das Cabeças

Kiko Dinucci & Bando Afromacarrônico . 2008

Autoria . Douglas Germano e Kiko Dinucci
Banda . Kiko Dinucci, Douglas Germano, Railídia Carvalho, Dulce Monteiro, Julio Cesar, Rafael e Castro

Kiko é herdeiro desses bambas que não querem deixar a música parada quietinha. Pode incluir nessa lista um Itamar Assumpção ou Jards Macalé, por exemplo. Com o Afromacarrônico, turbina sua pesquisa com muita influência de música africana de origem nagô, unindo festa e inquietação.

Sobre a Música: *Conheci Douglas Germano em meados de 1997. Começava a me embrenhar pela composição e ele já era um jovem veterano. Nos reencontramos em 2006, no Bando AfroMacarrônico. A primeira canção dessa retomada foi "Rainha das Cabeças", dedicada a Iemanjá. Quem interpreta a canção é o próprio Douglas.*

Produzido por André Magalhães . **Gravado, mixado e masterizado** pelo Estúdio Zabumba (SP) . **Gentimelmente cedido** pela Desmonta . **Albúm .** Pastiche Nagô ▸▸ *Ouça mais em www.myspace.com/afromacarronico*

3 . Saga
Slim Rimografia . 2008

Autoria . Valter Araujo de Souza (Slim)
Participação . Participação Andreia Passos

Valter Araújo de Souza aka Bruce Slim aka Slim Rimografia – o rapper faça-você-mesmo por excelência! Com seu estúdio caseiro, manda ver nas batidas e letras mais espertas que se pode esperar de um MC e produtor antenado com sua época e interessado sobretudo em música brasileira.

Sobre a Música: *Na metrópole, música pra acalmar, pra animar, pra pensar – esta é Saga, um som que fala dos trajetos do trabalho para casa, da rua para os bailes. Um beat feito numa noite e gravado no dia seguinte. Eu mostrei à Andréia dois compassos do beat e a garota desandou a cantar um refrão, feito por ela alguns dias antes.*

Produzido por Slim Rimografia . **Gravado** no Estúdio Mokado Records (SP) **Mixado** por Slim Rimografia . **Masterizado** pelo Ganja man no El Rocha Estúdio . **Gentimelmente cedido** pela (©urve)music™ . **Álbum .** Introspectivo ⏩ *Ouça mais em www.myspace.com/slimrimografia*

4 . Indica
Burro Morto . 2007/08

Autoria . Burro Morto
Banda Haley Guimarães, Leonardo Marinho, Ruy Oliveira, Daniel Ennes Jesi, Thiago Costa, Victor Afonso, Felipe Gouveia e Felipe Tavares

O quinteto paraibano é um bem-sucedido amálgama musical de influências como afrobeat, jazz, funk e psicodelia. O resultado desse cruzamento vibrante e dançante é uma música cheia de frescor, transpirando energia com batidas certeiras, climas lisérgicos e texturas e timbres altamente imagéticos.

Sobre a Música: *A música "Indica" foi escolhida por conter elementos que sintetizam a sonoridade do Burro Morto: o balanço, as texturas e timbres psicodélicos, a progressividade dos arranjos, além de possuir boa variação de climas e nuances.*

Produzido e Mixado por Haley Guimarães, Leonardo Marinho, Ruy Oliveira e Daniel Ennes Jesi . **Gravado** no Estúdio 24horas . **Masterizado** no Estúdio Peixe-Boi (PB) por Marcelo Macedo . **Gentimelmente cedido** pelo Burro Morto ⏩ *Ouça mais em www.myspace.com/burromorto*

5. Filha da Palavra
Axial . 2008

Autoria . Sandra Ximenez e Felipe Julián
Banda . Sandra Ximenez, Felipe Julian, Leonardo Correa, e Yvo Ursini

Música para se ouvir com os olhos – esse é o lema do grupo paulistano, interessado em conectar manifestações artísticas díspares e licenciando seus trabalhos através da inovadora licença Creative Commons. Nada mais adequado a um grupo que usa a internet como plataforma de divulgação.

Sobre a Música: *Inspirada em um caderninho da artista plástica Thula Kawasaki, incluído numa instalação de arte contemporânea com os dizeres "a menina conhecia melhor que ninguém tudo aquilo que não existia". A produção foi feita com sons de pedras sendo atiradas ao chão.*

Produzido e Mixado por Felipe Julián . **Gravado** ao vivo no Teatro do Shopping Frei Caneca (SP) . **Mixado e masterizado** por Felipe Julian . **Gentimelmente cedido** pelo AXIAL . **Álbum .** Senóide ⏩ *Ouça mais www.myspace.com/projectaxial*

6 . Rocheda
Fossil . 2007

Autoria . George Frizzo
Banda . George Frizzo, Vitor Colares, Eric Barbosa e Victor Blhum

Usando o formato tradicional roqueiro, o quarteto cearense Fossil, surgido em 2004, é o resultado do encontro de quatro amigos interessados em construir música instrumental contemporânea calcada em experimentação e manipulação de efeitos sonoros. Ok, se essa descrição te lembrar pós-rock, fique tranqüilo: o grupo é isso e muito mais.

Sobre a Música: *"Rocheda" surgiu de forma espontânea, como uma tentativa de reforçar o diálogo com uma linguagem sonora multicultural, percussiva. Foi uma música composta em um momento de execução livre, onde tentamos ir além do clima etéreo característico nosso, e incorporamos outros detalhes e dinâmicas.*

Produzido por Fossil . **Gravado e mixado** no Estúdio Gramophone, Fortaleza (CE) por Junior Arruda e Fossil . **Gentimelmente cedido** pelo Fossil ⏩ *www.myspace.com/fossilsoundtrack*

7 . Tormenta
Ordinaria Hit . 2008

Autoria . Flávio Lepsch Custódio
Banda . Flávio Bá, João Branco, João Riveros, Renato Ferreira e Rodrigo Rosa

Desde 2001, o grupo paulistano se apresenta por todo Brasil, Argentina e Uruguai, seguindo uma agenda política radical, e ganha fãs com sua estética pós-punk, seguindo grupos como The Ex e Fugazi. A banda tem seis lançamentos até o momento (quatro CDs e dois singles virtuais) e não pára: já há mais dois lançamentos no horizonte.

Sobre a Música: *Ela reflete bem um processo de composição diferente, que de certa maneira adotamos com a entrada do Renato (que atualmente está em Amsterdã). O rascunho da faixa é dele. Seria a antítese da música pop, com inserção de vocal quase zero, sem refrão e um ritmo que confunde a cabeça.*

Produzido por Ordinaria Hit . **Gravado** analogicamente no Clube Berlin (SP) por Jonas . **Mixado** por Ordinaria Hit . **Gentimelmente cedido** pelo Ordinaria Hit ⏩ Ouça mais em *www.myspace.com/ordinaria*

8. A.f.r.i.c.a
MAX B.O. 2008

Autoria . Max B.O. e Leo Cunha

Verdadeira lenda do freestyle, Max B.O é um dos mais requisitados MCs do pais, gravando com artistas como Trio Mocotó, Nação Zumbi, Instituto e O Rappa, por exemplo. Recentemente, participou no filme *Antônia* e vem se apresentando com o DJ Marco desde 2004, trabalhando com artistas como Rappin Hood, Beto Villares e a cantora Céu.

Sobre a Música: *Foi uma forma de chamar a atenção para os problemas daquele continente, que mesmo nas piores condições ainda consegue se manter firme.*

Produzido, Gravado, Mixado e Masterizado por Leo Cunha no Studio Casa1 (SP) . **Gentimelmente cedido** por Casa 1 Records . **Álbum** Sabor Hip Hop . Vol.2 ⏩ Conheça mais www.maxbo.com.br

9 . Soltinho
Rockers Control . 2008

Autoria . Bruno B. B. Gusmão, Cristiano A. M. G. Scabello, Décio C. Silva, Fabio F. Murakami, Marietta P. V. Arantes e Mauricio P. Pregnolatto
Banda . Bruno Borges B. Gusmão, Cristiano A. M. G. Scabello, Décio C. Silva, Fabio F. Murakami, Gustavo Lenza, Guilherme Arantes, Marietta P. V. Arantes e Maurício P. Pregnolatto

Rockers é um sexteto interessado na vertente mais radical e lisérgica da música jamaicana: o dub. O trabalho do grupo é baseado em longas improvisações e seu material gravado é baseado nesses momentos de execução livre, fiéis ao que escutamos ao vivo.

Sobre a Música: *"Soltinho" foi gravado ao vivo e, assim como o restante das faixas do disco* Jacuípe Sessions, *carrega o frescor do litoral baiano, o aconchego do estúdio e pousada Coaxo do Sapo e a inspiração no sentimento de liberdade.*

Produzido e Gravado no Estúdio Coaxo do Sapo em Jacuípe (BA) . **Gravado** por Gustavo Lenza . **Mixado** por Yellow P . **Gentimelmente cedido** pelo Dubversão/Traquitana . **Álbum .** Jacuípe Sessions ⏩ Ouça mais em www.myspace.com/rockerscontrol

10 . Um abraço na Naná
Algaravia Trio . 2008

Autoria . Murillo Mathias
Banda completa: Felipe Pagliato, Murillo Mathias e Demétrius Carvalho

A música do Algaravia Trio parte de dois pressupostos: de que algo aparentemente incompreensível para uns pode ter significado profundo para outros, e que o caos pode ser um bom começo para eventos, digamos, mais organizados. A vocação da banda para unir elementos díspares, obtendo resultados às vezes surpreendentes é uma constante, além das improvisações livres, norteadas unicamente pelo instinto musical de cada um dos integrantes.

Sobre a Música: *Fazendo brincadeira com o título de uma das poucas composições conhecidas de João Gilberto, a banda aproveita para homenagear uma das grandes amigas da banda. "Um Abraço na Naná" traz uma estrutura jazzística mesclada com o clássico formato AABA da música popular. É um dos temas mais aplaudidos nas apresentações do trio e, por este motivo, escolhido para fazer parte da coletânea.*

Produzido, gravado e mixado pelo Algaravia Trio . **Gentimelmente cedido** pelo Algaravia Trio ⏩ Conheça mais em www.algaraviatrio.net

11 . Empate
Polara . 2007

Autoria . Carlos Dias, Mario Cappi, Rafael Crespo, André Sato e Fernando Seixlack
Banda . Carlos Dias, Mario Cappi, Rafael Crespo, André Sato e Fernando Seixlack

O Polara foi um grupo formado em 1999 por Rafael (ex-Planet Hemp) Carlinhos (ex-Againe) e Sato (ex-Mickey Junkies). Desde então, o grupo foi agregando músicos conhecidos da cena indie de São Paulo. O Polara, sempre é bom dizer, foi um grupo que começou a cantar em português quando isso era totalmente incomum no cenário independente. Entre demos e alguns registros em CD, o grupo angariou fiéis fãs, admiradores dessa tão conturbada banda.

Sobre a Música: A música Empate foi escolhida por Crespo, guitarrista da banda por ser, segundo ele, *"uma das melhores músicas que o Polara já fez"*. Empate foi gravada em 2007 e deveria fazer parte do novo disco da banda que infelizmente não será mais lançado comercialmente (já circula um álbum com músicas inéditas do Polara na internet batizado de "Inacabado"). Seus ex-membros se dedicam à novos projetos como o Albertinho dos Reys e Aspen, respectivamente, projeto-solo de Carlos Dias e a nova banda de Rafael Crespo.

Gravado no Estúdio Dal Santo (SP) . **Mixado** e **Masterizado** por Rafael Crespo no Estúdio Superfuzz (RJ) . **Gentimelmente cedido** por Rafael Crespo (Polara) . **Álbum .** Inacabado ⏩ *Ouça mais em* www.myspace.com/ppolara

12 . Uma outra versão sobre o mundo de Maya
Guizado . 2008

Autoria . Guilherme Mendonça
Banda . Guilherma Mendonça, Rian Batista, Regis Damasceno e Luciano Curumin

Guizado é o projeto do polivalente músico Gui Mendonça. Neste projeto, sua marca é uma mistura de harmonias criadas por seu instrumento, o trompete, aliado às texturas encontradas nos experimentos com toda espécie de parafernália eletrônica.

Sobre a Música: *O principal motivo da escolha dessa música para a coletânea é o fato de ela ter um tema forte, uma melodia facilmente reconhecível - o que não é tão comum em minhas músicas - e Maya é um bom exemplo disso. Eu gosto da levada do som, a maneira como o baixo e a bateria se estruturam.*

Produzido por Postan Gallas e Guilherme Mendonça . **Mixado** por Postan Gallas . **Gravado** no Estúdio El Rocha (SP) . **Gentimelmente cedido** pelo Diginois/Urban Jungle . **Álbum .** Punx ⏩ *Ouça mais em* www.myspace.com/guizado

13 . A Força da Sugestão
Parteum . 2008

Autoria . Parteum

Parteum é um rapper e produtor alinhado à tradição de artistas sofisticados e inovadores do hip-hop mundial, como Pete Rock, Madlib e Jay Dee. Seu trabalho é marcado pela escolha de batidas refinadas e rimas de forma e conteúdo incomuns para o cenário rap nacional.

Sobre a Música: *Divas de fino trato, entendam meu relato: MP3, Serato, vinil, CD, eu trato cada linha feito a moça que me deu a mão. Padrinho do Espião com mais um disco no colchão. Mais tijolos = Construção! Mais enigmas = Refrão! Mais dinheiro, mais pressão. Te apresento agora a força da sugestão.*

Faixa composta, arranjada e produzida por Parteum para Mzuri Sana® . **Gravado, mixado e masterizado** por Vander Carneiro e Parteum no Atelier Studios (SP) . **Gentimelmente cedido** pelo Parteum/Mzuri Sana ⏩ *Conheça mais em* www.parteum.com

14 . De Manhã ou de Noite
M. Takara . 2008

Autoria .
Maurício Sanches Takara

Maurício Takara achou o espaço perfeito para nos brindar com seu trabalho mais pessoal em seu projeto M. Takara. Um dos maiores destaques da cena independente brasileira dos últimos dez anos, o músico vem testando diferentes formações e recursos eletrônicos neste projeto, aliados, obviamente, a seu trabalho percussivo plural.

Sobre a Música: *Escolhi esse som por que era um som que eu já tinha bem encaminhado e não tinha sido lançado. Tem um motivo bem hipnótico e repetitivo, que vai causando e sofrendo variações ao longo da música. Achei que por isso seria uma música boa para uma compilação.*

Produzido por Mauricio Takara . **Gravado** e **Mixado** no estúdio Cocô Ambulante (SP) por Mauricio Takara . **Gentimelmente cedido** pela Desmonta ⏩ *Ouça mais em* www.myspace.com/mtakara

HATE

JOB

CHEK

FAIM

OHHH

HARD

UGLY

J'AI

SHIT

HALF

SEXY

LOVE

HATE

JOB

LOOK / ABOVE

"UM OLHAR PARA CIMA"

Entrevista por Tiago Moraes
Imagens divulgação

É muito comum nas grandes metrópoles mundiais nos depararmos com pessoas apressadas e cabisbaixas, com o olhar perdido, se esvaindo no infinito. A evolução das novas formas de comunicação digital, com suas mensagens instantâneas e torpedos SMS, estão tornando as pessoas cada vez mais fechadas e tímidas.

Não seria a hora, mesmo que seja um mero exercício, de passar a olhar mais para cima, além do campo tradicional (e limitado) de visão? Que tal começar a encarar as pessoas olho no olho dentro de um elevador em vez de desviar o olhar para baixo? Você pode se surpreender com esse novo universo a ser descoberto.

O artista urbano norte-americano Above sabe muito bem disso e foi lá no alto, muito além dos muros nos quais a maioria dos artistas de rua focam sua atenção, encontrar o espaço para expor seus trabalhos e dialogar com a cidade.

Não satisfeito em "pendurar" sua arte pelos Estados Unidos inteiro, da costa Oeste à Leste, do eixo Norte ao Sul, o artista rodou quase toda a Europa e acaba de terminar uma turnê de mais de seis meses viajando pelas Américas Central e Sul, tendo inclusive passado pelas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro.

Nesta entrevista, o artista conta um pouco mais sobre detalhes e curiosidades de suas viagens mais recentes e compartilha um pouco mais do seu universo e inspirações. »

SIGN LANGUAGE TOUR

Fale para a gente um pouco sobre o projeto Sign Language.

A turnê Sign Language aconteceu em 2006, e foi [estruturada] especificamente em cima das instalações de setas móveis que eu vinha pendurando nas cidades. Eu já havia pendurado setas anteriormente pela Europa e Estados Unidos, mas a turnê foi concebida para explorar e disseminar a minha teoria Word/Play. Essa foi sem dúvida a minha turnê mais intensa até hoje. Criei e pendurei minhas setas em 26 países da Europa durante cinco meses. Visitei literalmente todos os países entre Espanha e Turquia e entre Grécia e Finlândia, e em todos pude pendurar minhas setas Word/Play.

O nome dessa tour e a idéia por trás de tudo era que cada seta trazia em cada lado uma palavra. As setas têm dois lados e ficam girando constantemente com o vento. Essa seria uma forma de comunicação que usaria o movimento em vez do som, exatamente como as pessoas surdas usam a linguagem dos sinais para se comunicar com outra pessoa.

Você começou esse projeto nos Estados Unidos, certo? Em quantas cidades você pendurou as setas?

Em 2004, embarquei na minha turnê pela América. Foram três meses viajando e catorze cidades visitadas nos Estados Unidos, terminando em Toronto no Canadá. Foi uma espécie de preparação para essa turnê maior na Europa, já que ainda estava descobrindo maneiras e lugares para pendurar minhas setas e também como viajar de maneira fácil e segura. Nessa turnê eu dirigi 4800 km em um carro alugado por todos os Estados Unidos e Canadá, e pendurei setas em cidades como Chicago, Nova York, Los Angeles, Seattle, São Francisco, Pittsburgh, Detroit, Portland e Toronto, para citar algumas.

Logo após atacar as cidades americanas você fez uma viagem para a Europa. Quantos e quais países você visitou?

Assim que terminei as cidades planejadas nos Estados Unidos, parti para a Europa. Isso foi em 2005, e eu tive a oportunidade de visitar catorze países, onde pintei murais e também pendurei as setas. O mais longe que fui ao leste foi à cidade de Budapeste na Hungria e o mais longe ao norte foi Reykjavík na Islândia. Essa turnê em 2005 pela Europa foi uma boa preparação para a Sign Language Tour, que eu faria no ano seguinte em 26 países.

A maioria de suas setas carregam em ambos os lados palavras de quatro letras. Como você escolhe essas palavras? Você primeiro escolhe o lugar em que vai pendurar e depois pensa nas palavras?

Eu descobri que palavras de quatro letras são abundantes na língua inglesa - existem mais palavras de quatro letras em inglês do que quaisquer outras, sem falar em alguns dos melhores palavrões (risos). Então, trabalhando dentro desse conceito, descobri que dentro do limite de trabalhar com as quatro letras eu poderia escolher palavras que em conjunto poderiam transmitir toda uma gama de emoções ou sentimentos.

Comecei o projeto colocando no papel todas as palavras com quatro letras da língua inglesa e depois comecei a trabalhar em cima de possíveis associações entre elas. Por exemplo: se pegarmos a palavra "love", qual outra palavra de quatro letras você poderia escolher para uma associação? Talvez o significado oposto, a palavra "Hate", ou fazer um testemunho como "More/Love", "Lost/Love", "Feel/Love" etc. Eu dedico bastante tempo à escolha das palavras e do local onde pendurar cada uma das setas. Geralmente, quando vou a um lugar onde quero pendurar uma, levo de quinze a vinte peças com mensagens diferentes. Lá, escolho a mais adequada ao ambiente, que dialogue melhor com ele.

Como você pendura essas setas tão alto? (Ok, eu sei que você não vai responder essa)

Eu não gosto de responder essa pergunta, porque quero que as pessoas usem a imaginação e pensem sobre todas as maneiras possíveis de se pendurar a seta em um determinado lugar. Já ouvi muitos palpites e idéias interessantes de pessoas que tentam adivinhar como eu penduro as peças. Acho isso muito mais interessante do que simplesmente falar como eu faço.

E todos esses padrões diferentes que você usa, de onde vêm?

Os padrões são uma maneira divertida de "vestir" as setas. Como o espaço que sobra é enorme, achei legal colar tecidos nas setas de madeira. Os tecidos vêm de lojas onde costumo ir, e sempre escolho vários padrões e cores diferentes, que transmitam sentimentos e que sejam engraçados. E já que as setas giram o tempo todo, é importante escolher padrões que sejam fortes e definidos para chamar a atenção das pessoas.

Qual foi a história mais marcante da turnê Sign Language na Europa?

Acho que o mais louco foi ter conseguido fazer uma imitação da passagem de trem da Eurail para viajar de graça de trem por cinco meses! Transporte gratuito por toda a Europa foi sem dúvida uma das melhores coisas dessa viagem.

Dos lugares que você visitou nessa turnê, qual você mais gostou? Por quê?

Eu adorei Barcelona na Espanha, de verdade. Acho que pela mistura do clima, a praia, o sol, as pessoas e toda a atitude e cultura que a cidade transborda. Também gostei muito da Dinamarca, da Islândia, da Romênia e da Grécia. ⏩

"Eu descobri que palavras de quatro letras são abundantes na língua inglesa - existem mais palavras de quatro letras em inglês do que quaisquer outras, sem falar em alguns dos melhores palavrões (risos)".

İstanbul . Turquia

São Francisco . USA

Toronto . Canadá

HOT/LINE

São Paulo . Brasil

IS
LINK
MANS
ONE

Cidade do Panamá . Panamá

SALIR DE GUATEMALA
Y ENTRAR A
GUATEBUENA

Cidade da Guatemala . Guatemala

KNOW YOUR BLOWS
THEN BLOW YOUR
NOSE!

BQR-994

ituRbuRu.

Lima . Perú

LEFT
HANDERS
ARE
NEVER
RITE

Santiago . Chile

YEAH
RIGHT

Santiago . Chile

SOUTH CENTRAL TOUR

Conte um pouco sobre o projeto South Central. Quantos meses você passou viajando e quantos países você visitou? Por que você decidiu viajar pela América Central e pela América do Sul?

A turnê South Central foi uma história mais pessoal para mim, uma busca pelo crescimento como ser humano e artista. Essa foi a primeira turnê em que não tive vontade de pintar nem de pendurar minhas setas. Para mim o mais importante dessa viagem foi conhecer novos lugares e experimentar novos estilos [de pintura].

Foram quase 24 meses para organizar meus contatos e definir quais lugares eu queria visitar e onde queria pintar. E foi também a turnê mais longa que já fiz até hoje: seis meses viajando! Tive a oportunidade de visitar e pintar em treze cidades de onze países diferentes.

Escolhi explorar as Américas Central e do Sul porque esses lugares trazem muitas possibilidades, é uma área ainda não muito explorada e com poucas leis e restrições contra o graffiti. Os Estados Unidos e a Europa já têm diversas leis estabelecidas contra o graffiti, além de [haver] muita rivalidade entre os artistas de rua. Por outro lado, nesses lugares é muito fácil ter acesso às melhores tintas e aos melhores materiais. Já nas Américas Central e do Sul é muito mais difícil conseguir material como latas de spray, rolos e tinta, e por isso achei que seria uma viagem atrativa e desafiadora.

Eu fiquei sabendo que você passou por situações delicadas nessa turnê, como ser esfaqueado no Equador e ser roubado na Argentina. Conte algumas histórias dessa tour.

Infelizmente, esses problemas realmente aconteceram. Meu amigo El Tono, artista de Madrid, também estava em Buenos Aires quando eu estava lá. Nós saímos juntos para pintar em uma área meio perigosa, estávamos pintando ilegalmente, sem permissão, à luz do dia, e já estávamos lá há umas duas horas. Dois garotos, de 18 ou 19 anos, se aproximaram e disseram que estavam armados e que iam roubar a gente. Nós não acreditamos e continuamos pintando, mas os dois sacaram as armas e apontaram para as nossas cabeças e mandaram a gente entregar nosso dinheiro, câmeras e qualquer outro objeto de valor ou eles nos matariam. Percebi que ambos estavam bem tensos e com medo, mas eles estavam armados e poderiam nos matar. Foi uma situação desagradável, porque infelizmente naquele dia nós dois estávamos com nossas câmeras, e geralmente não levo minha câmera quando saio para pintar, então eles levaram as duas câmeras e mais uns cem dólares.

Na outra situação, eu estava em Quito, no Equador, quando três viciados em cocaína vieram correndo pela rua, e um deles enfiou uma faca no meu braço! Enquanto a faca estava enfiada no meu braço, os outros dois caras enfiavam as mãos no meu bolso procurando por dinheiro. Ainda bem que esses caras só levaram doze dólares! Na real, essas situações são parte do que eu faço, de pintar ilegalmente e andar por lugares perigosos sozinho à noite. Tenho muita sorte de nada pior ter acontecido, e vejo essas situações como parte de um aprendizado.

Por que nessa turnê você decidiu se concentrar em pintar grandes murais, especialmente murais tipográficos?

Essas pinturas maiores foram uma transição progressiva do projeto anterior, da brincadeira com as palavras e as setas. Trabalhei nesse projeto anterior por uns quatro anos e queria evoluir, ter mais palavras e poder me expressar melhor em meus trabalhos. Decidi então priorizar as pinturas porque muita gente me conhece pelas minhas instalações de setas móveis e eu queria mostrar que também sei pintar. Gosto de me sentir um artista completo, e pintar esses grandes murais foi um passo importante para mim.

Como foi o itinerário dessa viagem? Você planejou tudo antes ou foi para um país e deixou a coisa fluir? Como você viaja de um país para outro? Avião, ônibus, trem?

Comecei a organizar essa turnê em 2006, enquanto fazia a Sign Language Tour. Comecei a fazer uma lista de amigos que eu tinha na América Central e do Sul e sondar se eu poderia ficar na casa deles, perguntar quais cidades era legal para pintar. Finalmente, em outubro de 2007, iniciei essa turnê pelo Rio de Janeiro. Quando cheguei ao Rio, eu tinha uma lista de vinte cidades e dezoito países que queria visitar e nos quais pretendia pintar. No decorrer da viagem, você vai gostando mais de alguns lugares e acaba ficando mais do que o planejado, tira outra cidade do roteiro original etc. Mas, no final, fiquei bem satisfeito com a quantidade de lugares visitados e a quantidade de lugares onde tive a oportunidade de pintar. Ao contrário da Europa, [nas Américas Central e do Sul] eu viajei muito de ônibus e de avião, nunca de trem.

Entre os países que você visitou nessa turnê, de quais você gostou mais? Por quê?

Essa pergunta é difícil, porque gostei de conhecer muitos países, por diferentes motivos. Eu diria que meus três países preferidos foram o Brasil, a Argentina e o México. Curti muito os três, porque são muito diferentes [entre si], além de carregarem muita cultura e serem lugares onde tenho grandes amigos. São Paulo é uma cidade incrível, com aquele tamanho todo e uma quantidade absurda de pichação e graffiti em todas as ruas. Buenos Aires tem todo um clima europeu e é cheia de energia. A Cidade do México tem muito graffiti tradicional e a comida é incrível. Todos esses motivos, somados ao fato de eu ter grandes amigos em todas essas cidades, tornaram essa experiência toda inesquecível.

E sobre o Brasil? Você esteve em São Paulo e Rio, certo? Do que você mais gostou por aqui? E o que você odiou? Você chegou a fazer contato com artistas da cena de arte urbana local?

Eu gostei muito do clima de praia no Rio e também da ótima comida. Em Sampa eu amei aquele monte de pichações, os graffitis e a vida noturna. A única coisa que odiei em Sampa foi o trânsito. Às vezes eu levava de duas a quatro horas atravessando a cidade para ir pintar um lugar. Isso foi bem desgastante e nem um pouco legal.

Eu conheci muitos artistas em Sampa – amigos como o 2501, Highgraff, Prozak, Ciro, Não e Boleta, para citar apenas alguns. ▸▸

ACIMA DE TUDO...

Idade? Onde Mora? Educação artística?
Tenho 27 anos. Hoje, aqui; amanhã, lá! Não tenho nenhuma educação formal de arte, apenas leio bastante, gosto de pesquisar muito em livros e aprender sempre com a vida.

Como você descreveria o Above?
Como alguém que está sempre tentando aprender coisas novas e se jogando em novos níveis.

Você tem viajado muito nos últimos anos, e imagino que deve ser difícil manter um emprego tradicional. Como você consegue bancar todos os custos dessas viagens e do material que utiliza?
Eu vendo minha arte pelo meu website. Também já trabalhei como garçom em alguns restaurantes, juntando dinheiro para viajar, mas nos últimos anos tenho vendido meus trabalhos e é assim que consigo viajar. Mas o mais importante de tudo é o apoio dos amigos que eu tenho no mundo todo, que me ajudam muito a economizar no custo de ter que pagar um albergue ou hotel. Sem os custos de hospedagem, sobra dinheiro para comprar comida, pagar transporte, tintas e outros materiais de pintura.

Quando a criação artística se tornou algo importante na sua vida?
Quando eu percebi que não conseguia mais viver sem fazer ou pensar de maneira criativa no meu dia a dia. Sou muito curioso para conhecer coisas, lugares novos. Vivo pensando em fazer arte e viajar me faz bem. É como uma droga positiva que não tem nenhum efeito colateral.

O que mais te motiva nessa sua jornada? Você tem um plano de dominar o mundo ou algo do tipo? Quais os próximos passos? África? Oceania?
O que motiva é o desafio de colocar em prática minhas idéias. Eu gosto de sonhar de forma intensa e estou sempre buscando obstáculos que me façam crescer e evoluir. Não tenho um plano específico para dominar o mundo, mas posso te dizer que eu tenho sim planos de viajar bastante e aproveitar o mundo. Existem tantas culturas diferentes, línguas, crenças, comidas e tudo o mais, e eu quero experimentar tudo isso o máximo que puder e seguir minha jornada. Eu quero e vou para o Sudeste Asiático em breve.

"Já fui preso onze vezes ao redor do mundo.
Já fui perseguido, espancado e sofri algumas ameaças de
morte com armas apontadas para a minha cabeça,
e tudo isso só por insistir em fazer o que gosto".

Você já apanhou de algum policial ou segurança, ou já foi preso?
Já fui preso onze vezes ao redor do mundo. Já fui perseguido, espancado e sofri algumas ameaças de morte com armas apontadas para a minha cabeça, e tudo isso só por insistir em fazer o que gosto.

Como é viver viajando? Qual a melhor parte e a pior parte de estar sempre em turnê?
A melhor parte de viajar é simplesmente deixar fluir. Ter a oportunidade de se aventurar em uma nova cidade e experimentar tudo que ela tem para te oferecer. A pior parte é que, depois de cem dias dormindo no chão, a primeira coisa que eu quero ver pela frente é uma cama confortável.

Você ainda tem algum lugar que chama de casa, ou está sempre em trânsito?
Considero minha casa São Francisco, Paris, Barcelona e, muito em breve, Buenos Aires.

Do que você gosta mais, pendurar setas ou pintar murais?
Eu gosto dos dois, cada um por um motivo diferente. Amo pintar murais pelo processo e dimensão, e pendurar as setas pela estética visual e o movimento. Me divirto muito fazendo ambas a coisas.

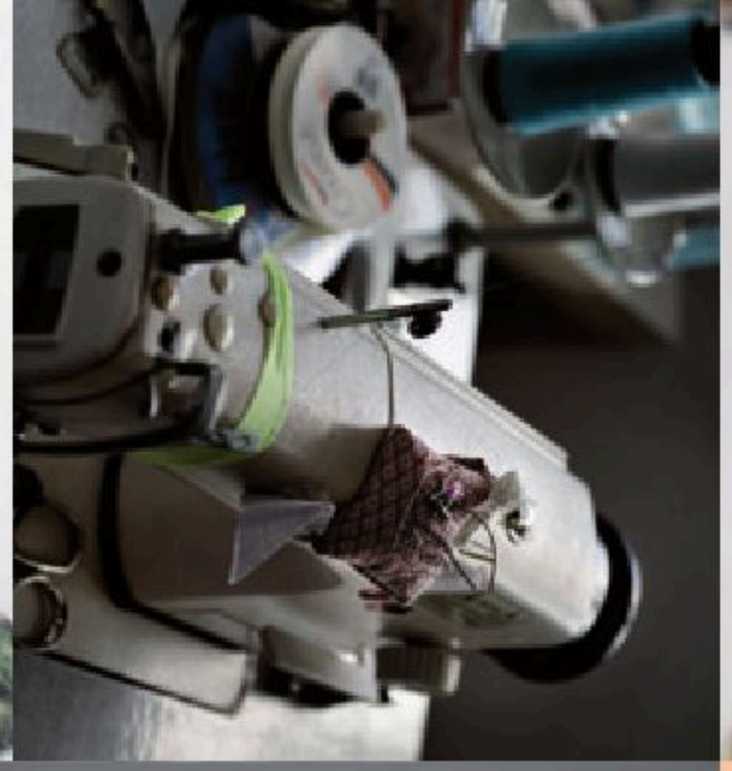
Está empolgado com algum novo projeto no momento?
Eu embarco para a Itália amanhã. Estou voltando para a Europa para desenvolver alguns projetos e pinturas por três meses. Viajar sempre é estimulante.
Primeiro vou para Roma trabalhar em algumas gravuras de tiragem limitada, em parceria com o Cromiestudio. Pretendo vender algumas e depois participar de um grande evento de arte ao ar livre pela Itália, Espanha e Portugal no verão. Depois, voltarei a Buenos Aires para viver lá por alguns meses.

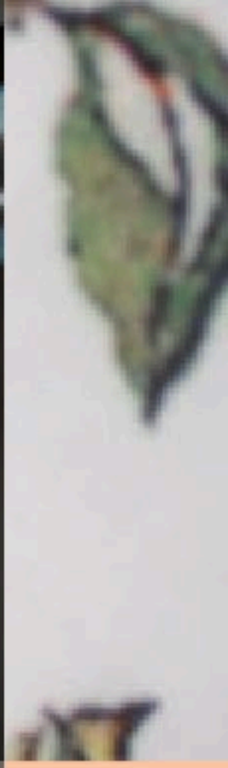
Últimas Palavras...
Gostaria de agradecer todos os amigos que me deram um apoio incrível durante a turnê South Central. É muita gente para citar todos os nomes, mas se você deixou que eu ficasse na sua casa, dormisse no seu chão, se me deu alguma comida, se pintou junto comigo ou simplesmente deu um rolê junto, meu mais sincero muito obrigado! Obrigado por me ajudar a viabilizar mais esse projeto!

» Saiba Mais
www.goabove.com

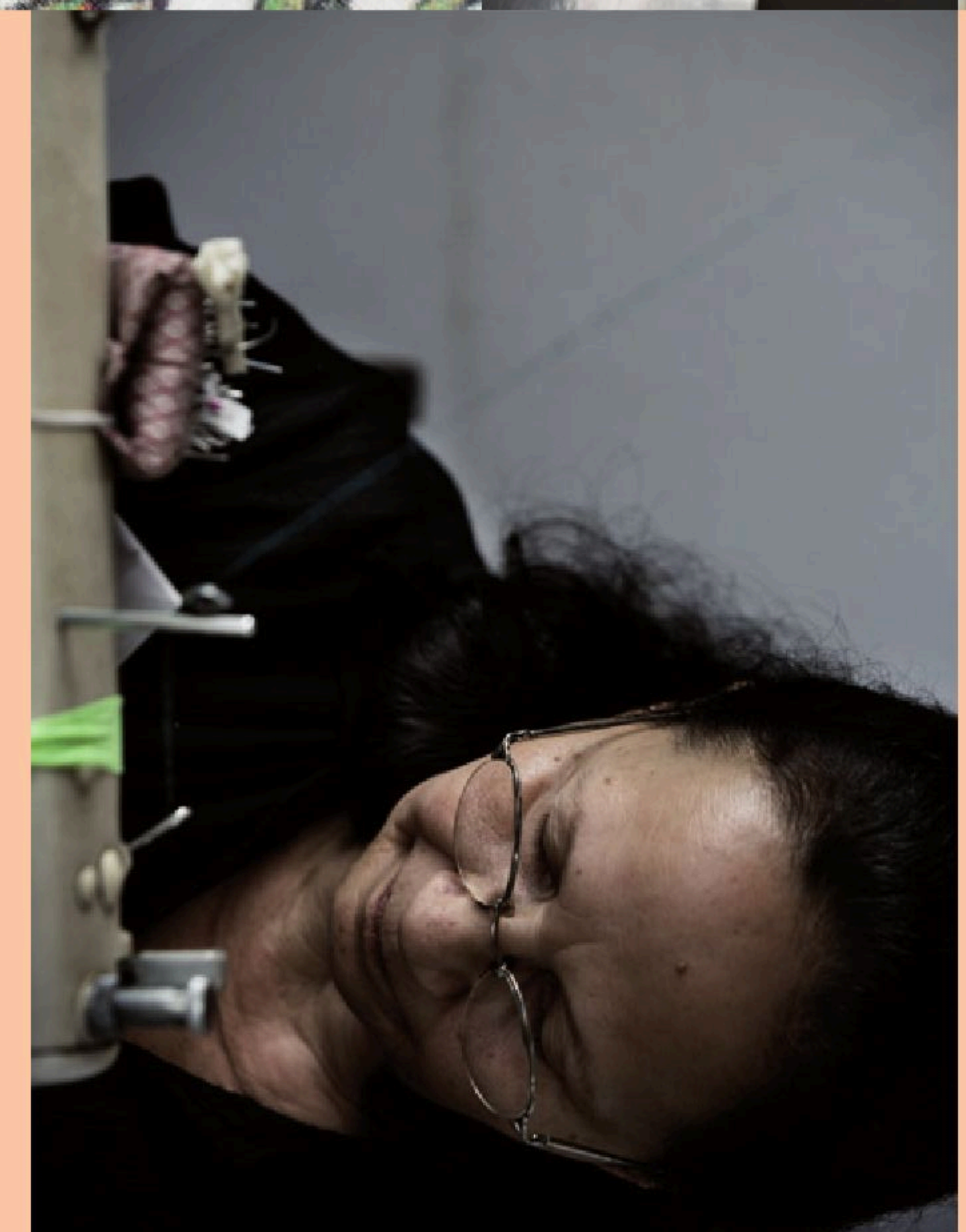
DEJANDO LO MEJOR PARA EL FINAL

Bogotá . Colombia

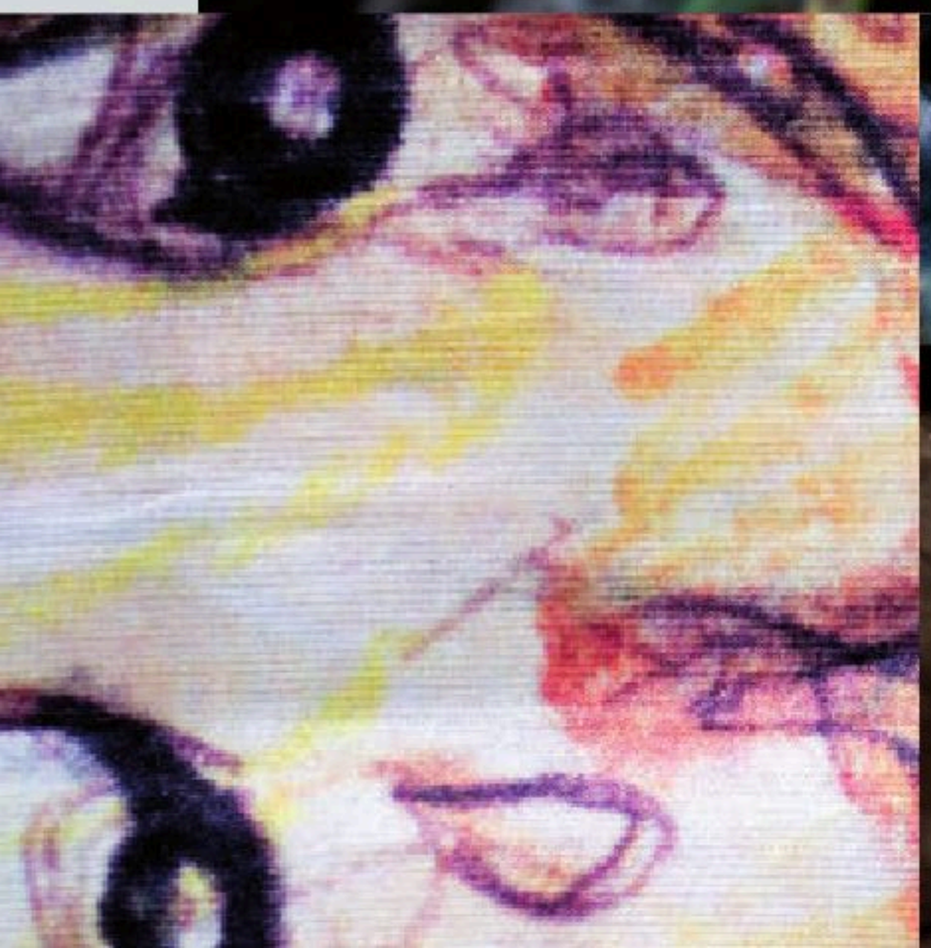


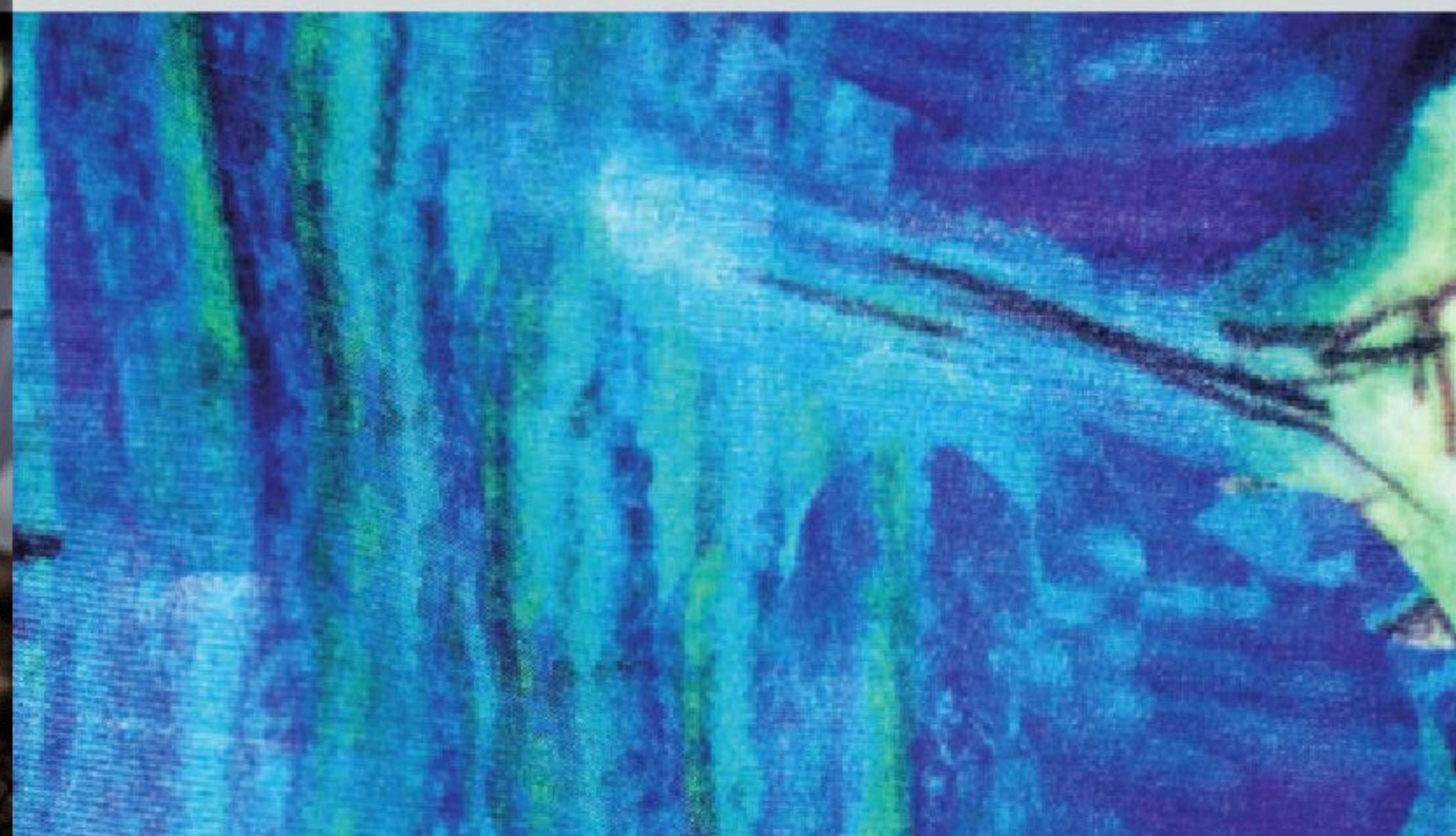


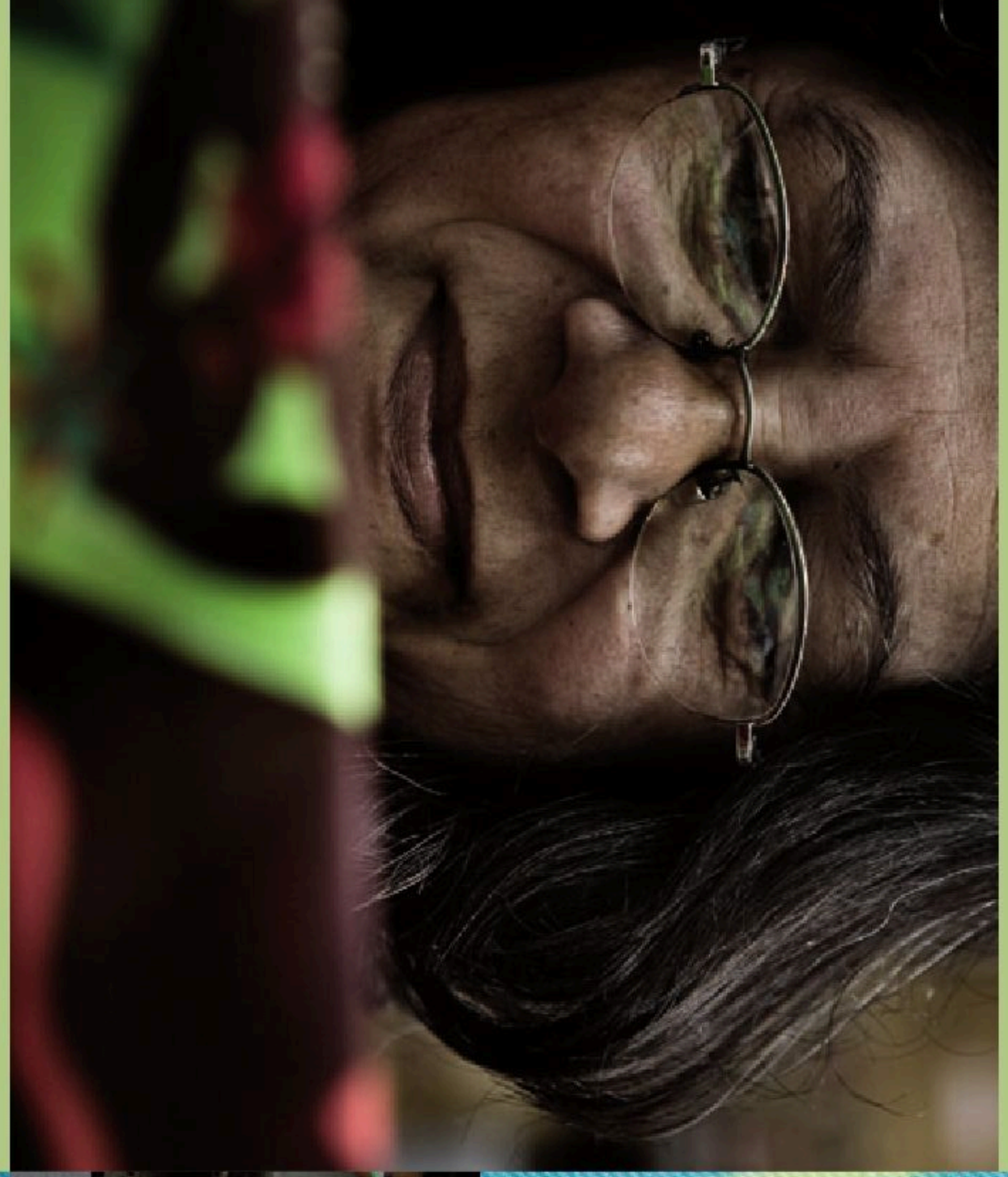
Simone Nunes . Maria Lia costura vestido de tricoline na cor verde adriático



V.ROM . Tetê costura camisa de tricoline estampa savana.

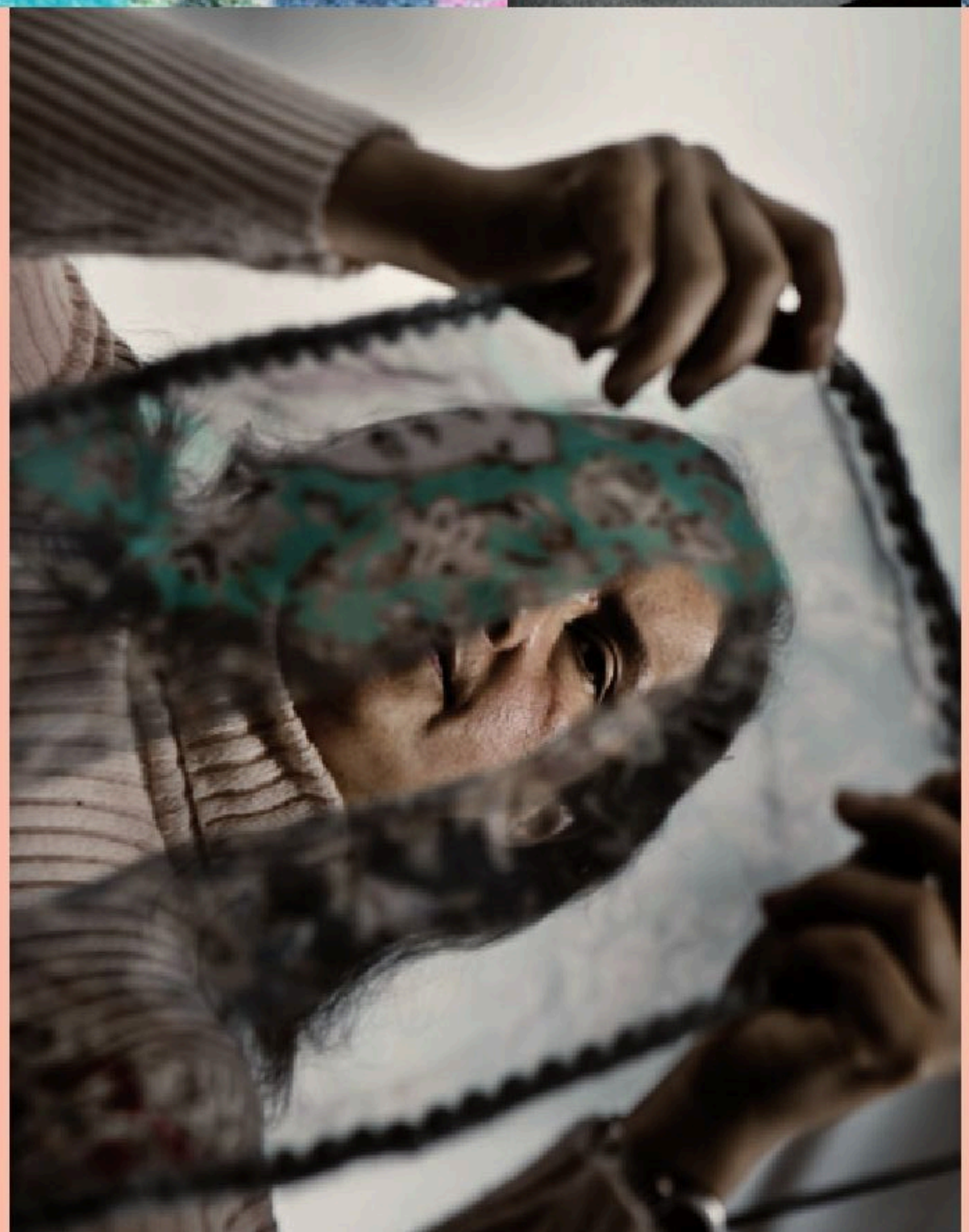




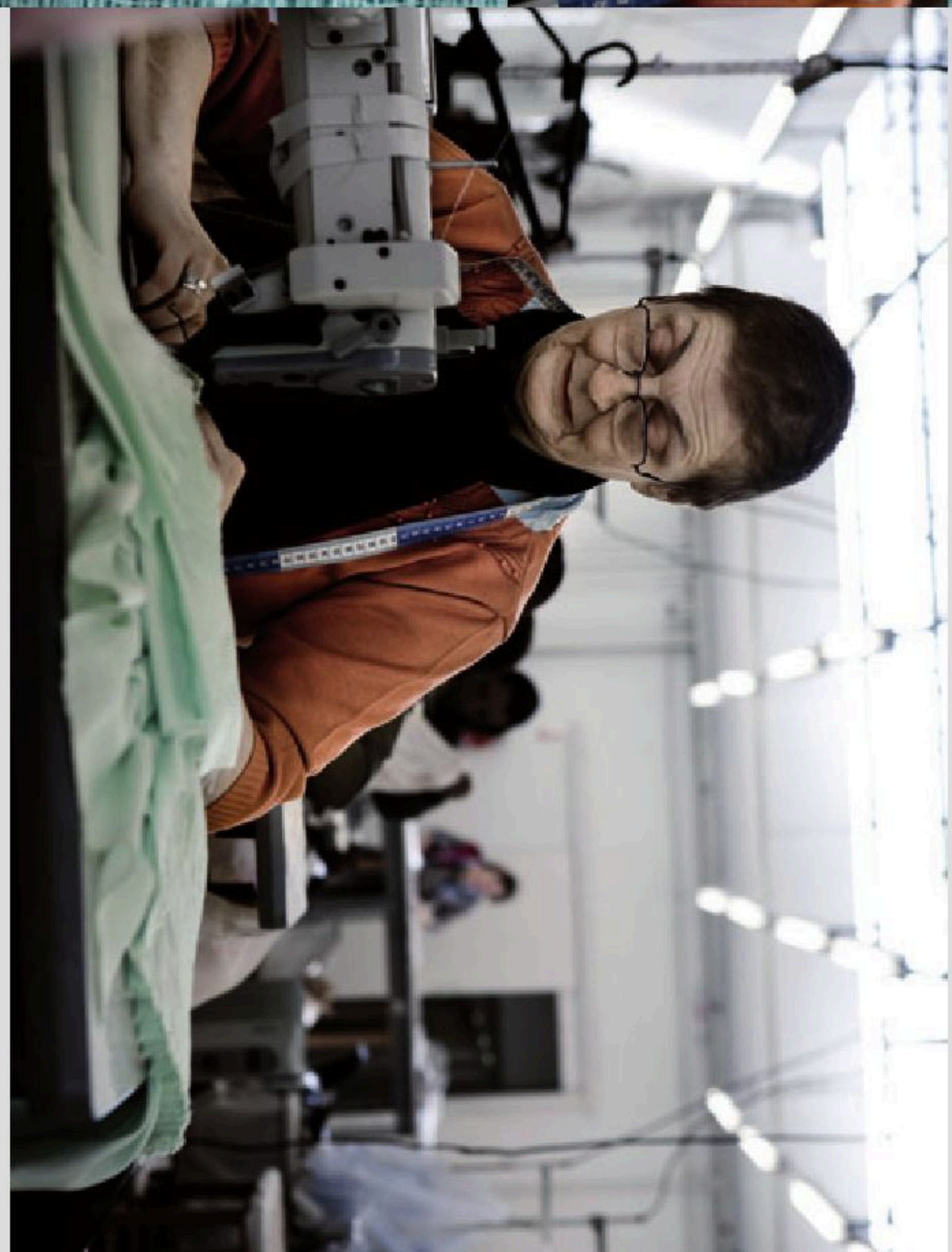


Neon . Amélia costura vestido de seda estampa Gaugin

Alexandre Herchcovitch . Helenice costura vestido de seda estampa tapete



Maria Garcia . Maria Luiza Pacione costura casaqueto de pregas de lamé na cor ice.



POR TRÁS DAS TRAMAS

Esse ensaio fotográfico é dedicado a todas as costureiras e demais profissionais
que trabalham diariamente para que você fique sempre “na moda”.

. Idealização .

Kultur Studio

. Edição e Produção .

Helena Sasseron

. Fotografia .

Cia de Foto

. Agradecimentos especiais .

Alexandre Herchcovitch e Helenice

Maria Garcia e Maria Luiza

Neon e Amélia

Simone Nunes, Joyce e Maria Lia

V.ROM e Tetê

A música futurista de Mike Ladd

Por André Maleronka e Arthur Dantas . Tradução Rodrigo Brasil
Fotos Fernando Martins

Daria um filme: jovem mestiço, dividido entre o punk rock e o rap, as ruas e a universidade, descobre, na ficção científica e nas teorias intelectuais radicais, enredo e metáforas para sua própria vida, e, no sampler, o poder de síntese necessário pra dar sentido a ela.

MC e produtor, o estadunidense Mike Ladd, infelizmente, fez uma rápida passagem pelo Brasil, se apresentando para uma audiência restrita. Pra quem pôde conferir seu universo sonoro balançado e conturbado, ficou muito claro que o conceito que batiza seu segundo álbum, Welcome to the After Future, *é o plano diretor de sua produção. Com uma atitude tipicamente pós-moderna, usa análises dialéticas e liberdade semântica - não é a palavra post (pós) dos teóricos sua escolha, e sim a pedestre after: após, depois - para definir como soa: a partir de um arcabouço acadêmico, arquiteta resultados simples. O balanço de Ladd - mesmo em suas digressões pelo som instrumental de timbres orgânicos e construções largamente eletrônicas debitárias do free jazz - pode ser cru ou cozido, mas é sempre saboroso.*

Sua música move-se a partir do enfrentamento entre disparidades e descompassos - de alguma maneira, conceitos caros tanto à ficção científica como aos estudos de Teoria Crítica. Sua afiliação à linhagem do afro-futurismo via a agenda política do Black Arts Movement *- uma transposição dos ideais Black Power liderada pelo poeta, dramaturgo e ativista Amiri Baraka durante os anos 1960 e 70 -, apresentada em uma trilogia (inacabada) de álbuns que descrevem uma guerra entre os personagens* Infesticons *e* Majesticons *- o bem e o mal musical, respectivamente -, pode parecer contraditória: um amálgama de materialismo e fantasia, tipicamente pós-moderno. É a contradição da capa de ...* After Future, *sua melhor obra até agora: uma distopia expressa com postes emaranhados em estranhas ligações elétricas, estatais e privadas. É uma utopia de caos impensável no Primeiro Mundo e cena cotidiana no Terceiro. "Estou considerando passar um tempo aqui, seria ótimo para compor", disse Ladd, impressionado pela quantidade de material que produziu durante sua passagem por São Paulo. Além de ambiente de trabalho ideal, a capital paulista sintetiza suas previsões para o futuro do bom som, como ele declara na entrevista a seguir.*

Você falava que precisa do caos para compor, mas como você aprimorou sua habilidade de composição, desde a época em que você começou a ouvir e a se interessar por música?

Praticamente tudo veio como fruto da audição de muita música, da mesma forma que alguém pode aprender a escrever lendo muito. Minha mãe ouvia uma estação de rádio que tocava música clássica de manhã, e durante a tarde e a noite ela ouvia Nina Simone, Jimmy Cliff, Bob Marley, George McCrae... *Rock Your Baby*, do George McCrae, rolava direto no toca-discos. Quando eu era muito criança, essas foram minhas maiores influências.

Depois descobri o Hendrix e o Funkadelic. Eu era muito fã de punk rock e de toasting do começo do dancehall: Yellow Man, Charlie Chaplin, esses caras. Acho que consegui usar essa diversidade quando comecei a usar samplers, um bom tempo depois, porque toquei em muitas bandas antes... Quando comecei a usar samplers, eu estava escutando muita coisa orquestral, e também John e Alice Coltrane, e Pharoah Sanders. As músicas deles são estruturadas em movimentos, como música clássica, e é justamente por isso que, especialmente nos meus primeiro e segundo discos, algumas músicas são arranjadas dessa forma.

O seu background é da cena punk hardcore. Por qual motivo você escolheu o rap como meio de expressão?

O interessante é que eu estava sempre fazendo os dois ao mesmo tempo. Eu e meu amigo Troy começamos a rimar assim que o hip-hop chegou a Boston, uns dois anos depois de chegar a Nova York, mais ou menos em 1981. Eu fazia freestyle, porque nunca conseguia lembrar as letras dos caras. Quando a gente tinha 12 anos, o Troy inventou uma parada que era mais ou menos assim (cantarola): "When I was a little boy I read the comics/ Then I gave my money to Reaganomics/ Now that I'm poor I live in a shack/ Please Mr. Reagan won't you give my money back?" Era muito legal (risos). Eu também era baterista de uma banda punk. Eu cresci em um lugar muito peculiar, chamado Cambridge, em Boston. Era um lugar com muitas universidades e estações de rádio muito boas, muita gente andava de skate, [havia] uma cena grande de ska, uma cena grande de reggae porque a [gravadora] Trojan tinha uma sede lá, uma cena enorme de punk rock e uma cena de rap. E em Cambridge as coisas funcionavam de forma particular, era diferente de Boston. Então foi meio lógico ter todas essas influências juntas.

E o que rolava nas cenas de punk e rap em Boston?
No começo dos anos 1980, tinha o Gang Green, Slapshot... Grandes bandas! Eu era muito fã do The Freeze, The F.U.'s. Isso tudo era de 84, 85 e 86. Era uma cena muito vibrante. E o hip-hop, nessa época, você ouvia na WERS, que era uma estação de rádio fantástica – e ainda é uma das melhores estações de rádio da América. Funcionava mais ou menos assim: rock das 16h às 18h, reggae das 18h às 20h, rap até as dez, e depois disso punk rock até a meia-noite. A gente já deixava umas fitas cassete de 90 minutos só esperando pra apertar o rec (risos).

Você cursou literatura, certo?
Eu estudei numa escola experimental e me graduei num curso que era parte antropologia, parte etnografia, parte literatura, parte ciência política e história. Estudei sobre negros americanos expatriados no século XIX e bastante sobre colonialismo. Na mesma época que estava escrevendo meu primeiro disco, fiz um mestrado em poesia. Esse foi provavelmente o último ano em que trabalhei duro (risos).

Existe uma tradição de arte radical vinda dos anos 1960. Você enxerga sua obra como uma continuação daquelas propostas, especificamente o Black Arts Movement?
Sim, eu estava seguindo a tradição do Black Arts Movement de forma consciente, quando comecei a escrever diariamente. Eu tava dividido, porque nessa época existiam dois grupos de jovens escritores negros. Tinha um grupo chamado Darkroom Collective, um grande coletivo de poetas da minha idade, escritores fantásticos. Mas eles estavam negando o BAM naquele ponto, e eu não gostava daquilo. Eu estava interessado em algo mais radical e político. No começo dos anos 90, cheguei a pensar que rolaria uma revolução – eu tava pronto pra isso. O Public Enemy ainda não havia sido crucificado e parecia que algumas coisas podiam realmente acontecer. Eu tava andando com um poeta marxista hardcore chamado Tony Medina e gostava muito dos ideais marxistas nessa época – na real ainda gosto. Hoje em dia, o pessoal do Darkroom se dá bem com o pessoal mais velho de spoken word.

"EU ESTAVA INTERESSADO EM ALGO MAIS RADICAL E POLÍTICO. NO COMEÇO DOS ANOS 90, CHEGUEI A PENSAR QUE ROLARIA UMA REVOLUÇÃO – EU TAVA PRONTO PRA ISSO. O PUBLIC ENEMY AINDA NÃO HAVIA SIDO CRUCIFICADO E PARECIA QUE ALGUMAS COISAS PODIAM REALMENTE ACONTECER."

Quando o disco do Infesticons saiu, o underground era uma esperança de renovação musical, mas depois de um tempo tudo isso desapareceu. O que você acha disso?
É exatamente isso. O N.E.R.D mudou tudo. Eu me lembro que antes de embarcar para a Europa, pra turnê do Majesticons, foram lançadas as coisas do N.E.R.D./Neptunes. Na hora eu percebi que o que estava rolando no mainstream era muito mais interessante que o underground. Ok, tem um monte de bandas que todo mundo gosta porque eles dão duro, mas sempre existe alguém que é bom porque é realmente bom pra cacete e é isso. Não tem discussão. E esses são os melhores. Eles sempre aparecem, como o Bob Marley. Porque o cara vendeu milhares de disco? Ele era realmente foda!

The Clash?
Exato, é a mesma coisa que o Bob Marley.

E o Outkast.
Exato, não tem como mexer com essas pessoas, são forças da natureza!

Quando sairá o disco final da trilogia?
Eu não sei (risos), mas tá quase pronto. Acabei de descobrir o enredo, é mais ou menos assim: o conflito já acabou há anos, mas cinco Infesticons ficaram em um bunker. Quando eles finalmente saem, acham que a guerra ainda está rolando. Eles vão para algumas festas e não entendem nada. É um mundo descolado: todo mundo é bissexual e usa roupas fluorescentes. Eles ficam confusos, porque isso não é hip-hop (risos). Eles estão realmente perdidos. Depois de *Negrophilia* e *Father Divine*, quero fazer discos com canções realmente boas, o que na real é mais difícil de fazer.

E quem faz música boa hoje em dia?
Não sei muito o que tá rolando. Eu gostei muito do primeiro disco da M.I.A. Há algum tempo eu estava tentando fazer algo como um pingue-pongue cultural, especialmente tentando usar samplers de Bollywood e mais outras coisas, e ouvindo algumas bandas que estão surgindo em NY e que estão fazendo coisas impactantes, e que não são world music. Eu espero que o próximo grande movimento não saia de NY ou Los Angeles, mas sim de São Paulo, Bombaim ou Xangai. Quem sabe o que rola em Xangai hoje em dia? É isso que eu estou esperando.

Essa idéia de música global, sem ser world music, é muito interessante... Como você acha que viver na França influencia seu trabalho hoje em dia?
Olha, eu não mudaria para a França por razões artísticas. A França era obviamente um lugar incrível para um artista do séc. XIX ou XX se mudar, por uma razão específica: a colisão de novas tecnologias do modernismo com as antigas tradições, resultando numa grande explosão que tornaram o lugar muito excitante. Era um enorme epicentro cultural, mas isso não está mais acontecendo. Já em Bombaim, essa tensão está quente, por isso o lugar é interessante. A gente meio que precisa disso. Na minha opinião, quando os lados tecnológico e cultural estão para se alinhar, mas ainda não deram o clique, é nesse momento que rola ação.

Você acha que os EUA, em conjunto com a administração Bush, passam por um momento extremamente conservador?
Certamente estamos passando por isso, mas está mudando – vamos ver o que vai acontecer com as eleições. A mídia promove uma agenda conservadora, você vê as batalhas que o Obama tem que travar, e algumas coisas parecem piada, como "você não tem um broche da bandeira americana? Que merda tá errada com você, cara?" Mas isso não tem nem a ver com conservadorismo. Na verdade mostra o funcionamento bizarro do processo eleitoral neste momento, a quantidade de besteiras que são levantadas...

Você fala que vivemos no "After Future". Você pode falar um pouco sobre isso? Se pensarmos nos últimos oito anos nos Estados Unidos, você acredita que o Obama pode ser a pessoa perfeita para encarnar essa nova era?

Show do Mike Ladd com SP Undeground . Sesc Santana . 2008

Não se engane: gosto muito do Barack, e vou estar na América em novembro de qualquer jeito, apenas para participar desse momento da História – eu não vou ficar na França durante a eleição do primeiro presidente negro dos Estados Unidos. O Obama, em um nível mais abstrato, pode significar uma nova era, mas ele ainda é a favor do imperialismo e tem interesse em que os EUA estejam na frente, continuando no papel da maior potência mundial. E mesmo se em algum lugar do seu subconsciente ele não estiver interessado nisso, se ele estiver interessado em algo mais igualitário, ótimo, mas as pessoas com quem ele trabalha e para quem ele trabalha não querem isso. E ele definitivamente trabalha para outras pessoas, para grupos de interesse e algumas grandes corporações – não são todas – que ainda precisam da idéia de nação para fazer dinheiro. Mas o Obama trabalha para essas pessoas, e mesmo na sua campanha ainda não deu exemplos claros de como essas mudanças ocorrerão e de quais serão elas. Eu acredito que uma grande mudança simbólica vai ocorrer e isso é importante, mas ele não está interessado no *modus operandi* econômico e social do planeta de maneira alguma (risos). Mas... dá pra repetir a pergunta?

Você acha que o Obama personifica esse seu "After Future"? Na minha opinião, e provavelmente na do resto do mundo, se o Obama ganhar ele vai ser o presidente negro do império, algo completamente louco e complicado de se imaginar...

Eu concordo, é verdade. Mas é muito interessante: nesse momento um dos mais perigosos políticos no mundo é uma mulher negra, a Condoleezza Rice. Você me entende? Ela é diabólica e inteligente, e é uma mulher negra. Então toda nossa percepção já tá mudando mesmo que a gente não perceba. Há uma grande diferença entre ser o Barack Obama e ser o presidente dos EUA, mas isso tudo não é algo pequeno. É muito interessante o que o 11 de setembro causou também, no momento em que as torres caíram. Eu estava em NY e de repente os afro-americanos não eram mais o inimigo público número 1, pela primeira vez desde 1942. Foi muito louco! Em relação à administração Bush, a minha teoria é que ela tem uma relação bizarra com o povo afro-americano, acho que no fundo ele ama a América negra, do seu jeito perverso de ser. A primeira coisa que posso falar é que o Bush não dá a mínima para a humanidade. Ponto. Mais de uma perspectiva mais distante ele está interessado na América negra...

Como uma ferramenta?

Pode ser. Mas em algum momento no colegial ele já desejou ser negro. Que o Clinton queria ser negro, é óbvio. A maioria dos homens brancos americanos em algum ponto da adolescência já desejou ser negro. Acho que o Bush tem isso em algum lugar. Ele acha os negros legais, e pela primeira vez na história um republicano acha isso, o que não significa que ele dá a mínima para os negros. Ele quer usar os negros e não vai salvá-los se Nova Orleans estiver afundando. Então, naquele momento em que os prédios caíram a América branca se ligou que não foram os negros que derrubaram um prédio, e os negros passaram a ser visto como 100% americano. Quer saber o que personifca o "After Future" pra mim? Os travestis. Eles alteram seus corpos...

O Michael Jackson também...

O Michael Jackson é o exemplo perfeito! (Risos.) Essas pessoas que alteram seu físico... Não é uma coisa que eu admire, mas me impressiona, uma pessoa que muda dessa forma e acha normal. O cara decide que vai fazer mais grana com uns peitões, pronto. O cara vai e coloca os peitões (risos).

Saiba Mais

www.myspace.com/mikeladd

Veja a entrevista completa em www.maissoma.com

Camadas da Cidade

Por Tiago Mesquita . Fotos Divulgação

Renata Lucas é uma das escultoras mais importantes do Brasil. Com menos de 40 anos de idade, ela já expôs no mundo todo. Seu trabalho é muito discreto e muitas vezes nem notamos que se trata de uma ação artística. Ela não é de fazer muitos objetos. Seus trabalhos mais conhecidos são as suas intervenções; que se misturam às ruas, edifícios e salas das metrópoles. Elas são feitas das mesmas coisas que vemos na rua, como elementos do dia-a-dia. Na rua, essas instalações se parecem com um corpo estranho. Algo que retira um tipo de normalidade do cotidiano.

Hoje, muito se fala sobre a arte na cidade e sobre como a arte redescobre a cidade. Na maior parte das vezes, isso é conversa fiada, mas no caso de Renata Lucas é verdade. Sua última intervenção em São Paulo mostra o potencial que seu trabalho tem de dar sentido ao que acontece por aqui.

Fazia algum tempo que Renata Lucas não expunha em São Paulo. Desde o ano da última Bienal de São Paulo, 2006, não lembro ter visto nenhum trabalho novo seu. Recebia as notícias. Sabia que ela estava a toda, trabalhando muito, por todo o mundo. Colocava esculturas grandes nas galerias e realizava instalações em vários espaços diferentes. Pude também ver o belo livro sobre sua obra lançado pelo instituto *Red Cat*, em Los Angeles, no ano passado.

Galeria Fortes Villaça

Janela

Renata se dedica, sobretudo, a reconfigurar espaços arquitetônicos e urbanísticos diferentes. Suas instalações e esculturas mudavam os prédios, salas, corredores, jardins, ruas ou a relação dos passantes com eles. São feitos a partir de gestos discretos, mas muito radicais. Seu trabalho intervém diretamente na experiência dos transeuntes. Talvez por isso dispense enfeites e adornos. É austero. Não quer nada que pareça diferente do que tem por lá. As peças devem se mostrar como coisas da cidade.

Ela ainda continua a utilizar materiais e elementos ordinários, pouco artísticos. Usa pedaços de tábua, compensado, material de construção, carpetes, móveis, plantinhas etc. O único vídeo dela que conheço é a extraordinária vídeo-instalação *Barulho de fundo*, exibida em 2005 no Instituto Tomie Ohtake e, um ano depois, na Bienal Internacional de São Paulo.

Em abril agora, vi um dos seus trabalhos. Era uma intervenção discreta, mas perturbadora, em um espaço para a arte que acabava de inaugurar. A Galeria Fortes Villaça abrira um novo espaço em um daqueles velhos galpões industriais da Barra Funda, um desses amplos armazéns que ainda caracterizam a paisagem do bairro paulistano. Aliás, essa é uma área que ainda se parece muito com o que São Paulo foi até pouco tempo: uma cidade industrial. Tem armazéns, um pequeno comércio, residências populares, oficinas, prédios de boa e de má arquitetura construídos nos anos 50, 60 e 70. Além disso, conta com espaços como escolas, clubes e grandes avenidas. Agora, a composição humana do bairro é muito heterogênea e muito simpática. Devido a sua extensão, a Barra Funda é ao mesmo tempo um bairro boêmio, popular, muito ativo politicamente e começa a receber os primeiros empreendimentos de luxo e edifícios públicos – superfaturados ou não.

Entre a fachada azul e alta desse galpão e o amplo interior de galeria, Renata modificou uma parede, que aparece por detrás das colunas da galeria. Essa segunda fachada se situa entre os vãos de entrada. Um lugar que já deve ter sido coberto por portões de ferro, enrolados durante o dia e desenrolados durante a noite. A peça

Foto Rubens Mano . Galeria Luisa Strina

planejada pela artista não era um muro fechado de tijolos maciços, mas a inserção de uma janela grande, típica dos edifícios daquele bairro, prédios que não se constroem mais, em um painel feito com elementos vazados de concreto.

Atrás da janela, Renata Lucas dependurou cortinas brancas finas. Elas ficavam entreabertas e permitiam que o pedestre que passasse por lá olhasse para a galeria da rua. O mais bonito é que a nova estrutura da parede permitia uma iluminação suave para a entrada da galeria. Suavizava tanto a luz branca e difusa de dentro da galeria como o sol que vinha de fora. Depois da parede, os feixes solares entravam na sala de exposição de mansinho. Antes de cobrir a entrada de sol, atravessavam o gradeado de concreto e o tecido diáfano da cortina. A luz solar entrava já cansada, como se estivesse no fim da tarde, na calmaria daqueles apartamentos da Barra Funda às seis horas da tarde de um passado não tão distante. Horário depois do expediente, quando os aposentados se regozijavam com o fim do burburinho da rua e podiam curtir suas casas já sem tanto calor e nem tanto barulho. Esse aspecto de um recolhimento doméstico é reforçado pelos vasos de planta que Renata Lucas apóia no parapeito. Só faltou um gato passar por detrás do vidro.

Barravento . Instalação

Todo esse aspecto iconográfico aumenta a estranheza da peça. Aquela parede não pertence a nenhum dos espaços: nem o que se coloca em frente dela, nem o que está por trás. Aparece como uma lembrança de outro tempo, de outro lugar, que teima em permanecer, como a camada de uma cidade que se constrói em cima de outras cidades. Não é por acaso que Renata Lucas fala do seu trabalho como uma geologia urbana. Uma geologia ficcional, claro, mas que encontra camadas da cidade em um lugar aparentemente homogêneo.

Nessa camada que a artista coloca, há algo da paz e do recolhimento das cenas do pintor holandês Johannes Vermeer (1632 – 1675). A peça de Renata tem uma luz difusa e natural, que se coloca entre a brutalidade viva da rua e a neutralidade da luz clara, branca e artificial da galeria. Pela primeira vez o trabalho de Renata Lucas parecia funcionar como um elemento pacificador, mas não era a primeira vez que ela colocava espaços estranhos uns aos outros em contato. Desde a sua escultura *Barravento* (2001), a artista constrói duplos do mesmo espaço. Essa escultura grande, feita com folhas de madeirite, replicava a sala de exposição do espaço experimental *10,20 m x 3,60 m*. A artista colocava aquela peça gigante lá e parecia descamar a sala.

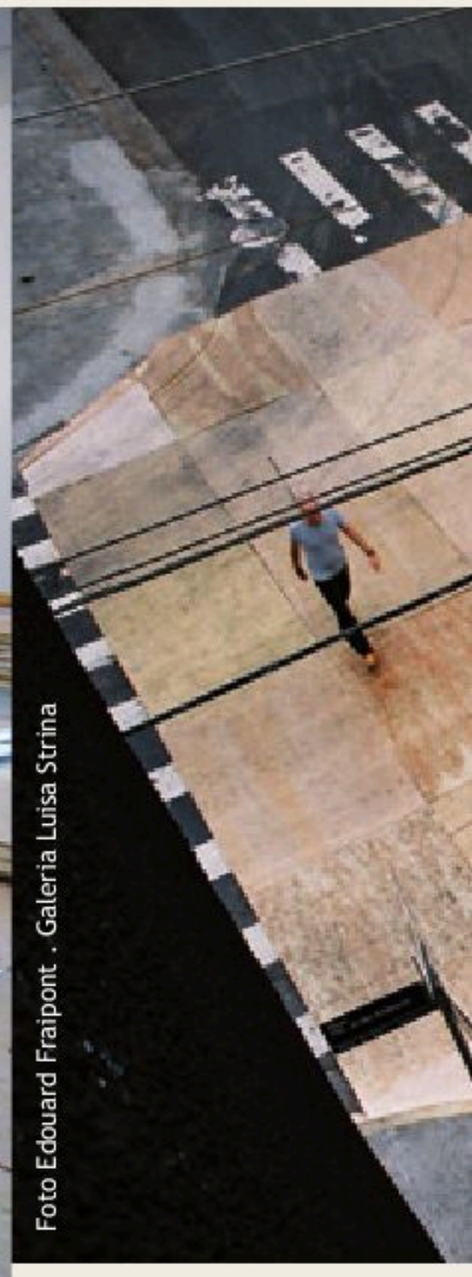
Pouco depois, em 2002, Renata fez dois trabalhos que guardavam características similares às da sua obra mais recente: *Comum de dois*, feito no prédio da Maria Antônia, em São Paulo e *Mau Gênio*, exposta no Museu da Pampulha, em Belo Horizonte.

Em ambos, a artista parte de edifícios criados para uma função determinada e depois adaptados como sede de espaços culturais. Nos anos sessenta, a Mariantonia era a sede da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras; hoje, é um centro de cultura e pensamento da Universidade de São Paulo. O Museu da Pampulha, criado para ser um cassino, com a proibição do jogo passou a abrigar um acervo de obras de arte e hoje é um museu. Renata aproveita essas estruturas adaptadas, com emendas e alterações, e insere outra estrutura arquitetônica neles. Em um, faz uma sala entre duas salas e um corredor. Insere essa sala dentro das outras salas. No museu da Pampulha, coloca um andaime, com caixilhos, no segundo andar do museu, atrapalhando a vista.

Em todos os casos tratam-se de estruturas arquitetônicas estranhas, que entram nos prédios e acentuam o que eles têm de provisório, de um uso impróprio das salas. De coisas que vão se tornando outras coisas. As intervenções nos fazem pensar nos usos que damos aos lugares, e em como essas determinações dos espaços são arbitrárias. Antes de continuar, é importante ressaltar que o efeito de cada intervenção é diferente. Uma parece criar um clima de claustrofobia; a outra parece ampliar a paisagem e o potencial da construção de Oscar Niemeyer na Pampulha.

Esse modo de lidar com a paisagem, com a cidade e a arquitetura não é uma novidade em arte. Nas décadas de 1960 e 1970, artistas fizeram disso o seu modo de esculpir. Nomes importantes como Richard Serra,

Falha . Madeira ajuntada e Dobradiças



Cruzamento .
Compensado de Madeira

Mau Gênio . Andaimes e compensados de madeira

Febre . Carro, cesto de lixo modificado, rádios de carro

Foto Edouard Fraipont . Galeria Luisa Strina

Gordon Matta-Clark, Richard Long, Michael Heizer, Robert Smithson e Walter de Maria não esculpiam objetos e nem realizavam projetos de arquitetura. Atuavam sobre os lugares. Esses projetos ambientais foram chamados de projetos para sítio específico (*site-specific*) ou, de acordo com a definição da crítica de arte Rosalind Krauss, a escultura no campo ampliado.

Ao contrário de todos esses artistas, Renata não atua em lugares com a significação plena. Diferente desses pioneiros do *site-specific*, seu trabalho não é uma atuação que muda o sentido do lugar: ela parece falar de uma arquitetura sem sentido. Inclusive, de uma cidade que se movimenta quase sozinha, sem contar muito com a vontade de quem mora nela e nem se preocupar muito com o conforto e a alegria desses cidadãos.

Muitas vezes ela trabalha em lugares que já foram uma coisa que se tornou outra e depois adquiriram uma terceira função. No Brasil, especialmente na cidade de São Paulo, vemos casas se transformarem em restaurantes por quilo, cinemas que se transformam em igrejas evangélicas, bairros e favelas que se transformam em avenidas e prédios de escritórios. Na instalação *Atlas* (2006), desenvolvida por Renata na Galeria Millan, em São Paulo, a oficina mecânica que ficava de frente para a galeria se espraia até ela, bem como a casa que se avizinhava à galeria toma conta da sua lateral.

Muitas vezes, suas obras inventam situações em que as coisas da cidade parecem ter ganhado vida própria e se puseram a agir de forma autônoma, a fazer coisas sem explicação. Mexe-se de um lado e levanta-se outro lá na frente, como na escultura *Falha* (2003), em que Renata cobriu o chão com madeira ajuntada por meio de dobradiças. Uma se mexia e deslocava as outras, como se o chão estivesse a se deslocar.

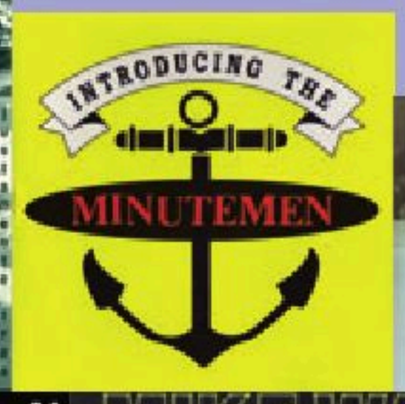
Em 2003, a artista fez a intervenção C*ruzamento*, no Rio de Janeiro. Nesse trabalho, usava tábuas de compensado que davam um desnível à avenida e pareciam ter subido alguns milímetros do chão. Assim como em *Febre* (2004), instalado em uma rua de São Paulo, onde uma lixeira de rua engolia um automóvel – e cuspia o toca-fitas. A imaginação de Renata também fez com que víssemos, através de câmeras de vigilância, os andares superiores do edifício onde fica a Fundação Tomie Ohtake serem tomados por animais selvagens. Como se aqueles escritórios vazios tivessem se tornado o habitat natural de uma fauna silvestre.

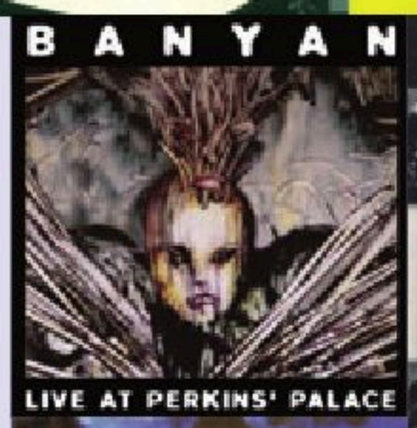
Nos trabalhos *Atlas* (2006) e *Gentileza* (2005) – onde Renata tenta fazer com que a galeria A Gentil Carioca se fundisse com os espaços da rua do Saara, onde ela se situa –, a artista mostra lugares que começam inclusive a se derreter, mudar as fronteiras e se fundir uns nos outros. Os espaços deixam de ser determinados por nós, passam a seguir orientações sobre as quais ninguém mais tem controle, ninguém mais determina, em uma espécie de racionalidade absurda. Nos trabalhos de Renata essa situação absurda tem algo de fantástico. Como uma força incontrolável, parece ser a mesma força incontrolável que cria, além da vontade de qualquer um, boa parte das agruras da nossa vida.

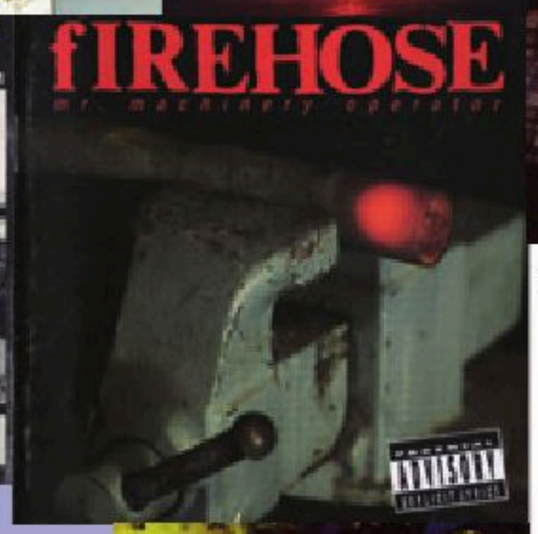
Saiba Mais

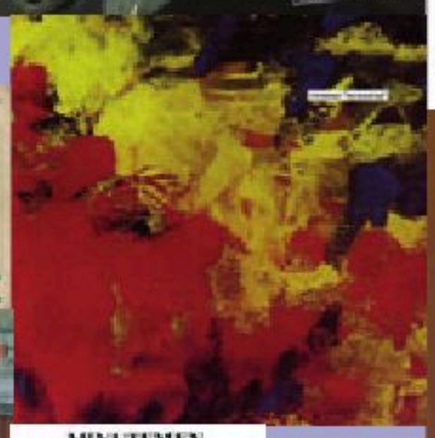
www.galerialuisastrina.com.br

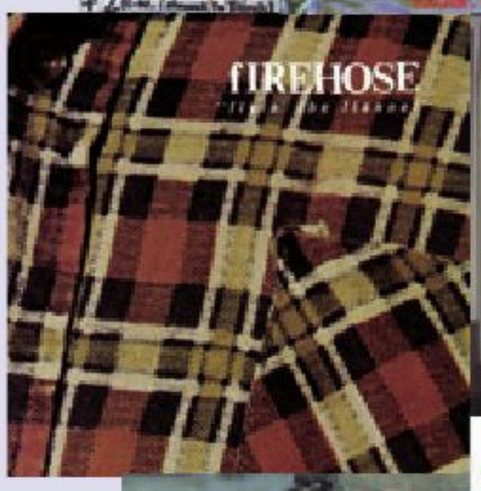
www.agentilcarioca.com.br

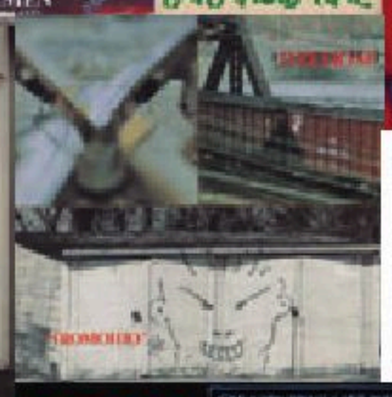


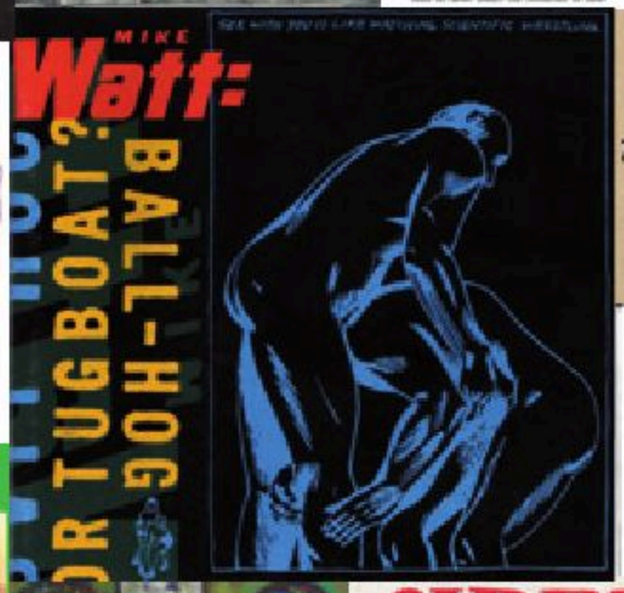


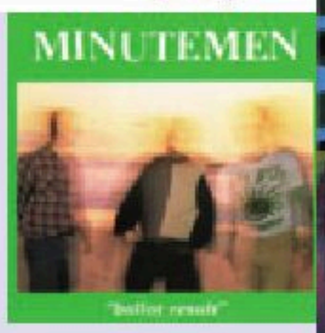


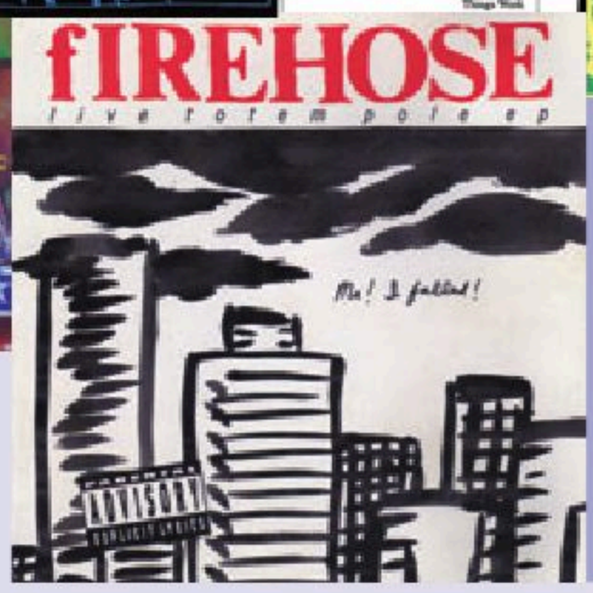












▸▸ Parte da discografia de Mike Watt: Bandas, Projetos e participações.

O MAR DE MIKE WATT

Por Luciano Valério
Colaborou Arthur Dantas e Tiago Moraes

"Não se lance ao mar quem teme o vento". Esse provérbio italiano parece adequado para definir a carreira do baixista Mike Watt, músico que alcançou o status de lenda viva por sua passagem no trio Minutemen, considerado unanimemente uma das maiores bandas de punk rock da história.

Filho de um marinheiro, Watt conseguiu visitar os mais improváveis locais, tal qual seu pai, por meio da música, empunhando seu baixo - seja no Minutemen, no fIREHOSE, ao lado dos Stooges (foi com eles que conheceu o Brasil) ou nos milhares de projetos que manteve através dos anos. Quem assistiu ao belo documentário sobre o grupo, We Jam Econo, sabe que as três pessoas por trás do Minutemen, além de músicos incríveis, eram uma reunião extraordinária de seres humanos, e por isso mesmo fica fácil entender a depressão na qual o baixista entrou após a morte de D. Boon, guitarrista e vocalista do grupo e espécie de irmão de Mike Watt. O peso da influência e da amizade estabelecida com D. Boon se estende até hoje: Watt diz que tudo o que faz de alguma forma continua o que começou com o Minutemen!

Na entrevista que se segue, feita por telefone, o bate-papo foi marcado por aquela camaradagem tão comum aos grandes nomes do punk americano, como Jello Biafra ou Ian Mackaye por exemplo. Aos 50 anos, Watt continua criando boa música em diversos projetos, dividindo seu tempo entre a prática de caiaque e passeios de bicicleta e se deliciando ao tocar com as pessoas que batem à sua porta, sejam eles músicos famosos ou simples trabalhadores das docas.

Qual a sua idade e onde você nasceu?
Eu tenho 50 anos e nasci na Virgínia, mas estou há 40 anos em San Pedro, Califórnia. Meu pai foi marinheiro durante a Guerra do Vietnã, então ele resolveu trazer a família toda para San Pedro porque geograficamente era mais próximo ao Vietnã.

San Pedro continua sendo um bom lugar para morar e tocar?
Veja bem, San Pedro fica 50 km ao sul de Hollywood e é o porto de Los Angeles, então só pelo fato de ser uma cidade que tem muita água e pouco cimento, com um clima relativamente agradável, já é muito bom viver por aqui. Continuo me divertindo muito tocando, sem contar que somos cercados por muitas cidades, então fica mais fácil excursionar pela região. Existe uma cena forte e recente bem interessante, de onde tem aparecido muita gente boa.

Essa nova geração acaba trazendo motivação para você?
Sim, totalmente! Pra você ter uma idéia, eu fui encontrar o baterista da minha banda (The Secondmen) no meio dessa molecada, e o cara é 20 anos mais novo do que eu (risos). Eu adoro poder tocar com pessoas mais novas, sinto que posso ensiná-las algo e também receber algo novo em troca. A música nos separa por um imenso período de tempo, e é isso que torna o processo criativo interessante - se você ver bem a minha situação nos Stooges, eu sou o moleque ali (risos).

E como é pra vocês do Stooges estar em turnê ou em fase de produção? Me parece que todos vocês estão bem distantes geograficamente, não?
É meio louca esta história, porque cada um de nós está em uma cidade diferente, a gente acaba se encontrando nos aeroportos e tal (risos). O Iggy mora em Miami, Ron mora em Michigan, Scott mora no Sul da Flórida e Steve MacKay mora na Califórnia.

E como foi o fato de ser convidado para tocar em uma banda que provavelmente tenha te motivado a fazer o que você faz hoje?
Eu tinha só 16 anos quando ouvi Stooges pela primeira vez, e eles eram realmente o que você poderia imaginar de mais punk na época. Eu paro pra pensar nisso e é muito louca esta história toda. Sou muito feliz e grato de tocar com esses caras hoje em dia.

Mas você os conhecia pessoalmente?
Sim. Eu já fiz um trabalho com o Ron Asheton - uma trilha-sonora para um filme chamado *Velvet Goldmine*, entramos em estúdio em NY por volta de 1996, depois disso ficamos um tempo sem nos falar, acabei adoecendo bastante e já me dava por vencido. Quando melhorei, retomei as minhas atividades e decidi montar alguns projetos em que pudesse tocar músicas do Stooges. As primeiras pessoas com quem conversei foram o J. Mascis e o Emmett Murph [guitarrista e baterista do Dinossaur Jr.], daí começamos a fazer shows pela Costa Leste e Oeste dos Estados Unidos e montei uma outra banda também tocando Stooges com Stephen Perkins e Peter Distefano [guitarrista e baterista do Porno for Pyros, respectivamente]. Nesse mesmo período, o J. Mascis estava lançando seu disco solo e ele pediu que eu o acompanhasse na turnê do disco, porque ele não queria cantar todas as músicas. Certo dia chegamos em Ann Harbor e J. Mascis pediu para que eu ligasse para o Ron, e ele veio a um show nosso e participou de uma jam. A partir daí, passamos a levar ele para todo canto (risos). Em 2002, [o guitarrista do Sonic Youth] Thurston Moore foi curador do [festival] All Tomorrow's Parties em Los Angeles e convidou o Stooges para fazer um show. Na época, o Scott nem bateria tinha, estava vivendo dentro de uma van. Tivemos que alugar uma bateria pra ele. Depois disso, em 2003, o Iggy me ligou para fazermos mais alguns shows, e desde então nunca mais paramos.

Em comparação às outras bandas que você teve antes, o Stooges é um projeto maior. Esse trabalho te consome muito tempo?
Pelo contrário! O Stooges é uma banda que só toca em grandes festivais, então você já tem tudo preparado para acontecer, diferente de quando estou em turnê com o The Secondmen, onde viajamos em uma van por sessenta dias para fazer 65 shows (risos).

Durante todo esse tempo, você tocou em diversas bandas, e me parece que logo após o fIREHOSE você vem se dedicando a projetos mais pessoais com amigos etc. Que importância tem o fato de estar sempre tocando com pessoas diferentes e não fazer parte de apenas uma banda?
Olha, depois da morte do D.Boon, eu passei por uma fase muito difícil e dolorosa, e mesmo assim eu nunca considerei o fim absoluto do Minutemen. Foi aí que o Ed Crawford veio de Ohio e se juntou a mim e George Hurley para tocarmos, com o nome de fIREHOSE, o que na verdade era como uma continuação do Minutemen. Então depois do fIREHOSE eu decidi ter diferentes bandas de acordo com estilos e situações. Foi isso que aconteceu com o DOS (duo formado ao lado de Kira, sua ex-mulher e ex-Black Flag). Todo o meu respeito a Ed, George Hurley e a D.Boon, mas eu não poderia levar estes projetos paralelos sob o nome de Minutemen ou fIREHOSE, então procurei dar outros nomes a estes projetos.

Como surgiu a idéia do Funori?
Funori vive em Londres, mas é natural do Japão. Tudo começou pela internet - ela me mandou algumas músicas, que na verdade são ritmos bem tradicionais com os quais não estou familiarizado, para que eu colocasse linhas de baixo. Isso acaba sendo uma experiência e tanto, já que o baixo é um instrumento de infinitas possibilidades, e como eu não toco nenhum outro instrumento, tenho que explorá-lo cada vez mais.

Eu vi que o Banyan está saindo para uma grande turnê agora...
Realmente, não posso mais me dedicar tanto ao Banyan como antigamente. Estarei em turnê com o Stooges na mesma época, mas sempre que posso eu me junto a eles. Na verdade, Stephen Perkins é quem coordena este projeto.

E sobre o DOS?
Nós acabamos de gravar um disco novo e logo iremos sair em turnê também. Nós tocamos quando podemos e eu amo tocar com o DOS, é algo muito sólido para mim. O mais engraçado é ver que foi a minha banda mais longeva [o Minutemen durou 6 anos, o fIREHOSE 7 anos e meio, e o DOS 23 anos].

Com quem você gostaria de desenvolver uma parceria?
Um cara com quem eu gostaria muito de tocar é o Bob Mould [Husker Dü, Sugar], também tem o Curt Kirkwood [Meat Puppets], isso sem falar no Jello Biafra. Na verdade, Jello me convidou para tocar com ele no seu aniversário de 50 anos junto ao Melvins, que é uma banda com quem eu gostaria muito de tocar junto também.

"...Eu acho que sempre devemos lidar com as situações de forma mais humilde, e fazer com que novas verdades acabem aparecendo..."

Você ainda tem aquele estúdio em casa?
Hoje em dia eu moro em um apartamento e tenho meu Pro Tools Studio, que é onde eu gravo minhas músicas, mas quando preciso de uma bateria ou tocar com alguém a casa ainda está lá.

Você ainda recebe muita gente para tocar em casa?
Sim! Ali eu já tenho tudo arrumado, bateria, amplificadores... Sempre acabam chegando pessoas de fora e tocando, eu gosto de acolher pessoas. San Pedro é uma cidade pequena, mas tem muita coisa legal pra se ver, muita natureza. Também toco com bastante gente aqui da minha cidade, e na maioria das vezes não precisa ser com pessoas famosas, tem muitas pessoas legais para tocar, tem o pessoal que trabalha aqui nas docas, é bem divertido.

Vi um vídeo em que você toca com Ray Barbee e Chuck Treece [dois importantes skatistas/músicos da velha geração]...
Pois é, o Ray Barbee vive em Long Beach e o Chuck Treece na Filadélfia. Eles estavam fazendo um programa de TV e vieram até minha casa. Eu já conhecia eles por serem skatistas, e o mais engraçado é eles dizerem que faziam sessions escutando músicas minhas (risos).

Você até menciona skate no documentário *We Jam Econo*, sobre o Minutemen.
Sim, eu sempre tive a certeza de que o skate e o punk caminham juntos. Um cara que eu conheço bem é o [pioneiro do skate] Tony Alva, que também sempre compartilhou dessa opinião, porque tanto no punk como no skate você não precisa ter muito dinheiro, acaba por criar

seu próprio estilo, e se você cair terá que se levantar. Ambos são muito faça-você-mesmo.

Então o skate te influenciou de certa forma?
Totalmente! Meu jeito de tocar baixo tem um pouco do que seria eu andando de skate (risos). Tenho os joelhos completamente zoados, e isso dificultou muito para que eu andasse de skate. Sem contar que naquela época a coisa era bem diferente, menos recursos etc.

E o que mais te inspira hoje em dia?
Eu acredito que todos os lugares aonde vou ainda me influenciam bastante. Isso é uma das coisas boas de estar em turnê, e acho que esse sentimento já me acompanha desde criança. Como sou filho de marinheiro, me lembro de que, quando meu pai chegava em casa, ele tinha várias histórias para contar sobre os lugares por onde passava. Ele também veio de uma cidadezinha pequena e acabou conhecendo o mundo através de um barco. Ele sempre me alertava para nunca servir a Marinha. Foi aí que decidi servir o punk rock e conhecer o mundo usando o meu baixo, ainda que seja dentro de uma van (risos).

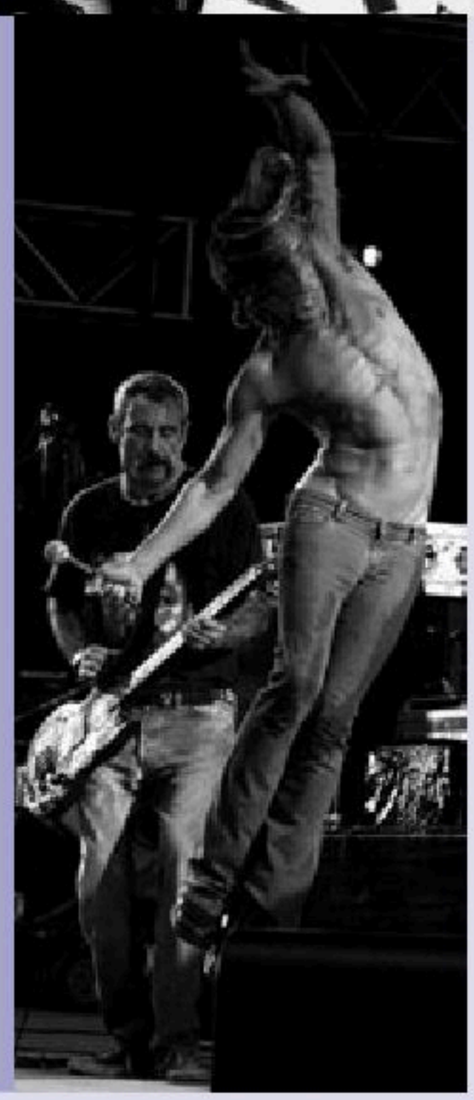
O senso de humor ou mesmo o sarcasmo são bem presentes na tua música desde o início, não?
Eu acho que sempre devemos lidar com as situações de forma mais humilde, e fazer com que novas verdades acabem aparecendo. Tem muita merda acontecendo, e às vezes é preciso olhar para essas coisas como se elas fossem um tipo de piada, e fazer piada até sobre nós mesmos, porque existe muito orgulho e ódio espalhado por aí. Eu acho que usar o humor pode ser uma resposta para tais problemas, o humor pode te levar a coisas muito profundas, às quais o ódio jamais te levaria.

É óbvia a importância que você dá ao fato de estar sempre tocando com pessoas, viajando, etc. Como você vê essa onda de informação através da internet? Me parece que muitas vezes a música em si acaba tornando-se um tanto abstrata. Você concorda com isso?
Eu concordo plenamente com você, mas continuo achando que a internet é só um veículo de comunicação. As pessoas têm que continuar a ser criativas. A internet faz com que as coisas cheguem às pessoas com mais facilidade, mas nós temos que trazer coisas novas, coisas que as façam chorar e rir novamente – o que é o verdadeiro sentido da arte. A internet não é uma solução definitiva, é apenas uma ferramenta. É como você vencer as barreiras geográficas, que são simplesmente geográficas, mas, para além dela, também existem as barreiras políticas. A coisa vai além do que parece.

É por isso que as pessoas andam trocando música em vez de apreciá-las?
Eu acho que as pessoas continuam apreciando, mas menos do que antigamente. Isso também aconteceu na década de 1960, com a chegada das grandes arenas de shows, e aquilo foi uma merda.

Como é sua relação com [o artista plástico criador de capas de discos de Minutemen, Black Flag, Sonic Youth e outros,] Raymond Pettibon?
Raymond é um grande amigo. Nós nos conhecemos desde os primeiros dias do punk. Na verdade, ele é meu melhor amigo hoje em dia, sem contar que é um ótimo artista, foi ele quem fez a capa de nosso primeiro disco, capas do Black Flag, e hoje em dia ele está em grandes galerias (risos). Mas ele nunca previu isso também, foi tudo por seu próprio mérito.

Quais são seus projetos para o futuro?
Logo estarei gravando com o The Second-men, e depois um disco com o [artista solo do coletivo Quannum e tecladista do Beastie Boys] Money Mark, chamado *Los Pumpkinheads*.. ◂



▸▸ Mike Watt desde o Minutemen à fase atual ao lado do Iggy Pop e The Stooges

Saiba Mais
www.hootpage.com
www.myspace.com/wattfrompedro

Yo La Tengo

"Holofotes Reversos"

Por Alexandre Charro e Rodrigo Brasil . Imagens divulgação

Qualquer indivíduo que simplesmente ouve ou tem acompanhado a trajetória musical do Yo La Tengo, em qualquer época da banda, pode imaginar que eles não parecem ser o tipo de pessoas que dão boas risadas, o que talvez seja uma condição existencial de algumas bandas indie rock. Por outro lado, neste caso, é incrível a seriedade e a consistência do seu trabalho musical. Depois de 24 anos de estrada, eles estão sempre ampliando seus horizontes musicais e ainda agradam os fãs mais fiéis. Desabafam em apresentações como as freewheelings*, quando estão completamente abertos a interferências do público e a eventualidades, criando uma experiência musical de entretenimento singular e interessante, tanto para a banda como para o público. Outro ponto especial é o trabalho da banda compondo para o cinema, quando Ira Kaplan, Georgia Hubley e James McNew interpretam as imagens e as emoções dos personagens, criando e identificando poesia nessa arte. Em entrevista por telefone, falamos com Ira, cantor, multiinstrumentista e um dos fundadores da banda, sobre essas e outras questões. Falar não é um dos fortes da banda - o que realmente os interessa é fazer seu som. O que é muito admirável.* ››

Depois de 24 anos, como é a rotina de trabalhos do Yo La Tengo?

Bom, tudo depende. Nós não temos uma rotina muito rígida. Atualmente, temos tocado bastante porque nesses últimos meses estamos trabalhando em uma trilha sonora. Enquanto estamos em casa, trabalhamos cinco dias por semana nesse projeto. Quando isso terminar, acho que vamos poder relaxar um pouco entre nossa agenda de shows. Nós tocamos muito ao vivo.

E como é a diferença entre compor para um filme e para um disco do Yo La Tengo?

O processo de uma trilha sonora sempre começa pelas idéias do diretor, que geralmente tem um pedaço bruto do filme com uma música temporária. Então ele nos mostra isso e fala porque gosta dessa música e por qual motivo ela foi escolhida. Você pega tudo isso, as emoções que ele descreveu, as qualidades desejáveis do tema provisório e só então colocamos nossas idéias e traçamos nosso ponto de partida. Tudo começa com a idéia do diretor, e não a nossa. É completamente diferente.

Não sei se vocês viram os filmes em que trabalhamos, alguns têm um estilo parecido com o nosso, mas outros são muito diferentes, acabamos sendo guiados numa direção diferente. Nós não temos toda a liberdade, mas eu gosto disso. Se nós tivéssemos total liberdade nesse processo, estaríamos escrevendo nossas próprias canções para a banda. Eu acho interessante fazer coisas diferentes, nós nunca pensamos seriamente em tornar a banda maior que um trio, mas, ao mesmo tempo, quando temos a oportunidade de trabalhar com outras pessoas, é sempre muito excitante, e trabalhar com filmes é somente outra versão disso. De fato, ainda somos um trio, mas o aspecto de colaboração com pessoas que respeitamos é sempre fascinante e nos proporciona coisas novas, legais e interessantes...

Sobre essas coisas diferentes que acabam se tornando interessantes, você pode falar um pouco sobre a turnê Freewheeling?

Claro! Foi engraçado... No ano passado estávamos no fim de uma turnê e tínhamos alguns dias de folga em casa e um último show em Nova York. Então, fomos chamados para fazer um show numa universidade, e nos pediram para fazermos uma palestra e eu disse "sobre o que vocês estão falando?!" Eles disseram "bem, não precisa necessariamente ser uma palestra, mas vai acontecer em uma sala de palestras, pode ser algo diferente". Ele disse que poderia ser como a gente quisesse. Então nós decidimos levar uma guitarra e alguns equipamentos e ver no que iria dar. Nós não sabíamos se seria uma boa ou má

idéia. A gente não fazia idéia de como as pessoas iriam responder. Não sei se vocês sabem também do programa de rádio na estação WFMU, mas foi algo parecido. Nesse programa, recebemos pedidos de músicas dos ouvintes e tocamos esses pedidos ao vivo. Em troca, os ouvintes faziam uma doação para a rádio. Como acontece no programa, não sabíamos o que viria na seqüência. A noção de estarmos completamente despreparados, falando de maneira que normalmente não falamos em público, é muito excitante e quase assustadora para nós. Foi uma coisa que ficou presa na nossa cabeça: "nossa, nós temos que fazer isso novamente!" E tivemos uma conversa com a nossa gravadora sobre o que eles queriam que fizéssemos, sobre o que nós gostaríamos de fazer, e shows como esse caíram como uma luva.

E qual foi o tipo de perguntas que as pessoas faziam?

Bem, isso variava completamente. Algumas vezes foram perguntas que estavam mais para piadas, você sabe... qualquer coisa do tipo "Quando você vai ao supermercado, escolhe papel ou plástico?" Piadas como essa. Muitas vezes as questões são pedidos de músicas. Você nunca sabe o que pode acontecer. E outra coisa é que nós nem sempre respondemos as perguntas honestamente. No fim das contas, nós estamos lá para entreter... E dependendo das perguntas que vocês me fizerem hoje, eu não vou responder honestamente também! (Risos contidos.)

Ok, vou tomar cuidado então...

Bem, nós dizemos o que queremos dizer. Toda noite, mesmo que as pessoas fizessem perguntas similares nem sempre as respostas eram as mesmas, então cada show era completamente diferente. Nós tocamos músicas que nunca tínhamos tocado antes. A gente aprendeu coisas novas sobre algumas cidades. Quando tocamos em Birmingham, Alabama, aprendemos uma música do Sex Clark's Five, que é do Alabama, coisas como essas...

Vocês têm planos de continuar fazendo isso?

Nós vamos fazer isso pela primeira vez no exterior agora em junho, vamos pra Barcelona na próxima semana. É muito interessante porque acabamos falando muito e só espero que as pessoas possam entender o que estamos falando, vamos ver o que vai acontecer.

"... nós estamos lá para entreter... E dependendo das perguntas que vocês me fizerem hoje, eu não vou responder honestamente..."

Deve ser um show num lugar pequeno, certo?

É, a freewheeling acontece em lugares menores.

A maioria das apresentações que vocês tem feito são em lugares menores ou grandes festivais?

Bem, isso varia bastante. Nós temos feitos muitas apresentações no estilo da Freewheeling, mas a maioria dos shows de rock que fazemos são em grandes festivais. Para esse mês, nós já temos três shows grandes planejados. Às vezes acontece ao contrário.

E sobre seu DJ Set na rádio WFMU, o que te move a fazer isso?

Estou surpreso de você me perguntar isso... Sabe quando você coloca um som depois de

Alguns dos principais filmes em que o YLT se envolveu:

Shortbus .
Dir. John Cameron Mitchell . EUA . 2006
Old Joy .
Dir. Kelly Reichardt . EUA . 2005
JuneBug .
Dir. Phil Morrison . EUA . 2005
Game 6 .
Dir. Michael Hoffman . EUA . 2005
The Book Of Life .
Dir. Hal Hartley . França . 1998

Yo La Tengo . 2007

"...Eu não costumo pensar em questões como essa, sobre o que faz uma banda ser relevante pra mim..."

outro em sua casa, como um DJ particular?
É assim que funciona. Eu tenho um monte de discos em casa, e quando alguém da rádio sugeriu que eu podia fazer isso, perguntei "Sério? você está brincando?(Risos) Porque eu acharia demais!" Foi assim que rolou, acho que já fiz isso umas onze ou doze vezes este ano.

E o programa é bem cedo, não é? Começa às seis da manhã?

O programa das seis da manhã é uma exceção, é sempre pré-gravado, porque é para a internet, então você não precisa fazer ao vivo. Rolou um durante uma maratona que é feita para arrecadar fundos para a rádio. Nesse programa, as pessoas ligam para fazer doações, então esse teve que ser feito ao vivo. Acabei de fazer um nessa quarta, mas esse foi pré-gravado numa hora mais decente.

Você é fã da rádio?

Ah, sou! Claro!

Vocês também participaram de um show para arrecadar fundos para o clube Tonic em NY, certo? Vocês fazem os shows beneficentes de Hanukkah também...

Bem, foi uma pena que o Tonic teve que fechar, era um lugar único para shows em NY, todo mundo reclama que a cidade está mudando pra pior, uma coisa que teve muita publicidade foi o fim do CBGB's, até me deu um pouco de pena, mas na verdade, não; o CBGB's, aberto ou não, havia deixado de fazer parte da minha vida, ou de qualquer outra pessoa que conheço, há muito tempo. As bandas que tocavam lá não me interessavam mais. Nos últimos seis anos fui lá no máximo duas vezes, pra mim o lugar já tinha fechado. Mas o Tonic tinha uma vibração própria, diferente de qualquer outro lugar que havia em NY, então quando eles enfrentaram problemas eu quis ajudar da melhor maneira possível, foi até um pouco egoísta, queria que o lugar tivesse continuado funcionando.
Os shows de Hanukkah são um pouco diferentes, mas começou como uma coisa que era para ser em parte engraçada, e também como um desafio para a banda. Tocar oito noites seguidas é bem excitante. Alguns shows são para arrecadar fundos. Primeiro porque é muito prazeroso ajudar quem precisa, segundo porque não teríamos como pagar algumas bandas que participaram da coisa. Os shows são meio espetaculares. Nunca poderíamos pagar um valor justo para as pessoas, então fica mais fácil dizer "nós não vamos receber, vocês também não receberão". É justo, funciona pra todo mundo, o dinheiro vai para uma boa causa. O Calexico já abriu pra gente, o Tortoise também. São bandas que devem ser a atração principal de uma noite. Isso só funciona se for beneficente.

Vocês gravaram isso?

Gravamos informalmente, gravamos muito shows, mas ainda não passou pela nossa cabeça lançar nada com esse material.

Em meio às milhares de bandas que surgem todo dia, o que para você torna uma banda relevante?

Eu não costumo pensar em questões como essa, sobre o que faz uma banda ser relevante pra mim... É que nem a coisa de tocar na rádio, provavelmente isso me engajou mais em ouvir música do que nos dois anos anteriores, mas acho tudo relevante, não me importa se é atual ou não, eu não dou a mínima pra isso. Acabei de comprar um disco com músicas dos anos 1960, de um grupo de artistas do NY Brill Building... Carole King, Barry Mann, Ellie Greenwich.

Então você prefere os antigos...

É, me identifico mais...

Saiba Mais

www.myspace.com/yolatengo
www.yolatengo.com

HIGH PLACES

PEQUENOS PRAZERES

Por Alexandre Charro e Rodrigo Brasil . Imagem divulgação

Formado por um casal de melhores amigos – Rob Barber e Mary Pearson –, o duo do Brooklyn High Places se encontra às vésperas de lançar seu disco de estréia pelo selo Thrill Jockey, de Chicago. Pela primeira vez ao longo de sua existência, eles se deparam com uma nova e diferente realidade: cresceram e estão saindo de casa.

Os dois se conheceram através de um amigo em comum que tocava na banda The Death Set. Rob morava em Nova York e Mary em Michigan, e a atração foi imediata: "A Mary tem o mesmo entusiasmo pela vida que eu tenho, daí começamos a nos falar direto. Depois de alguns meses ela se mudou para cá e começamos a banda", diz Rob.

No primeiro momento, gravaram um CD-R demo de seis músicas e seguiram rumo à Costa Oeste, para o que se tornou a primeira turnê da dupla. **"A gente só queria viajar e fazer a música que naturalmente fazemos quando colaboramos. Não idealizamos nada. Não sabíamos o que queríamos fazer da vida"**, constata Mary.

De maneira despretensiosa, eles selecionaram algumas músicas que haviam sido previamente lançadas em 7", fora de catálogo, e em algumas coletâneas. Disponibilizaram esse material em formato digital pelo site Emusic. "Foi uma surpresa agradável. A gente não tinha idéia de como a coisa ia rolar. Pensamos que cinco, dez pessoas no máximo, fariam download daquilo", declara Mary. No final das contas a coletânea recebeu boas críticas e alguns milhares de downloads foram realizados, pegando os dois de surpresa.

Em relação à música, Mary e Rob recorrem ao loft aonde vivem e se utilizam de gravador, tambores, guitarra, banjo, violão de doze cordas e alguns instrumentos de percussão, que, após serem fortemente manipulados, são agrupados em diversas camadas sonoras. Sobrepostas, elas dão vida a ritmos tribais hipnóticos, e, até certo ponto, dançantes. **As letras são inocentes e vão desde cartas de amor a desculpas às espécies ameaçadas de extinção.** Os vocais estão imersos no som, e não acima do mesmo.

Em suas apresentações, Rob faz uso de bateria eletrônica e máquina de samplers, enquanto Mary recita as letras e cuida de alguns elementos percussivos. Ao mesmo tempo em que a utilização dos samplers dá maior flexibilidade e liberdade para a dupla, enxergar o que realmente está acontecendo por trás da execução musical se torna uma tarefa que exige boa vontade, o que não é um problema para os dois, como diz Mary: "Achamos que as pessoas já viram muitas guitarras em cima dos palcos. Então tudo bem se algo disso estiver por trás da cena. Isso nos liberta para fazer outras coisas, como tocar percussão ao vivo, por exemplo."

Com a maior visibilidade que a banda vem ganhando, fica impossível não acontecerem mudanças substanciais no seu cotidiano, o que causa desconforto: "O High Places até hoje significa Mary e Rob, nossa amizade, o loft em que moramos e todo o tempo que passamos juntos. É um pouco estranho pensar que existem outras pessoas tomando decisões por nós. Acabamos de conseguir uma pessoa que cuida da nossa agenda de shows, isso ajuda um pouco, mas estamos um pouco tristes de termos parado de marcar nossas turnês e shows nós mesmos. Tentamos responder a todos e-mails que recebemos, precisamos focar na música, mas a possibilidade de perder uma mensagem gera um certo estresse."

Essa preocupação pode ser explicada pelo fato de a dupla encontrar o prazer em pequenas coisas, seja no desejo de nadar ou fazer caminhadas, ou no reconhecimento de crianças de uma escola primária: **"Fizemos três sets seguidos para crianças de diferentes grupos de idade, foi bem louco! Fizemos uma música que virou o hino do colégio deles nesse ano"**, diz Rob.

Mary completa: "Eles moram numa cidade bem pequena, e são bem diferentes das crianças que vejo em Manhattan todos os dias. Talvez um pouco mais protegidos, talvez mais fáceis de impressionar com caixas de som bem grandes. Eles escreveram um monte de cartas de agradecimento pra gente, eu dei um monte de autógrafos! Foi tão doce..."

Para ver e ouvir
hellohighplaces.blogspot.com
www.myspace.com/hellohighplaces

Contatos
www.thrilljockey.com

+REVIEWS

⏩ Lie in the Light . Bonnie "Prince" Billy

Drag City . 2008

Nos anos 1980, existia uma expressão muito comum para caracterizar um disco que causava uma impressão forte em quem o escutava: clássico instantâneo. O passar dos anos e o uso abusivo dessa expressão deram a ela um gosto meio empoeirado. Afinal, eram tantos clássicos que surgiam em uma semana e logo depois iam embora que ficou difícil acreditar na existência de álbuns tão marcantes como *Lie Down the Light*, recém lançado por Bonnie "Prince" Billy. O artista, que também responde pelo nome de Will Oldham, conseguiu superar o disco anterior ("The Letting Go") com fórmula parecida: arranjos grandiosos, letras e melodias lindas e longe de serem fáceis.

Pra quem trilha um caminho parecido com o dele, da música do interior dos Estados Unidos, aparecer com uma coisa nova, tão pessoal e original, parece difícil. Sobretudo quando inovação não diz respeito à adesão a gêneros ou equipamentos da moda, mas a uma nova forma de ver o mundo e a arte. Em músicas como "You Remind Me of Something", ele repisa no estilo balada country, mas carrega na tensão. Tem alguma coisa nova lá, não dá pra entender até escutarmos melhor. E não é à toa: ele faz tudo, menos querer soar como um cantor dos anos 1960 ou 70. Ao mesmo tempo em que lembra de algo que faz parte dele (as referências à mãe são demais), não perde a oportunidade de cantar uma canção que fala de seus amores e de seus sonhos de agora – e que não acaba nunca. Um passado perene.

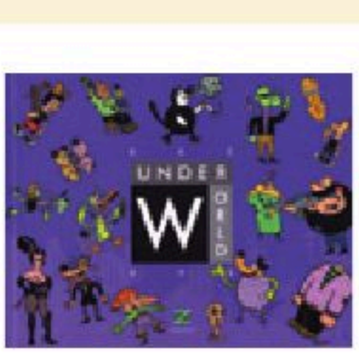
O forte do disco, em seus arranjos e melodias, é tratar do mundo atual sem se desapegar da tradição. Dialoga com R. Kelly (que tem uma canção com o mesmo título) e com a música tradicional norte-americana. Bonnie "Prince" Billy já é um artista com longa carreira (desde os anos 1990, com os projetos Palace), mas ainda é quem tem mais coisas a falar sobre onde vivemos, sem se preocupar a aderir a gêneros ou a estilos pré-determinados. ◂

Por Lauro Mesquita

⏩ Pastiche Nagô . Kiko Dinucci e Bando Afromacarrônico

Desmonta . 2008

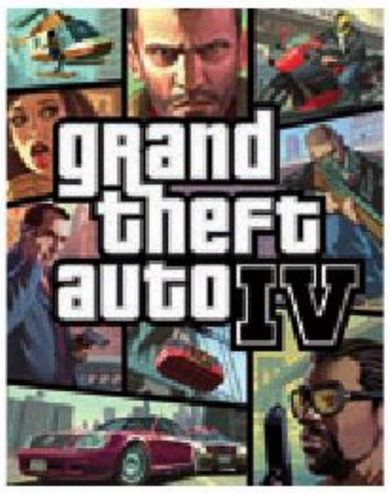
O disco abre com algo que poderia ser uma salsa. Chega o cavaquinho cortando toda a canção. As vozes conferem uma doçura, e a letra deixa bem claras as predileções temáticas e estilísticas do jovem sambista Kiko Dinucci: "Malunga, Água-de-Briga, Marafo, Maria Branca/ Montuava na subida e três tombo na barranca". "Engasga Gato", a faixa de abertura, põe o sambista em lugar nobre: ao lado daqueles que não têm medo de levar o samba pra frente, sem reverência excessiva ao passado e ao mesmo tempo marcando território e respeitando os limites de certa tradição do samba. E qual é essa tradição? A dos afro-sambas de Baden Powell. O disco comporta um frescor, carregado da africanidade esperada de alguém que explora a tradição religiosa nagô, aliada a certo estilo cronístico que faz com que o trabalho dialogue diretamente com o melhor do samba paulistano. E, ao arquitetar expressões retiradas do vernáculo popular, rende homenagem ao grande escritor João Antonio. Posso estar exagerando, mas a canção "Rainha das Cabeças", composta por Kiko e Douglas Germano – seu contumaz parceiro e talento digno de nota – é um clássico instantâneo. O violão de Kiko comporta um lado percussivo determinante à estética do álbum, latente em uma faixa mais lírica como "Ressurreição", e é certamente o traço de personalidade marcante do trabalho. A percussão de Julio César, aliada aos vocais inequívocos de Dulce Monteiro e Railídia, potencializam a singularidade deste álbum – primeiro grande lançamento nacional de 2008. Junto ao álbum, vem como bônus o primeiro EP do grupo, de 2007, devidamente remasterizado. O que intriga, já que os elementos distintivos do grupo já estavam naquele EP, é a quase nula repercussão do mesmo. ◂ Por Arthur Dantas



⏩ Underworld . Kaz

Zarabatana Books . 2008

Kaz é, assim como um Charles Burns ou um Schiavon no Brasil, um artista cult entre aqueles cujas predileções estão no lado negro da força. Não à toa, há comentários de Art Spiegelman e Daniel Clowes na contracapa da edição nacional de suas tiras. No início da década de 90, Kaz criou a tirinha semanal conhecida como Underworld, um exercício estilístico com quarenta graus de febre, pesando nas tintas e em elementos estabelecidos em tiras clássicas estadunidenses, como Krazy Kat, Dick Tracy, Popeye e nos desenhos Looney Tunes. De certa forma, esteticamente, o trabalho de Kaz é pouco requintado, muito mais preocupado em render loas aos mestres do passado do que em criar algo novo. É na temática que ele surpreende. A impressão corriqueira é que o autor começa a história de onde os outros pararam, observando tudo de um ângulo sujo e nonsense, sem espaço para moral de história ou conclusões edificantes. E assim, com seus personagens estranhos, violentamente patéticos e psicóticos, Kaz, após oito livros publicados, é um dos queridinhos da crítica nos EUA e tem tudo para conquistar os leitores daqui, cansados da caretice reinante. ◂ *Por Arthur Dantas*



Grand Theft Auto 4

PS3/XBOX 360 . 2008

Ok, você já deve ter ouvido que esse é o melhor jogo de 2008. E, para quem curte esse tipo de jogo, é sim! Ele tem tudo: uma boa história, trilha sonora variada, gráficos fora do comum e muita ação. Se você jogou algum GTA, sabe do que eu estou falando. É um jogo para você desaparecer de baladas, reuniões de trabalho, almoços com os pais, essas coisas. Porém, não é um jogo 100% em tudo. Antes que vocês me matem, aí vão minhas duas reclamações:

1. A apresentação demora muito, e toda vez que você vai jogar tem que ver!
2. Mesma história de sempre. Vai lá, mata alguém. Volta, mata alguém. Vai pra esquerda, mata alguém. Rouba um carro, mata alguém. Leva alguém para passear, mata alguém. Foge da polícia, mata alguém...

Eu sei , é o estilo do jogo (depois do GTA, 70% dos outros jogos copiaram esse estilo), o problema é que, depois de fazer trinta vezes a mesma coisa, com o mapa gigante que o jogo tem, você não agüenta mais ouvir as rádios, fica de saco cheio de andar pela rua e quer chegar logo nas missões. Mas, se você tem paciência, a diversão é garantida.

E o que o jogo tem de legal? Tudo. Sim, o cenário é muito foda, as rádios de rock, música eletrônica, rap, dub, jazz, etc. A história do jogo é muito legal, e a novidade é que você agora pode jogar multiplayer. Na história você encarna Niko Belic, que chegou da Europa clandestinamente, para fugir do seu passado e conseguir fazer fortuna em Liberty City - se você achar a cidade a cara de Nova York, nem esquenta, ela foi construída baseada em NY - só que para isso você vai ter que trabalhar para o submundo do crime. Já viu, né? GTA 4 é sim um dos melhores jogos de 2008, é um Second Life para quem quer brincar de bandido... *Por Breno Tamura*

+REVIEWS

⏩ King Kong e Cervejas . Fabrício Corsaletti

Companhia das Letras . 2008

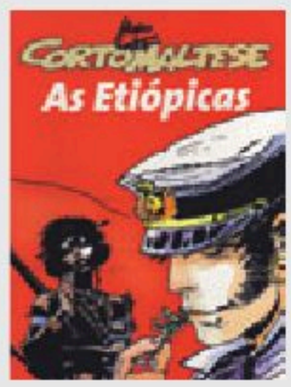
Banalidade e rotina. Esses são os elementos fundamentais do livro de estréia na prosa do até então poeta Fabrício Corsaletti. Os contos desta brilhante radiografia da juventude no interior do país não cedem à nostalgia, de um lado, e nem à catarse dramática, de outro. O trunfo do autor é criar um narrador que vive em eterno descompasso com o resto da turma. Não porque tenha uma postura blasé ou se considere melhor que os outros; ele simplesmente demora a entender o que se passa ao seu redor, como se a morosidade da vida vivida tivesse encarnado nele. Obviamente, por trás dessa fachada prosaica, há a mão firme e certeira de um autor que dá dimensão plena às frases e que revela um trabalho muito esmerado de linguagem, que contempla o que se espera de um raciocínio de um jovem (o narrador do livro), mas revela a acuidade na percepção das pequenas coisas, tão presente na poesia de Corsaletti. Em um conto, o narrador, ao apanhar de um colega valentão, lança uma frase patética cheia de fúria: "Eu vou inventar uma luta!" No conto, os amigos caem na gargalhada. Na vida real, a luta inventada por Corsaletti – sua ficção – só merece aplausos. ◂ *Por Arthur Dantas*

⏩ At Mount Zoomer . Wolf Parade

Sub Pop . 2008

Após seu disco de estréia, Apologies to the Queen Mary, a dupla – formada pelo vocalista e tecladista Spencer Krug e Dan Boeckner, vocalista e guitarrista –, chegou a escrever quatro ou cinco faixas novas que supostamente fariam parte do novo trabalho do Wolf Parade. Descontentes com o material, que julgaram muito parecido com o que já havia sido feito em Apologies..., resolveram jogar tudo no lixo. Segundo eles, uma das coisas mais fáceis de fazer seria continuar na mesma linha do seu primeiro disco, mas, comprometidos com a tarefa de criar algo novo, seguiram para um período de experimentação numa igreja de Montreal, de propriedade do Arcade Fire.

O resultado dessas sessões originou At Mount Zoomer, novo disco da banda. Ao contrário do que aconteceu no álbum anterior, em que os diferentes estilos dos dois compositores nem colidiram nem se fundiram, desta vez a questão autoral das músicas deixou de ser fato relevante, pois, acima de qualquer coisa, nos deparamos com músicas do Wolf Parade. Exemplo disso pode ser ouvido na faixa "Language City", escrita por Dan, onde o piano é veículo para o refrão: All this working/ Just to tear it down. E não importa quantos projetos essa banda venha a revelar num futuro próximo, as canções deste disco devem ficar entre nós por um bom tempo, quem sabe alguns meses. ◂ *Por Rodrigo Brasil*

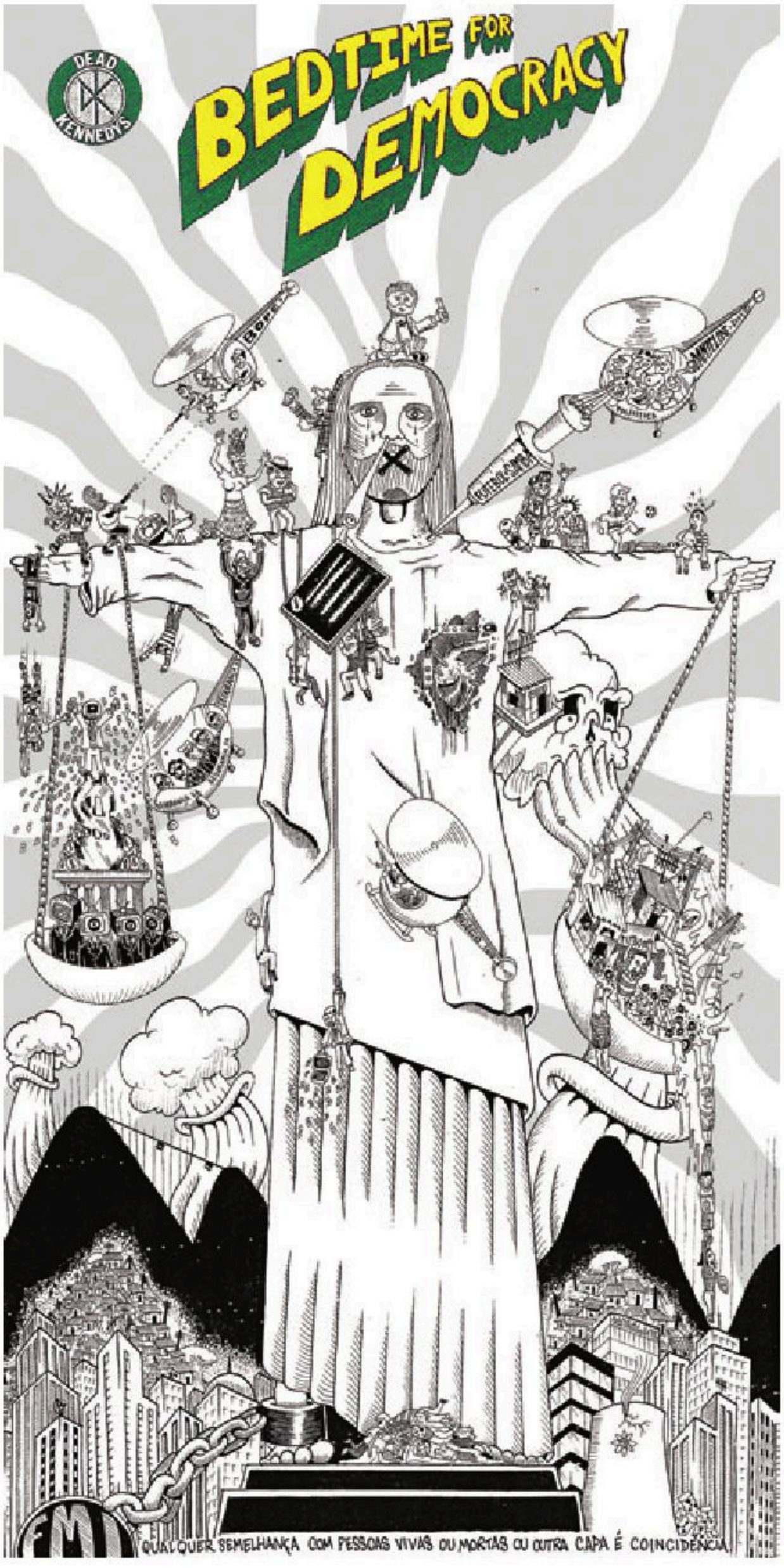


⏩ Corto Maltese - As Etiópicas . Hugo Pratt

Pixel Media . 2008

Muito antes de o multiculturalismo virar uma tendência intelectual chique, do surgimento do rótulo world music, ou, mais recentemente, música global, havia um artista das histórias em quadrinhos que encarnava as premissas de um mundo sem fronteiras, onde haveria respeito e entendimento entre as várias culturas e especificidades locais. O autor é Hugo Pratt, e o personagem apátrida e libertário (alter-ego do autor) é o marinheiro bon vivant Corto Maltese. As Etiópicas, quarto álbum da série, apresenta as aventuras do marinheiro na África Oriental, durante o período do colonialismo europeu, imediatamente no pós-Primeira Guerra Mundial. Há ali as ponderações de Corto sobre a inutilidade das guerras, o misticismo de um continente mágico (Pratt ama e sabe como poucos enaltecer o que é próprio de um povo), os amores na contramão de Corto, lutas fatais, há morte e há alegria. Enfim: toda história de Pratt é um elogio à vida. Seu estilo é devedor dos grandes clássicos das HQs, seguindo os passos de autores como Milton Caniff e Alex Raymond, por exemplo. Seus desenhos em preto-e-branco são carregados de dramaticidade, cada quadro expande o texto e guarda um sentimento muito vivaz. Os personagens de Pratt têm uma atração irresistível pela aventura, não conseguem escapar de confusões e situações arriscadas, e as paixões são sempre temerárias: em uma passagem do álbum anterior, Corto pergunta diretamente ao leitor "Por que eu sempre me apaixono pelas mulheres que estão do lado errado?" Ainda que Pratt seja um dos quadrinistas mais eruditos de toda a história, carregava consigo uma paixão pela HQ de aventura que torna suas histórias sempre acessíveis. Tal qual uma droga, quem se aventura por seus álbuns dificilmente pára por aí; acaba sempre querendo mais e mais. Por isso, se quiser ler ao menos um grande álbum de HQ em sua vida, escolha Corto Maltese. ◂ *Por Arthur Dantas*

+VERSÕES E SUBVERSÕES



Daniel Cacciatore

Dead Kennedys é uma banda que eu curto desde meus 11 anos, e as letras do Jello Biafra me ensinaram mais sobre politica do que qualquer livro ou filme. Quando eu li a entrevista dele para o André Barcinski no Noticias Populares (depois publicada no livro Barulho) em que ele perguntava sobre o Collor e sobre a Globo eu imaginei como seria se o Dead Kennedys fizesse um disco sobre o Brasil falando dos nossos problemas politicos, sociais, educacionais etc...

+QUEM SOMA . Bruno Kaskata . Por Renato Silva

"Às vezes eu me sinto um alien por trabalhar de maneira tão solitária." Essa frase não deveria soar estranha, se não fosse extraída da fala de Bruno "Kaskata" Lancellotti, jornalista formado pela Faculdade Casper Líbero de São Paulo, 30 anos – treze dos quais dedicados a promover o ska no país – e dono do selo **Radiola Records**.

Por tudo que realizou em sua curta trajetória, chega a espantar essa carga de decepção naquele que é o responsável por agradáveis surpresas no que se refere ao lançamento no Brasil de artistas emblemáticos ligados à música jamaicana, e, para a nossa alegria, da vinda de muitos desses ao país. Numa dessas manhãs sufocantes de céu por entre os tons de cinza e marrom, sou convidado a me sentar num aconchegante sofá de sua casa, onde vive com a mãe. Sou recebido com a simplicidade com a qual o Sr. "Kaskata" conduz o seu trabalho.

Conversamos sobre o surgimento do ska no Brasil e também sobre o fato de artistas brasileiros terem feito versões do gênero na Jovem Guarda. "O ska pintou por aqui acidentalmente nos anos sessenta, e a geração da Jovem Guarda não tinha idéia de que 'Shame e Scandal', regravada por Renato e seus Blue Caps ou 'My Boy Lollypop' na versão da Wanderléia eram ska e rocksteady." Questiono uma possível responsabilidade dos Paralamas do Sucesso em divulgar de fato o ska no país. "Não, não! O ska de fato foi divulgado no início dos anos noventa", afirma, categórico. Sem deixar espaço para réplicas, continua: "Toda a informação que saiu dos Estados Unidos, da Europa, chegou aqui na mesma época em que chegava à América Latina, e havia três grandes bandas no continente com um som influenciado pelo ska: o Desordem Público da Venezuela, os Fabulosos Cadilacs da Argentina e os Paralamas. No caso do Paralamas, aqui se vendeu como rock brasileiro e não importava se era punk ou o que seja. A única banda brasileira que marcava essas características na época era o Kongo, do Rio."

Bruno não faz rodeios quando se trata de suas escolhas e trabalhos, um cara "sem *ideinhas*", como disse Frederico Finelli, dono da Submarine Records, num elogio que acaba sendo retribuído pelo amigo quando perguntado sobre quem no Brasil faz um trabalho sério e independente. "Um exemplo de cara sério, que trabalha com integridade. Um cara que sabe muito bem trabalhar no equilíbrio entre o que pode e gostaria de fazer e o que pode realizar, diz Kaskata."

A Radiola Records, selo do qual é o dono e que trabalha com o ska e todas as suas vertentes, é um exemplo de profissionalismo dentro do mercado independente. Tocando a empreitada juntamente com Rodrigo Cerqueira, que integra o grupo Firebug, Bruno sabe escolher aqueles que quer representar em sua gravadora, em que a música jamaicana é o foco. "Meu sonho é poder um dia organizar melhor a Radiola, estabelecer metas e cumpri-las de maneira que eu não me canse tanto." O mercado independente do país apresenta resultados pouco gratifican-

tes para quem produz e, na maioria das vezes, para quem usufrui da produção e dos frutos por essa gerados.

O trabalho desenvolvido pela Radiola, apesar de sua relevância dentro do mercado atual, infelizmente é pouco reconhecido fora do meio independente. Nada de novo, se relacionarmos o fato a esse estagnado mercado musical brasileiro, onde somente os que se esforçam ao limite do absurdo realizam façanhas como o festival Sonhos de Uma Noite de Verão, produzido por Bruno e que reuniu nos anos de 2006 e 2007 em São Paulo um pouco da nata do ska e do rocksteady.

A paixão pelo gênero se deu no início dos anos 1990. "Meu primo, Rica Caveman era vocalista do Nomad, uma das bandas mais bacanas do reggae paulistano nos anos 90. Ele foi pioneiro no dancehall por aqui e ainda hoje segue participando de shows com a galera da nova geração. O irmão dele tocava teclado e hoje é repórter da ESPN Brasil. Foi ele quem me mostrou pela primeira vez um LP da Studio One, justamente o *Ska Authentic*, dos Skatalites. Mas atribuo a descoberta e o entendimento do que era o Ska a um outro primo, ligado ao punk. Quando ele apareceu com um álbum do Dead Kennedys é que eu quis ir atrás de música na galeria do rock." Essa descoberta rendeu vários frutos. O primeiro deles foi o zine Kaskata. Já no final da década, viria o trabalho que lhe trouxe maior reconhecimento e, em suas próprias palavras, o que mais lhe agradou: o "Skabadabadoo!" na Brasil 2000 FM, de 1997 a 2002.

Kaskata é um apelido que carrega da época da Brasil 2000. "Éramos eu e outro cara fazendo o programa, e a rádio pediu um codinome para os dois. Eles sugeriram o Kaskata por conta do fanzine e também pela sonoridade da palavra. O engraçado foi que pro outro cara, que era um japonês, deram o codinome de 'Alemão'(risos)." Sobre o papel da mídia na divulgação do ska, Bruno solta o verbo. "Não posso negar que existe uma bronca com relação à maneira com que a imprensa trata das coisas. Isso me frustra demais. Sou jornalista também e sei bem como funcionam as coisas, como é a cadeia de prioridades dentro de uma empresa de comunicação."

A inquietude perene de Kaskata é latente. Os rumos a serem tomados, principalmente se o acaso bater em sua porta e uma possível mudança se fizer necessária, em direção àquela que é a sua carreira de origem, não parecem incomodá-lo muito. Ele busca seus sonhos e os coloca como prioridades. "Sou um cara que aprendeu a pensar na faculdade de jornalismo, mas deixei a CBN pra depois. **Estou bastante longe de conseguir minha independência financeira. Ainda moro com minha mãe, minhas coisas estão todas entulhadas aqui, tenho minhas contas a pagar. Mas eu tenho sorte de ser um cara bem instruído, que não vai ficar na rua caso as coisas dêem errado."** ◂

▸▸ Saiba Mais

www.radiolarecords.com.br

Matéria completa em www.maissoma.com

Oi, Velocidade

. Por Gustavo Mini

Um dos clichês mais comuns que se ouve em elevadores e restaurantes a quilo é ouvir comentários sobre como **"as coisas estão aceleradas"**: o ano passa mais rápido, as crianças crescem mais rápido, os carros correm mais rápido, os computadores estão mais rápidos, os celulares ficam descartáveis mais rápido, as bandas surgem e somem mais rápido, as tendências brotam e se dissolvem mais rápido.

Pois é. Estamos correndo tanto que não é preciso nem mesmo correr para estar rápido. Mesmo quem está chapado na cama, vendo televisão e ouvindo vinil com um celular de 2005 que só manda e recebe mensagens, está correndo. Qualquer um que hoje fique parado no seu lugar está indo mais rápido do que seus antepassados recentes. **Não tem jeito.** Estamos dentro de um trem bala e ninguém ousaria puxar a cordinha do freio de emergência. Isso afetaria de modo irreversível o lançamento do próximo iPhone.

Existe uma série de explicações para esse fenômeno. Elas podem vir com o viés da economia, da tecnologia, da biologia, da física ou da história. Como eu não domino nenhuma dessas disciplinas e nem li Paul Virilio (considerado o filósofo da velocidade), tive que inventar minha própria tese.

A velocidade tonteia, mas também dá barato. Oferece uma sensação maior de suposta solidez dos nossos mundos interno e externo. É a vida feito flip-book: se continuarmos folheando rapidamente, poderemos ver nossa história se desenrolar. Se pararmos, só sobrarão desenhos estáticos em seqüência - uma série de fotogramas pintados à mão que, pausados, surgem com detalhes. Olhar esses detalhes é o ônus de estancar a velocidade. Mas é também o bônus. É possível enxergar os contornos, as pinceladas de cor, a textura do papel - veja você, se percebe até que havia papel envolvido na história.

É difícil tratar do assunto sem resvalar em um moralismo que leve à apologia da lentidão. A velocidade está aí e ponto final. Mas pelo menos, por uma questão de educação, a gente podia parar por um segundo, nem que seja pra olhar na cara dela e fazer o que não fizemos ainda: **dar "oi".**

Gustavo Mini é **editor do blog Conector**
www.conector.blogspot.com

DE BRENO TAMURA:

DIAS de um FANTASMA SUICIDA Ep.6

TRILHA SONORA:
RADIOHEAD -
WEIRD FISHES/ARPEGGI

SEXTA FEIRA 18:45

21:07

23:31

SÁBADO 00:27

00:56

02:44

03:18

06:03

NÃO, NEM FOI TÃO LEGAL ACHO QUE HOJE VAI SER MELHOR

14:09

+ENDEREÇOS

Alexandre Herchcovitch .
Rua Haddock Lobo . 1151
Jardins . São Paulo . SP
11 3063 2888
www.alexandreherchcovitch.com.br

Cia de Foto .
Rua Amaro Cavalheiro . 316/318
Pinheiros . São Paulo . SP
11 3034 6269
www.ciadefoto.com.br

Companhia das Letras .
www.companhiadasletras.com.br

Conrad Editora .
Rua Simão Dias da Fonseca . 93
Cambuci . São Paulo . SP
11 3346 6088
www.conradeditora.com.br

Desmonta .
www.desmonta.com

Devassa .
www.devassa.com.br

Drag City .
www.dragcity.com

Galeria Brito Cimino .
Rua Gomes de Carvalho . 842
Itaim . São Paulo . SP
www.britocimino.com.br

Galpão Fortes Villaça .
Rua James Holland . 71
Barra Funda . São Paulo . SP
www.fortesvilaca.com.br

Galeria Luisa Strina .
Rua Oscar freire . 502
Cerqueria César . São Paulo . SP
www.luisastrina.com.br

Element / Nixon / Von Zipper .
Rua Oscar Freire . 909
Jardins . São Paulo . SP
11 3081 2798
www.elementskateboards.com

Maria Garcia .
Rua Oscar freire . 1105
Cerqueria César . São Paulo . SP
11 3062 0140
www.mariagarcia.com.br

Neon .
Rua Baronesa de Itu . 42
Santa Cecília . São Paulo . SP
11 3828 1920
www.neonbrazil.com

Nike .
www.nike.com

Pintar .
Rua Cotoxó . 110
Pompéia . São Paulo . SP
11 3873 0099
www.pintar.com.br

Pixel Media .
www.pixelmediaquadrinhos.com.br

Playstation .
www.playstation.com.br

Simone Nunes .
Rua Arthur de Azevedo . 1117
Pinheiros . São Paulo . SP
www.simonenunes.com.br

Subpop .
www.subpop.com

Volcom .
Alamenda Lorena . 1835
Jardins . São Paulo . SP
11 3083 1883
info@surfco.com.br

V-Rom .
Alameda Lorena . 1922 .
Jardins . São Paulo . SP
11 3063 5823
www.vrom.com.br

Zarabatana Books .
www.zarabatanabooks.com.br

É AQUI QUE OS MESTRES
DE OUTRAS CERVEJARIAS VÊM
BUSCAR O QUE NÃO ENCONTRAM
DENTRO DE CASA.

BEBA COM MODERAÇÃO.

DEVASSA
Um tesão de cerveja

NIKE
SPORTSWEAR

08.08.08

NIKESPORTSWEAR.COM

DESCENDENTS
TODAY
Circle Jerks
SOCIAL DISTORTION
MISFITS
CLASH
BLACK FLAG
ALL AGES
FRIDAY DEC. 10

MISFITS
EXPLOITED
BLACK FLAG
SUNDAY NOVEMBER

+SOMA
"NA KOMBOSA"
APOIO:
NIKE